UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROF-FILO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

ANA MARIA ALVES SANTOS DA LUZ

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN

Recife

2024

ANA MARIA ALVES SANTOS DA LUZ

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Núcleo da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Filosofia e Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Amorim de Almeida Melo

Recife

2024

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

L979e Luz, Ana Maria Alves Santos da.
O ensino de Filosofia no ensino médio : contribuições de Edgar Morin / Ana Maria Alves Santos da Luz. – 2024.
162 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Elizabete Amorim de Almeida Melo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, Recife, 2024.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Filosofia. 2. Filosofia – Estudo e ensino. 3. Filosofia (Ensino médio). 4. Morin, Edgar, 1921-. I. Melo, Elizabete Amorim de Almeida (Orientadora). II. Título.

100 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2024-138)

ANA MARIA ALVES SANTOS DA LUZ

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN

Aprovada em: 05/07/2024

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Elizabete de Amorim de Almeida Melo (Orientadora)
Universidade Federal de Alagoas

_____

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Walter Matias Lima (Examinador Externo)
Universidade Federal de Alagoas

Dedico essa dissertação a minha família: a Ana Beatriz e Aline Tainá, filhas que amo e, por elas, busco meu melhor; ao meu esposo Arnaldo Adriano, por seu amor e por estar sempre comigo nos bons e maus momentos, no sofrimento e na alegria, na saúde e na doença, especialmente, nesses dois últimos anos que estive cursando o PROF-FILO e, ao mesmo tempo, tratando de dois aneurismas cerebrais.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à Deus pelo dom da vida e oportunidade de cursar esse Mestrado pelo PROF-FILO, após 14 anos de atuação como professora de Filosofia na escola pública EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE. Lembro-me do desafio que foi trabalhar com Filosofia na sala de aula, sendo graduada em Pedagogia, pois a Filosofia me fazia estudar cada dia mais.

Assim como na graduação, agradeço ao meu pai José Mendes dos Santos (em memória) pelo orgulho que tinha de mim, sua primeira filha e professora com formação superior, pelos ensinamentos e lembranças que me fazem ser persistente e determinada em meus empreendimentos; e a minha mãe Maria das Graças Alves que sempre se fez presente com dedicação, simplicidade e amor. Aos meus irmãos e irmãs pela convivência, conselhos e momentos de descontração que sempre me inspiram.

Quero agradecer ao meu esposo, Arnaldo Adriano, por todo seu companheirismo, incentivo, amizade e amor, sem o qual não teria nem começado esse curso tão distante de casa; por sua torcida, sua alegria e seu amor na convivência. Amo você!

Agradeço as minhas filhas Ana Beatriz e Aline Tainá, que além de me inspirarem ser uma pessoa melhor, colaboraram para mais essa formação profissional, demonstrando amor e carinho, mesmo sentindo minha ausência.

Agradeço à todos os professores do PROF-FILO, especialmente minha orientadora profa. Dra. Elizabete Amorim de Almeida Melo, pelo excelente trabalho de orientação, pela amizade e paciência.

Ao professor Dr. Junot Cornélio Matos, minha gratidão por seus ensinamentos, por seus escritos, por sua amizade e exemplo de resistência e militância no campo da Filosofia e da Educação, uma verdadeira inspiração para nós que acreditamos que a educação é o caminho para realização de sonhos.

Às minhas colegas professoras e aos meus colegas professores do PROF-FILO que contribuíram para essa formação acadêmica e profissional. De modo particular – Carla, Paulo Eudes, Paulo César, Jonas, Leonardo e Romualda, pelo companheirismo, carinho, alegrias, amizade e dificuldades vencidas nas viagens de volta para casa.

A gestão da escola (*locus* da pesquisa) e aos meus alunos/as do 2º ano (2022) e 3º ano (2023), sujeitos que evidenciam a prática dialógica para a construção da ética e o enfrentamento das incertezas frente ao conhecimento, na relação com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Obrigada queridos/as por aceitarem o desafio de refletirmos juntos sobre o Ensino de Filosofia.

“A incerteza é o habitat natural da vida humana - ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor de atividades humanas”.

[...]

“A incerteza foi sempre o chão familiar da escolha”.

Zygmunt Bauman

RESUMO

O Ensino de Filosofia no Ensino Médio será refletido à luz do pensamento moriniano, partindo dos temas: “Enfrentar as incertezas” e “A ética do gênero humano”. Objetivamos enfrentar as dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as, tendo como pressupostos a reflexão a respeito da incerteza e da ética do gênero humano nas turmas do 2º ano A (2022) e 3º ano A (2023) da escola campo de nossa pesquisa. Para essa reflexão e proposta de intervenção, lançamos mão da questão problema: Como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir com o enfrentamento das incertezas e das dificuldades de aprendizagem do/a jovem Estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE? Nesse sentido, destacamos como pressupostos: O Ensino de Filosofia no Ensino Médio pode colaborar para a educação do século XXI, pautada no enfrentamento das incertezas, partindo do ensino da ética do gênero humano segundo o pensamento de Edgar Morin (2000). Com o intuito de afirmar esse pressuposto e de responder nossa problemática, elencamos alguns objetivos como: 1. Investigar os principais problemas de aprendizagem em Filosofia; 2. Dialogar com os conhecimentos apresentados no livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, de Edgar Morin; 3. Desenvolver os temas “incerteza e ética”, partindo das metodologias ativas da aula e aprendizagem invertida, exposição dialogada, estudo em grupo e roda de conversa; 4. Realizar consulta e leitura de textos relacionados às incertezas históricas e presentes, bem como da necessidade da ética, dialogando com o contexto; 5. Constatar como o Ensino de Filosofia no século XXI pode contribuir com o enfrentamento das incertezas e das dificuldades de aprendizagem. Nossa proposta de intervenção será realizada partindo de um estudo de caso, com abordagem qualitativa de acordo com Lüdke e André (2018), metodologias ativas de aprendizagem e aula invertida conforme Melo, Almeida Neto e Petrillo (2021).

Palavras-chaves: Ensino de Filosofia. Edgar Morin. Condição Humana. Incertezas. Antropoética.

RESUMEN

La enseñanza de la filosofía en la escuela secundaria se reflejará a la luz del pensamiento de Morin, a partir de los temas: "Frente a las incertidumbres" y "La ética del género humano". Pretendemos hacer frente a las dificultades de aprendizaje de los estudiantes, teniendo como supuestos la reflexión sobre la incertidumbre y la ética de la raza humana en las clases de 2º curso A (2022) / 3º curso A (2023) de la escuela de campo de nuestra investigación. Para esta propuesta de reflexión e intervención, hacemos uso de la pregunta problema: ¿Cómo puede contribuir la Enseñanza de la Filosofía en el siglo XXI para enfrentar las incertidumbres y dificultades de aprendizaje del joven Alumno de Enseñanza Media de la Escuela EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE? En este sentido, destacamos los siguientes supuestos: La Enseñanza de la Filosofía en la Escuela Media puede contribuir a la educación del siglo XXI, a partir de la confrontación de las incertidumbres, a partir de la enseñanza de la ética de la raza humana según el pensamiento de Edgar Morin (2000). Para afirmar esta suposición y responder a nuestro problema, enumeramos algunos objetivos como: 1. Investigar los principales problemas de aprendizaje en Filosofía; 2. Diálogo con los saberes presentados en el libro "Los siete saberes necesarios para la educación del futuro", de Edgar Morin; 3. Desarrollar los temas "incertidumbre y ética", a partir de las metodologías activas de la clase y el flipped learning, la exposición dialogada, el estudio en grupo y círculo de conversación; 4. Consultar y leer textos relacionados con las incertidumbres históricas y presentes, así como con la necesidad de una ética, dialogando con el contexto; 5. Comprobar cómo la Enseñanza de la Filosofía en el siglo XXI puede contribuir a afrontar las incertidumbres y las dificultades de aprendizaje. Nuestra propuesta de intervención se llevará a cabo a partir de un estudio de caso, con un enfoque cualitativo según Lüdke y André (2018), metodologías activas de aprendizaje y clase invertida según Melo, Almeida Neto e Petrillo (2021).

Palabras clave: Enseñanza de la Filosofía. Édgar Morín. Condición humana. Incertidumbres. Antropoética.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA 18

2.1 A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO 20

2.2 A BNCC, O NOVO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO E A FILOSOFIA 24

2.3 A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO NO ESTADO PERNAMBUCO 34

2.4 O ENSINO DE FILOSOFIA NA EREM JACOB ANTÔNIO DE OLIVEIRA 39

2.4.1 *A Filosofia no Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira* 42

3 CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN PARA O ENSINO DE FILOSOFIA....46

3.1 A CONDIÇÃO HUMANA 53

3.2 O ENFRENTAMENTO DAS INCERTEZAS 55

3.3 A ÉTICA DO GÊNERO HUMANO 60

4 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO 65

4.1 A PRÁTICA DIALÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA 66

4.2 PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA 68

4.3 PERCURSO DA INTERVENÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA: O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR 73

4.3.1 *Ensino de Filosofia e as incertezas no 2º ano (2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira: Aplicação de um questionário semiestruturado* 75

4.3.2 *O trabalho com o tema: Enfrentar a incerteza* 92

4.3.3 *Trabalhando com o tema: A ética do gênero humano* .....;... 107

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 138

REFERÊNCIAS 143

APÊNDICE A - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL 148

APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .. 149

APÊNDICE C - ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A) 151

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS) 152

APÊNDICE E - CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO 154

ANEXO A - SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS 155

ANEXO B - RUBRICA 159
ANEXO C - IMAGENS 2º ANO A (2022) 160
ANEXO D - IMAGENS 3º ANO A (2023) 161

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta uma reflexão acerca do Ensino de Filosofia, das dificuldades de aprendizagem apresentadas nessa disciplina e das incertezas presentes em nosso contexto e na vida dos/as estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio Jacob Antônio de Oliveira – EREMJAO, no município de Orocó-PE.

Com a perspectiva do enfrentamento das dificuldades de aprendizagens em Filosofia[1] e das incertezas, buscamos compreender nossa prática docente, partindo do pensamento pertinente, do ensino da condição humana e da ética do gênero humano presentes no livro *Os sete saberes necessários a educação do futuro*, de Edgar Morin (2000). Temas esses que refletem a questão do conhecimento, do humano e da ação humana no mundo.

Considerando que já não "temos as certezas das civilizações tradicionais de um tempo cíclico", como afirma Edgar Morin (2000, p. 80) e que vivemos em uma sociedade de constantes transformações, evoluções e revoluções científicas e tecnológicas tão aceleradas com a "velocidade e aceleração dos processos complexos e aleatórios de nossa era planetária" (Morin, 2000, p. 80), o sentimento é de não possuir pernas para alcançar ou acompanhar o ritmo das mudanças.

Estamos inseridos na sociedade da incerteza e da transformação, conforme também afirma Morin (2000). Nesse contexto, nos deparamos com o fato de ter que escolher entre dois caminhos: parar e desistir, deixando a vida passar por você com seu fazer sempre igual; ou ergue-se e agir, encarando seus desafios, questionando, investigando, buscando as melhores soluções para conviver e sobressair às dificuldades advindas de mudanças que teremos que adaptarmos cada vez mais rápido.

Nesse sentido, Morin (2000, p. 79) aponta a necessidade da tomada de consciência da incerteza e que não devemos paralisar diante das interferências históricas, sociológicas e econômicas, pois "[...] a história humana foi e continua sendo uma aventura desconhecida". Contudo, ele ainda nos alerta para o fato de que "[...] a ação é decisão, escolha, mas também uma aposta. E, na noção de aposta, há a consciência do risco e da incerteza" (Morin, 2000, p. 86).

De acordo com Morin (2000, p. 40), "A filosofia, que é por natureza a reflexão sobre qualquer problema humano, tornou-se, por sua vez, um campo fechado sobre si mesmo". E acrescenta a essa crítica outro ponto importante quando diz que: "Os problemas fundamentais

[1] Filosofia: como objeto de estudo e resistência, optamos por escrevê-la sempre com inicial maiúscula.

e os problemas globais estão ausentes das ciências disciplinares. [...] salvaguardados apenas na filosofia" (Morin, 2000, p. 40).

O que nos faz pensar a respeito da responsabilidade e da necessidade que devemos ter enquanto professores de Filosofia, pois, em pleno século XXI precisamos resistir para que a Filosofia continue na educação dos jovens do Ensino Médio e que seu Ensino seja integrador de questões filosóficas que nutram a reflexão e a ação e perpassam o espaço da sala de aula.

Partindo da necessidade de um Ensino de Filosofia que faça sentido para os estudantes, e os ajude a enfrentar as incertezas, torna-se imprescindível também entender e superar as dificuldades de aprendizagem em Filosofia enquanto disciplina na sala de aula.

Tomamos então, as turmas do 2º ano A em 2022 e 3º ano A em 2023, buscando entender o momento em que estamos vivendo nessa terceira década do século XXI, convivendo com os avanços tecnológicos e científicos por um lado e, por outro, o adoecimento humano e a destruição do planeta, que vem provocando tantas dificuldades, incertezas e medo de enfrentá-las. Mas, de acordo com Morin (2000, p. 85), "Nova consciência começa a surgir: a humanidade é conduzida para uma aventura desconhecida".

Embarcando nesse pensamento de Morin, queremos destacar a necessidade de pensar as dificuldades de aprendizagem em Filosofia, partindo do enfrentamento das incertezas e, enquanto ser humano, tomando consciência da ação ética, mesmo que isso constitua uma aventura desconhecida.

Ainda de acordo com Morin, não podemos deixar de navegar no oceano de incertezas, pois sabemos que somos capazes de agir, se aventurar. "[...] aprender a navegar em oceanos de incerteza em meio a arquipélagos de certeza" (2000, p. 16), ou seja, é necessário enfrentar o momento que estamos vivendo com todas as suas nuances e desafios com a única certeza que temos que agir e reagir a elas, antes que as incertezas provocadas pelas revoluções tecnológicas e científicas nos paralisem ou nos conduzam a um distanciamento das ações éticas que constroem e reconstroem o humano em seu processo de humanização.

Tendo em vista que a educação possa ser um instrumento de libertação, como já foi defendida por Paulo Freire (1996), a Filosofia como parte integrante do currículo do Ensino Médio enquanto disciplina[2], também pode ser utilizada como um recurso emancipador, principalmente porque ela (a Filosofia) faz parte do processo de ensino e de aprendizagem de jovens e adolescentes inseridos na sociedade da informação e da comunicação.

[2] Aqui se configura como ciência ou "matéria escolar ou campo de conhecimento humano ensinado aos estudantes na escola". Disponível em: https://www.significados.com.br/disciplina/ e; https://conceito.de/disciplina. Acesso 20 abr. 2024.

Nesse contexto, se faz necessário repensar o Ensino da Filosofia no século XXI. Considerando que a prática de ensino de um componente[3] curricular tão nobre quanto as demais disciplinas no desenvolvimento do ser em sua integralidade e complexidade humana, conclui-se que elas devem proporcionar a reflexão crítica acerca da realidade em que estamos inseridos.

A partir dessa constatação sobre a importância da reflexão filosófica com jovens no Ensino Médio, esta dissertação de mestrado **pretende discutir/refletir sobre o Ensino de Filosofia no século XXI**. Para tanto, teremos como guia norteador o pensamento e as contribuições do pensador francês Edgar Morin (2000) em relação à educação do futuro, principalmente acerca dos saberes inerentes ao enfrentamento das incertezas e da ética do gênero humano, como já foi afirmado.

Com este referencial teórico, buscaremos compreender e procurar possíveis formas de superação das dificuldades de aprendizagem dos/as estudantes do Ensino Médio da EREM Jacob Antônio de Oliveira na disciplina de Filosofia.

Nosso interesse pelo tema se justifica por estarmos vivendo um tempo histórico de constantes mudanças, aceleradas pelo desenvolvimento das ciências e tecnologias, bem como pelos efeitos da pandemia da Covid-19 que tanto tem provocado dificuldades, medos e incertezas a todos, incluindo os/as jovens estudantes do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira que têm apresentado dificuldades de aprendizagem na Filosofia enquanto componente curricular desta etapa de ensino.

A opção pelo livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* de Edgar Morin (2000) como referencial teórico se deu por intermédio da orientadora que pesquisa sobre o pensamento deste filósofo. Ao ser apresentada as suas ideias sobre a educação no século XXI, logo nos interessamos por seu pensar sobre as incertezas e a ética do gênero humano. Consideramos que suas ideias nos auxiliariam na pesquisa e nas problemáticas propostas para entender os/as estudantes e seus contextos contemporâneos.

Ao investigar sobre as dificuldades de aprendizagens dos/das discentes, temos consciência de que refletir sobre o ato de ensinar é uma ação necessária, pois já afirmava Freire (1996, p. 23) que: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, ou seja, ensinar e aprender é via de mão dupla, que se conectam de forma indissociável.

---

[3] Componente é aquilo que faz parte da composição de um todo. Disponível em: https://conceito.de/?s=componente+curricular Acesso 20 de Abr. de 2024.

Partindo da preocupação pela compreensão e pela superação das dificuldades de aprendizagem em Filosofia e da necessidade de um Ensino de Filosofia que faça sentido para o estudante, Sílvio Gallo (2012a, p. 85), afirma: "[...] o 'como fazer' de um ensino de filosofia na educação média que não seja uma simples transmissão de informações, mas que seja um exercício do pensamento conceitual[4]".

Nessa perspectiva, ele defende que o Ensino de Filosofia deve instigar o estudante a pensar, ou melhor, deve despertar no/a professor/a e no/a estudante a reflexão, ou seja, contribuir para pensar sobre o próprio pensamento, um pensar autônomo e crítico, como o mesmo está construído ou sendo construído em sua realidade local e global.

O Ensino de Filosofia precisa, por um lado, atender às cobranças do sistema com um ensino propedêutico porque os/as estudantes são cobrados em avaliações externas como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e o SSA (Sistema Seriado de Avaliação) da UPE (Universidade de Pernambuco) – processos seletivos que abrem portas para o ensino superior em instituições públicas no estado de Pernambuco – e, por outro lado, orientar para a vida cotidiana que exige um pensar capaz de problematizar, questionar, argumentar e encontrar soluções refletidas para os problemas inerentes à própria existência humana.

Em outras palavras, consideramos que o Ensino de Filosofia poderá possibilitar o enfrentamento das incertezas em meio às complexidades humanas no atual cenário do século XXI, de transformações constantes, das informações que chegam diariamente através das mais variadas mídias e redes sociais que conectam, em tempo real, pessoas de todas as idades e espaços.

Objetivamos com esta pesquisa encontrar respostas metodológicas e filosóficas para o problema do ensino e da aprendizagem da Filosofia no Ensino Médio, do 2º ano A (2022) e do 3º ano A (2023) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, localizada no município de Orocó-PE.

Para tanto, faremos e refletiremos a partir de um estudo de caso que apresentará aspectos descritivos e qualitativos, conforme Menga Lüdke e Marli André (2018) apresentam.

Quanto aos resultados da pesquisa, discutiremos à luz da fundamentação teórica, tendo Morin como principal pensador, conforme já foi afirmado.

Um dos objetivos com nossa pesquisa é que ela possa contribuir para os leitores e para a comunidade científica que acessarem esse estudo.

---

[4] Pensamento conceitual: segundo Silvio Gallo (2006, p. 22) é uma das três características da Filosofia ou, especificidade da Filosofia, demonstrando que ela é uma experiência que procede por conceitos e cria conceitos.

Além do pensamento filosófico acerca do pensamento pertinente para o enfrentamento das incertezas e a reflexão sobre *a ética do gênero humano* de Edgar Morin (2000), contaremos com a contribuição de Elizabete Melo (2020) e de Izabel Petraglia (1995) com suas percepções acerca do pensamento complexo.

Com relação ao Ensino de Filosofia, sua presença e suas práticas na sala de aula no Ensino Médio, nos auxiliaram: Sônia Campaner (2012), Silvio Gallo (2012a; 2012b; 2023), Junot Matos (2014; 2021) e Christian Nascimento (2023).

Cleyson Mello, José Rogério Almeida Neto e Regina Petrillo (2021) propõem um ensino utilizando as metodologias ativas, integrando a sala de aula ao uso das novas tecnologias e o protagonismo do estudante nesses tempos "hipermodernos". Assim, esses autores nos darão suporte neste aspecto.

Com o intuito de situar a realidade em que se encontra a Filosofia na escola campo de estudo, teremos o PPP (Projeto Político Pedagógico, 2019) e as Atas[5] (1970 – 2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira como documentos oficiais importantes e necessários.

Em relação à situação da disciplina de Filosofia nos documentos oficiais, utilizaremos como fonte documental a BNCC (Brasil, 2018), DCNEM (Brasil, 2020), O Currículo de Pernambuco conforme o documento de Reorganização Curricular para o Ensino Médio (Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, 2020) criado no primeiro ano da pandemia da Covid-19 e que regulamenta e direciona o Ensino de Filosofia desde então.

Nesse texto, procuramos levar em consideração também o atual contexto da pandemia da Covid-19, que afetou a humanidade entre os anos de 2019 e 2023, perdurando suas sequelas que tem provocado crises não só de saúde pública, como também política, econômica e social. E outra questão importante é a Reforma do Ensino Médio implementada com a Lei 13.415/2017, que estabeleceu o Novo Ensino Médio – NEM.

Quanto à Covid-19, o Ministério da Saúde em publicação no seu *site* oficial em 08 de abril de 2021, afirmou que essa doença:

> [...] é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos.

[5] As Atas são os documentos escolares oficiais anuais que registram os dados dos estudantes, contendo a situação final com relação aos rendimentos, carga horária, notas, frequência, disciplinas cursadas.

Ponderando sobre as consequências e as mudanças provocadas pela pandemia da Covid-19 a nível local, regional e global, bem como o contexto das novas tecnologias e redes que envolvem direta ou indiretamente todos os seres humanos, seja pelo acesso ou exclusão digital, e também as mudanças provocadas pela Reforma do Ensino Médio pela lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, um novo olhar acerca do contexto educacional se faz presente e necessário.

Então nos propomos a questionar sobre o estado presente da prática atual do profissional que trabalha com a disciplina Filosofia em um momento histórico de constantes transformações sociais e culturais. Assim, nossa questão de pesquisa é: **Como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir com o enfrentamento das incertezas e das dificuldades de aprendizagem do/da jovem Estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE?**

Diante da questão posta, nosso **objetivo Geral é:** Constatar e refletir como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir com o enfrentamento das incertezas e das dificuldades de aprendizagem do/da jovem estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE.

Nossos **objetivos específicos** são: a) Investigar os principais problemas de aprendizagem dos/as estudantes em relação à Filosofia enquanto disciplina curricular, especificamente na turma do 2º ano A (2022) e do 3º ano A (2023), do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, por meio da aplicação de formulário semiestruturado com questões objetivas fechadas e outras abertas acerca de suas dificuldades e referente aos temas *incertezas* e *ética* no século XXI; b) Dialogar com os conhecimentos apresentados no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, de Edgar Morin (2000), especificamente, os saberes de Enfrentamento das incertezas e da ética do gênero humano; c) Distinguir saberes de conhecimentos, visando compreender a perspectiva de Morin; d) Proporcionar o contato com o pensamento de Edgar Morin sobre o enfrentamento das incertezas e a prática da ética do gênero humano nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, visando contribuir com a formação dos estudantes da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira; e) Realizar consulta e leitura de textos relacionados às incertezas históricas e presentes, bem como da necessidade da ética, dialogando com o contexto do/a estudante da turma do 2º ano A (2022) e do 3º ano A (2023), da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, despertando o pensamento conceitual e atitudinal propostos nos documentos oficiais para o Ensino da Filosofia e da educação no século XXI; f) Incentivar o/a estudante com leituras,

estudos em pequenos grupos, rubrica[6] e redes de aprendizagem por meio de sugestão de livros, textos, *links* e vídeos acerca dos temas a serem apresentados em roda de conversa, pelo/a estudante com a mediação da professora de Filosofia em uma atividade denominada "Café com Filosofia"; g) Desenvolver os temas "incerteza" e "ética", partindo das metodologias ativas da aula e aprendizagem invertida, exposição dialogada, como prática pedagógica que contribuam com a melhoria do ensino e aprendizagem de Filosofia dos/as estudantes do 2º A (2022) e do 3º A (2023) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira; h) Reunir os resultados e os dados obtidos com os/as estudantes do 2º A (2022) e do 3º A (2023) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira para discussão e validação dos mesmos de acordo com a proposta de intervenção, transformando, posteriormente, em base teórica para novas e melhores vivências do ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Sendo assim, o CAPÍTULO DOIS a seguir aborda **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA,** em que a Filosofia ora está presente no Ensino Médio como disciplina obrigatória, ora é retirada por aqueles/as que a julgam sem importância ou por aqueles/as que se incomodam com a relevância do seu potencial ao influenciar o pensamento crítico e analítico das mais distintas ordens.

No TERCEIRO CAPÍTULO destacamos as **CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**, na obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro* de Morin (2000), especificamente os saberes: *Ensinar a condição humana*, *Enfrentar* as *incertezas* e *A ética do gênero humano*, partindo de uma prática dialógica.

No QUARTO capítulo discorremos acerca do **Ensino de Filosofia na prática da sala de aula da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira,** por meio de um estudo de caso, no qual, utilizamos a metodologia qualitativa, descritiva, conforme Lüdke e André (2018). No processo de vivência desse estudo, empregamos a aula e aprendizagem invertidas de acordo com Mello, Almeida Neto e Petrillo (2021), juntamente com a aprendizagem por meio de temas e a roda de conversa, como já afirmamos anteriormente.

[6] Rubrica: é um instrumento de avaliação e acompanhamento das atividades propostas para o estudante com os critérios em que ele está sendo avaliado durante o processo.

2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE FILOSOFIA

Pensar o Ensino da Filosofia nos leva a ponderar não somente sobre a Filosofia na escola, mas pensar a própria Filosofia, a educação e a escola.

Pensando na importância da Filosofia na e da escola, Matos (2021, p. 81) afirma que: "[...] a filosofia transforma aqueles que com ela se envolvem". Portanto, devemos proteger a sua presença nas salas de aulas, dentro e fora da escola.

É comum a leitura de que o Ensino de Filosofia ou a própria Filosofia, desde sua origem, sejam refletidas tendo em vista sua utilidade. Entretanto, vemos que a Filosofia e seu ensino vislumbram entre outras possibilidades: a reflexão, a cidadania, a autonomia do indivíduo e a ação de perguntar. E nesse sentido, Matos (2021, p. 102-106) afirma que: "perguntar é parte integrante e indispensável em qualquer processo educacional, pois amplia a capacidade criativa e crítica do educando". Além disso, ele sugere que o/a professor/a deveria ensinar mais a perguntar.

Ainda de acordo com o pensamento de Matos (2021), perguntar é próprio da Filosofia, desde os tempos mais remotos, visando compreender aquilo que nos envolve, trazendo consigo respostas e novas perguntas. Respostas porque quem pergunta, provavelmente, já tenha uma resposta; e quem é questionado terá outra resposta diferente ou semelhante que acrescenta para ambos, mesmo que esse/a outro/a seja seu próprio eu.

Nesse sentido, a Filosofia nos leva aos questionamentos que envolvem nosso contexto, e este exige de nós a autonomia, a prática da cidadania com ações reflexivas e questionadoras. Logo, a Filosofia precisa continuar fazendo parte da educação brasileira principalmente no Ensino Médio que propõe: "[...] o exercício da cidadania [...], incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico" (Brasil, 1996, Art. 22), como podemos verificar na LDBEN 9.394 de dezembro de 1996 com suas alterações.

De acordo com Morin (2015a, p. 31-39) a Filosofia para além de seu termo original (amigo ou amante da sabedoria), deve ser um autêntico saber viver e que não pode ser considerada apenas como uma disciplina, mas deve tornar-se motor e guia de ensinar a viver.

Para Morin (2015a, p. 31):

> Na verdade, o termo Filosofia adquiriu um sentido mais amplo. Implica uma interrogação sobre o mundo, a realidade, a verdade, a vida, a sociedade, o ser e a mente humana. Não se trata de uma disciplina, não possui compartimentos, ela problematiza tudo o que depende da experiência humana.

Merleau-Ponty (apud Fabri; Pereira; Silva, 2020, p. 1) também aponta para a importância da Filosofia, afirmando que a "Filosofia é um despertar para ver e mudar o nosso mundo".

Sabemos da importância e amplitude da Filosofia e, dialogando com Morin, concordamos que a Filosofia é mais que uma disciplina[7] (ciência humana), contudo, se faz necessário defender como uma e que ela faça parte do currículo do Ensino Médio não somente como estudos e práticas como está posta na BNCC atual e na lei 13.415 de 17 de fevereiro de 2017, mas que ela seja aplicada para que tenhamos a oportunidade de ensinar a arte do saber viver também por meio da Filosofia, despertando no jovem do Ensino Médio, como falou Merleau-Ponty, o ver e mudar o mundo a sua volta, partindo de interrogações acerca dos mais diferentes temas: a vida, o mundo, o conhecimento, as incertezas, a ética, dentre outros que emergem do contexto, conforme afirmam Morin e Matos.

A Filosofia pode contribuir para abrir a mente das pessoas, trabalhando a essência humana; pode auxiliar na configuração da construção crítica do homem e da mulher, na reflexão do valor ético, moral e político; além de dar asas para o/a mesmo/a voar de forma a atingir seus objetivos e metas. A Filosofia, com seu espaço na escola, quando bem trabalhada no exercício da cidadania e da perguntação, como sugere Matos (2021), torna-se um diferencial nos mais diferentes contextos em que o/a estudante está inserido/a.

Com a contribuição da filosofia no Ensino Médio, vamos continuar a incentivar nossos/as discentes a pensar, a perguntar, a questionar e a refletir sobre o seu papel na sociedade e sobre seus valores, suas vontades, seus desejos e sua existência, para assim, construir um mundo menos opressor. Nessa mesma sintonia, Morin (2021, p. 23) diz que: "A filosofia deve contribuir eminentemente para o espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana".

Matos (2021, p. 106) afirma que: "Em tal horizonte, as filosofias significam atitudes situadas e datadas de apreender os problemas identificados na dinâmica em que o animal homem/mulher está a se configurar como humano e atribuindo sentidos ao seu mundo".

Seguindo o raciocínio do despertar para o espírito questionador, para o mundo, para o saber viver, para a condição da existência humana, nos questionamos: A Filosofia é apenas mais uma disciplina? Para quem é ofertada a possibilidade de ser fisgado pela Filosofia ou a arte de Filosofar? A Filosofia está presente na escola e é ofertada no Ensino Médio? Como?

[7] Disciplina: s.f. 2.Materia de ensino ou estudo. RIOS, Dermival Ribeiro. Minidicionário de Língua Portuguesa. São Paulo: DCL, 2010.

Para refletir sobre as questões, carece filosofar sobre a Filosofia e o Ensino de Filosofia no Brasil em nossas escolas, se esse ensino promove um olhar atento e aberto ao novo, olhando e enfrentando as dificuldades de aprendizagem em Filosofia, as incertezas e a complexidade do humano.

2.1 A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO

No Brasil, atualmente, a educação vem necessitando de mudanças e reformas, porém aquela que foi imposta pela Medida Provisória nº 716 de 2016, convertida na Lei 13.415 em 16 de fevereiro de 2017, que determinou a Reforma do Ensino Médio, estabelecendo o Novo Ensino Médio – NEM, provocou mudanças bruscas e drásticas nesse nível de ensino, alterando a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e as matrizes curriculares do Ensino Médio.

A referida reforma reduziu as disciplinas da formação geral básica, como as disciplinas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, entre elas a Filosofia. Criou-se itinerários formativos, contribuindo assim para a redução do acesso dos/as estudantes aos conhecimentos filosóficos, científicos, em detrimento de um ensino para atender as necessidades do mercado de trabalho.

Entretanto, isso não é novidade para os/as professores/as de Filosofia que veem, em pleno século XXI, após idas e vindas da Filosofia, o currículo da educação básica brasileira sofrer mais uma vez com a retirada ou redução da sua carga horária no Ensino Médio, última etapa da Educação Básica.

Além dessas barreiras, há outros obstáculos que perpassam a Filosofia na escola. De acordo com Gallo (2012a, p. 27):

> A presença da filosofia na escola não é um empreendimento tranquilo. Muitos são os obstáculos a serem superados para que essa presença seja possível; sobretudo porque, quando uma instituição opta por incluir em seu currículo ou quando uma política educacional dispões sobre a inclusão da filosofia nos currículos escolares, isso se faz em nome de uma certa filosofia e em nome de certas intenções para com a filosofia. Dizendo de outra maneira, quando está na escola, a filosofia ali está para atender a determinados interesses, para cumprir uma necessidade "ideológica". Como por exemplo, no caso brasileiro contemporâneo, que explicita suas intenções na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Nesse sentido, cronologicamente falando, a presença e a ausência da Filosofia no Ensino Médio brasileiro é decorrente de políticas ou ideologias que estabelecem o Ensino da Filosofia no currículo das escolas, e/ou a retirada de sua obrigatoriedade, deixando-a a cargo dos estados da federação decidir se colocam ou não a Filosofia enquanto disciplina como

parte do currículo. Isso continua a ser motivo de preocupação e resistência porque cada estado interpreta a Filosofia da e na LDB de maneira diferente, de modo que uns asseguram sua obrigatoriedade como disciplina curricular em ao menos uma das séries do Ensino Médio, enquanto outros garantem apenas que se vivencie alguns componentes filosóficos no decorrer das últimas séries da Educação Básica.

Esses momentos de ausência ou presença indefinida da Filosofia nas escolas brasileiras, coincidentemente, são influenciadas por ideologias políticas e de mercado voltadas para a formação técnica, objetivando o progresso que corresponde ao avanço econômico, lucratividade e poder político por um lado e, por outro, alienação do trabalhador, o que, automaticamente, pode contribuir para a centralização, tanto do poder político como econômico, além da crescente desigualdade social e econômica.

Para termos uma ideia de como a Filosofia historicamente se apresenta nos currículos do Ensino Médio, Gallo expõe um breve resumo da pesquisa de Alves (2002 apud Gallo, 2012b, p. 51, grifos do autor), para dizer que:

> [...] classifica a presença da Filosofia nos currículos do ensino médio brasileiro da seguinte maneira: *presença garantida*, no período colonial até a República; *presença indefinida*, da primeira república ao golpe civil-militar de 1964; *ausência definida*, no período ditatorial pós-1964; e, finalmente, *presença controlada*, no período de "redemocratização" política pós-1980.

Mesmo com a redemocratização do Brasil e a constituição cidadã de 1988, a Filosofia não estava assegurada como disciplina obrigatória no currículo nacional. Nesse sentido, Gallo (2012b, p. 51) afirma que:

> [...] o trabalho de Alves, mostra que o ensino de Filosofia no nível médio brasileiro não goza da tradição republicana e democrática que possui em países como França e Uruguai, por exemplo. No país europeu, o ensino da Filosofia na escola republicana que emergiu da Revolução Francesa é uma constante desde o final do século XIX [...].

Essa falta de constância da Filosofia como disciplina e não apenas como componente curricular na educação básica contribui para uma visão de que a mesma não seja tão importante quanto defendem os/as professores/as de Filosofia de várias partes do Brasil. E tal pensamento pode influenciar pessoas desprovidas de um olhar mais crítico, analítico e questionador para entender a Filosofia como desnecessária e sem utilidade prática.

Nas últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, após a Constituição democrática de 1988, tivemos fatos importantes que merecem destaque, como: a passagem de um presidente sociólogo, Fernando Henrique Cardoso, 1995-2003 e a LDBEN 9.394 de 20 de dezembro de 1996 com suas alterações, apresentando a Filosofia para ensinar a cidadania, a

autonomia e o desenvolvimento de habilidades e de competências para posteriores estudos e profissões.

Entretanto, nesses últimos 40 anos, tais documentos não estabeleceram o ensino obrigatório da Filosofia enquanto disciplina, exceto por um curto período, 2008-2016, em que esteve como disciplina obrigatória nas três séries do Ensino Médio. Assim, a Filosofia esteve e ainda permanece à margem, fazendo parte dos currículos como disciplina opcional ou seus conteúdos como tema transversal de outras disciplinas, ficando a cargo de cada estado da federação brasileira optar por sua presença ou não na escola, conforme já afirmamos.

Esse vai e vem da Filosofia no Ensino Médio enquanto disciplina tem sido no mínimo estranho para um país que se diz democrático, com a constituição que temos e com uma lei educacional que tem como filosofia: educar para a prática da cidadania, do pensamento crítico e autônomo, conforme está posto na LDBEN 9.394/96 quando estabelece em seu Artigo 22, Inciso III, a preparação para o exercício da cidadania e "o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico" (Brasil, 1996, Art. 22).

Nesse sentido, podemos apontar a Filosofia, bem como as artes, a literatura e outras disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicada como ponto de partida para a formação integral preconizada na LDBEN e na BNCC que regem a educação brasileira, pois de acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, nº 9.394/1996 (Brasil, 1996, Art. 22, 35, 36):

> Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.
> [...]
> Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:
> I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
> II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
> III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
> IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.
> [...]
> Art. 36. [...] § 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demostre:
> I domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;
> II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;
> III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Contudo, esses três artigos da Lei 9.394/96 não estabelecem a Filosofia como disciplina obrigatória, o que pode dificultar a questão do domínio dos conhecimentos de Filosofia necessário ao exercício da cidadania, como a mesma prevê no Inciso III, do primeiro parágrafo do Artigo 36, descrito anteriormente.

Além disso, mesmo tendo a compreensão de que não será a Filosofia sozinha a conduzir a cidadania e a prática dos valores e da ética, em nome da própria filosofia educacional, ela deveria ser parte integrante em toda educação básica de maneira que os/as estudantes possam de fato progredir em seus estudos após o ensino médio com êxito. Uma vez que no ensino superior se exige autonomia, solução de problemas práticos de todas as ordens: emocional, cultural, espiritual, político, social e econômico.

De modo mais geral, as grandes massas do ensino médio estão na educação pública carecendo de uma educação de qualidade que lhes assegure as mínimas condições para tomadas de decisões enquanto homens/mulheres que são a um só tempo: sociais, culturais, psíquicas, seja para o prosseguimento de seus estudos, seja na profissionalização, seja para o mercado informal. Todos/as precisam do aprimoramento, primordialmente, como pessoa humana em sua formação ética, filosófica, sociológica, científica e tecnológica, enfim, humanística.

Sendo um dos documentos mais importante da educação brasileira, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei 9.394/96, em pouco mais de 20 anos, sofreu várias alterações, das quais destacamos as que se referem ao Ensino de Filosofia no Ensino Médio, pois entre essas alterações, tanto a Filosofia como a Sociologia podem estar presentes como disciplina ou apenas como conteúdos filosóficos e sociológicos dispersos em outras disciplinas.

Entre as alterações da Lei 9.394, está a Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008, que revoga o Inciso III do primeiro parágrafo do Artigo 36 e estabelece a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias, com a inserção do Inciso IV desse mesmo artigo, que afirma que "[...] serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio". (Brasil, 2008, Art. 36).

Todavia, recentemente, por questões políticas e ideológicas, a disciplina de Filosofia deixou de ser obrigatória no Ensino Médio com a Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 que traz a Reforma do Ensino Médio.

Passando a falar sobre o segundo parágrafo no Artigo 35-A, a propósito dos estudos e práticas de Filosofia, afirma que: "A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e

filosofia" (Brasil, 1996, Art. 35-A). Sendo assim, retira a obrigatoriedade da Filosofia como disciplina e esta passa a contar com habilidades e competências diluídas na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – CHSA.

O Ensino de Filosofia no Brasil, especialmente no Ensino Médio, tem sido uma das áreas a passar por reflexões e debates nos últimos anos. Somente nesse século XXI, se falarmos em Filosofia como disciplina ou componente curricular do Ensino Médio, percebe-se diferentes momentos em que esta passou pela inclusão e exclusão nesta etapa de ensino da educação básica, como já foi citado anteriormente.

Isso tudo reforça a ideia de que é uma disciplina sem importância para os que ainda não foram fisgados por ela, por suas reflexões e questões filosóficas que são capazes de ensinar-nos a entender nosso contexto e a transformar as realidades como as desigualdades, violências, entre outras questões que nos incomodam e que precisamos enfrentar para saber viver.

A exclusão da Filosofia como disciplina está atrelada a interesses ideológicos, políticos e econômicos da sociedade capitalista, como já afirmados anteriormente. Isso favorece aos opressores que querem ter controle sobre as massas, responsáveis pela produção de bens e serviços. Quanto menos críticos e conhecedores de direitos forem os trabalhadores, melhor para a classe dominante.

Logo, desfazer-se de disciplinas como Filosofia, Sociologia e Artes, por exemplo, pode reduzir as possibilidades do pensamento crítico, reflexivo, questionador, imaginativo e conhecedor do funcionamento da sociedade. Assim, o cidadão perde forças, habilidades argumentativas para lutar e resistir contra a opressão e a marginalização.

2. 2 A BNCC, O NOVO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO E A FILOSOFIA

Há muito tempo sabemos que a educação brasileira está passando por mudanças provocadas pelas necessidades pós-modernas capitalistas, evoluções científicas e tecnológicas, desigualdades sociais e agora também pela dura realidade da pandemia da Covid-19.

Diante desse cenário de mudanças, está a implementação do Novo Ensino Médio para a última etapa da educação básica, estabelecido pela Lei 13.415/2017. Lei esta que não está resolvendo os problemas da educação nacional, mas provocando mais dúvidas e dificuldades na educação pública brasileira, já que esta reforma reduziu a carga horária e os componentes curriculares da formação geral básica e, no lugar, inseriu itinerários formativos, conforme

aludido anteriormente, prevalecendo a intenção de preparar os estudantes do ensino médio para o mercado de trabalho, sem maiores preocupações com sua preparação para o prosseguimento em seus estudos posteriores que exigem um aprofundamento maior nos conhecimentos científicos, tecnológicos, sociológicos, filosóficos, artísticos, culturais e, acima de tudo, aqueles conhecimentos que desenvolvem o pensamento crítico e autônomo.

O que está justificado na nova BNCC para o Ensino Médio é uma ideologia capitalista de que é necessário preparar os/as jovens para o mundo do trabalho o mais rápido possível e a nível nacional, de forma impositiva, sem considerar que, antes da Lei 13.415/2017, os/as estudantes já tinham a opção de se preparar para o mercado de trabalho nas escolas que ofertam a modalidade profissional e técnica no nível médio e subsequente, conforme está na Lei 11.741/2008 (Brasil, 2017, Art. 36-A).

De acordo com a nova BNCC para o Ensino Médio (Brasil, 2018, p. 568), a justificativa para essa reforma é que:

> Atualmente, as transformações na sociedade são grandes, especialmente em razão do uso de novas tecnologias. Observamos transformações nas formas de participação dos trabalhadores nos diversos setores da produção, a diversificação das relações de trabalho, a oscilação nas taxas de ocupação, emprego e desemprego, o uso do trabalho intermitente, a desconcentração dos locais de trabalho, e o aumento global da riqueza, suas diferentes formas de concentração e distribuição, e seus efeitos sobre as desigualdades sociais. Há hoje mais espaço para o empreendedorismo individual, em todas as classes sociais, e cresce a importância da educação financeira e da compreensão do sistema monetário contemporâneo nacional e mundial, imprescindíveis para uma inserção crítica e consciente no mundo atual. Diante desse cenário, impõem-se novos desafios às Ciências Humanas, incluindo a compreensão dos impactos das inovações tecnológicas nas relações de produção, trabalho e consumo.

Acreditamos que o cenário atual impõe novos desafios às Ciências Humanas, porém, não dá para entender porque estas foram reduzidas no Novo Ensino Médio. Nem tão pouco aceitar que a inserção de itinerários formativos, propondo, entre seus componentes curriculares, o empreendedorismo e a educação financeira, sendo ministrados por professores/as sem essa formação ou por pessoas com notório saber, sem manejo pedagógico para ensinar a quem está mais preocupado em compreender o sentido de sua existência, a garantia de sua sobrevivência em meio a sua realidade desigual.

Concordamos que a educação para os jovens do Ensino Médio precisava de mudanças para atender as evoluções dos tempos atuais e o mundo do trabalho. Entretanto, essas mudanças estabelecidas pelo Novo Ensino Médio – NEM, não favorecem os estudantes da escola pública brasileira, pois vemos de perto as gritantes desigualdades sociais. Uma das formas de combater tais desigualdades é pela educação de qualidade, em que, primeiro, o/a estudante compreenda sua realidade.

O que concordamos é que a educação necessária é aquela em que o estudante aprende conhecimentos científicos, culturais, artísticos, linguísticos, filosóficos, sociológicos, entre outros, com reflexão e criticidade a partir de seu contexto e textos filosóficos ou científicos que, em geral, são ofertados nas disciplinas da formação geral básica. Daí prosseguir em seus estudos ou para o mercado de trabalho.

Todavia, o NEM com os itinerários, reduziram as possibilidades que os/as estudantes das classes menos favorecidas tinham, pois ainda encontravam na escola pública o espaço para ter acesso aos conhecimentos e continuar seus estudos e sonhar com uma sociedade mais igual.

Quando falamos que há uma ideologia capitalista presente na BNCC com a reforma do Ensino Médio, podemos constatar com o trecho que justifica os itinerários formativos (Brasil, 2018, p. 568):

> A categoria trabalho, por sua vez, comporta diferentes dimensões – filosófica, econômica, sociológica ou histórica: como virtude; como forma de produzir riqueza, de dominar e de transformar a natureza; como mercadoria; ou como forma de alienação. Ainda é possível falar de trabalho como categoria pensada por diferentes autores: trabalho como valor (Karl Marx); como racionalidade capitalista (Max Weber); ou como elemento de interação do indivíduo na sociedade em suas dimensões tanto corporativa como de integração social (Émile Durkheim). Seja qual for o caminho ou os caminhos escolhidos para tratar do tema, é importante destacar a relação sujeito/trabalho e toda a sua rede de relações sociais.

Podemos constatar que, por um lado, a BNCC, em seu discurso, cita filósofos e reconhece as várias dimensões do trabalho no momento atual para produzir riqueza, destacando a dimensão filosófica, sociológica, econômica e histórica; por outro lado, reduz exatamente as disciplinas que dão esse ponta pé inicial na compreensão e na vivência dessas dimensões.

Não basta que a BNCC afirme que a Filosofia e a Sociologia são importantes para refletir a dinâmica capitalista, a exploração e a dominação de forma crítica e contextualizada presente na relação homem/trabalho sem estabelecer seus componentes e espaços no currículo escolar da educação básica.

Mais que pensar o trabalho, a produção de riqueza e o consumo, o que precisamos é repensar esse mundo do trabalho, das desigualdades, da alienação, da exploração da natureza e do homem pelo homem. Refletindo a relação do/a homem/mulher com o trabalho, com a natureza, do trabalho como valor, do trabalho como interação e integração social, partindo de sociólogos e filósofos, bem como, do contexto em que estamos vivendo.

Vemos que ao definir as competências para a educação básica, a BNCC (Brasil, 2018, p. 8), afirma reconhecer que: "[...] a 'educação deve afirmar valores e estimular ações que

contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza' (Brasil, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU)".

Na prática, o que vemos no NEM, dentro dos itinerários formativos, é a oferta de eletivas com nomenclaturas escolhidas por gestores/as, coordenadores/as pedagógicos/as e professores/as que selecionam temas conforme suas habilidades e competências. Contudo, são professores/as sem formação técnico profissional e/ou técnicos sem formação acadêmico/pedagógica para ensinar o que querem para alguém que ainda não sabe o que quer. Isso nos faz acreditar que ao invés de aglutinar e unir os saberes, fragmentou ainda mais, confundindo assim as expectativas e perspectivas dos/as estudantes.

Todavia, o texto da BNCC (Brasil, 2018, p. 570), continua afirmando que:

> [...] o estudo das categorias Política e Trabalho no Ensino Médio deve permitir aos estudantes compreender e analisar a diversidade de papéis dos múltiplos sujeitos e seus mecanismos de atuação e identificar os projetos políticos e econômicos em disputa nas diferentes sociedades. No tratamento dessas categorias no Ensino Médio, a heterogeneidade de visões de mundo e a convivência com as diferenças favorecem o desenvolvimento da sensibilidade, da autocrítica e da criatividade, nas situações da vida, em geral, e nas produções escolares, em particular. Essa ampliação da visão de mundo dos estudantes resulta em ganhos éticos relacionados à autonomia das decisões e ao comprometimento com valores como liberdade, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade.

Para que esse discurso da BNCC seja válido, seria interessante que o/a estudante pudesse ter acesso aos mecanismos de funcionamento das empresas, do comércio, das relações de trabalhos, da exploração da natureza e dos/as próprios/as homens/mulheres e de como estes/as são tratados/as como mercadorias.

Contudo, o que vemos são desde aulas de educação financeira (teoria) por quem em alguns casos não consegue administrar sua pequena renda, até aula de brigadeiro por quem só sabe ser professor/a de conhecimentos específicos e, fora disso, dispõe de poucas habilidades não pedagógicas. Mas os/as professores/as são obrigados/as a completar carga horária, como em Pernambuco, que parte da carga horária do/a professor/a será dedicada às eletivas e/ou em função dos itinerários formativos.

Porém, julgamos que o/a estudante precisa mesmo é de uma educação que esteja preocupada para além do mundo do trabalho, que se preocupe com a vivência, propiciando ao discente entender seu contexto e como intervir em sua realidade, respeitando a si, o outro e a natureza. Nesse sentido, Morin (2000, p. 114) afirma que: "Sós e em conjunto com a política do homem, a política de civilização, a reforma do pensamento, a antropo-ética, o verdadeiro humanismo, a consciência da Terra-Pátria reduziriam a ignomínia do mundo".

O que podemos perceber entre o texto da BNCC e de Morin é que a visão de mundo do/a estudante do Ensino Médio se constitui e se amplia a partir de como este/a é tratado/a em suas múltiplas dimensões humanas que envolvem sua natureza bio-psico-socio-cultural.

No entanto, o problema não está somente na questão do discurso ou do que se põe no papel, mas como será trabalhado no chão da escola, que na realidade está servindo como pano de fundo neoliberal, se valendo do discurso bonito, mas que na prática o/a docente e o/a discente não dispõem mais do mesmo espaço para essa reflexão, uma vez que todas as disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas sofrem um duro golpe, sendo reduzidas progressivamente a cada série do Ensino Médio.

De acordo com a BNCC, nessa última etapa da Educação Básica, há um declínio com relação a permanência e o desempenho dos/das estudantes. Sendo assim, "Para além da necessidade de universalizar o atendimento, outros grandes desafios do Ensino Médio na atualidade são garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas aspirações presentes e futuras" (Brasil, 2018, p. 461).

A redução de componentes curriculares da formação geral básica no NEM, respaldada pela Lei 13.415/2017, foi justificada por seus/suas idealizadores/as e pelos/as que sancionaram como necessária, devido ao número excessivo de disciplinas no ensino médio, e estas com abordagens pedagógicas distantes das culturas juvenis e do mundo do trabalho.

Nesse sentido, por um lado, discordamos que os 13 componentes curriculares da formação geral básica, juntamente com a oferta de aulas de "Projeto de Vida" e "Empreendedorismo", presentes na matriz curricular do ensino médio fossem excessivas, principalmente, se compararmos a atual situação do NEM onde são ofertados, conforme os itinerários, disciplinas de eletivas que em parte são criadas, inventadas por gestores/as e professores/as que, em algumas realidades brasileiras, dispõem apenas do recurso humano que é o/a próprio/a professor/a.

Por outro lado, concordamos que as abordagens pedagógicas estavam distantes das culturas juvenis, especialmente, porque a diversidade brasileira é tão grande quanto seu território, sendo assim, a educação de fato precisa ser repensada para acolher a diversidade e auxiliar o/a estudante a ser protagonista de sua vida como está explícito nesse trecho da BNCC (Brasil, 2018, p. 463) onde afirma-se que:

> Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma **escola que acolha as diversidades**, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser **protagonistas** de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias,

> permita-lhes definir seu **projeto de vida**, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos.

Por isso, disciplinas como a Filosofia que auxiliam nesse processo não podem perder seu espaço como disciplina obrigatória nos três anos do Ensino Médio, pois ela colabora muito e pode contribuir para a reflexão consciente sobre si e o mundo que os rodeia, em especial quando tratamos de temas como apreensão da realidade, ética e política, conhecimento, razão, natureza, cultura e do próprio ser humano.

Consideramos, então, que a escola e o Ensino de Filosofia podem amparar o que diz a BNCC (2018, p. 463) sobre as juventudes:

> Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo.
> [...] entendendo a crítica como a compreensão informada dos fenômenos naturais e culturais, e a autonomia como a capacidade de tomar decisões fundamentadas e responsáveis.

Não acreditamos que a retirada ou redução dos componentes curriculares da formação geral básica e a introdução dos itinerários formativos que se preocupam com a formação para o mundo do trabalho favoreçam o acolhimento das juventudes e o enfrentamento dos novos desafios e autonomia para tomar decisões. No entanto, concordamos que "[...] as escolas devem proporcionar experiências e processos intencionais que lhes garantam as aprendizagens necessárias e promover situações nas quais o respeito à pessoa humana e aos seus direitos sejam permanentes" (Brasil, 2018, p. 463).

Nesse contexto de mudanças, a disciplina Filosofia, reduzida a estudos e práticas filosóficas, inseridas nos diversos componentes curriculares por seu caráter transdisciplinar, fica limitada pela formação dos/as professores/as dos outros componentes. Porém, o diálogo entre Filosofia e as demais disciplinas contribui com a multiplicidade de perspectivas dos/as estudantes, tido/a pela BNCC como as juventudes da sociedade contemporânea.

A Filosofia tem seus propósitos, a começar pelo próprio termo Filosofia que significa amor e amizade à sabedoria, como já citado anteriormente por Morin (2015a, p. 31), ela pode instigar interrogações sobre tudo que envolve o ser humano e sua condição humana como supracitado tanto por Morin como por Matos. Logo, seu caráter interdisciplinar e

transdisciplinar não descarta a necessidade de seu espaço enquanto disciplina e componente curricular nas escolas de educação básica para introdução de questões filosóficas, construção de espaços para filosofar, enriquecimento do conhecimento e da compreensão dos/as estudantes nas diversas disciplinas.

Tendo em vista que a sociedade que vivemos passa por rápidas transformações, concordamos com a BNCC (Brasil, 2018, p.462) ao afirmar que:

> mostra-se imprescindível considerar a dinâmica social contemporânea, marcada pelas rápidas transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico. Trata-se de reconhecer que as transformações nos contextos nacional e internacional atingem diretamente as populações jovens e, portanto, o que se demanda de sua formação para o enfrentamento dos novos desafios sociais, econômicos e ambientais, acelerados pelas mudanças tecnológicas do mundo contemporâneo. Nesse cenário cada vez mais complexo, dinâmico e fluido, as incertezas relativas às mudanças no mundo do trabalho e nas relações sociais representam um grande desafio para a formulação de políticas e propostas de organização curriculares para a Educação Básica, em geral, e para o Ensino Médio, em particular.

Pois, é no Ensino Médio que o/a jovem estudante aumenta "O desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração [...] percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos [...], além de um domínio maior sobre diferentes linguagens, o que favorece os processos de simbolização e de abstração" (Brasil, 2018, p. 547). Sendo assim, os/as adolescentes e jovens já podem fazer escolhas e desenvolver seus projetos.

Nesse sentido, Morin (2000) orienta uma educação partindo do pensamento complexo, unindo o uno e o múltiplo, o todo e as partes para enfrentar os novos desafios da sociedade complexa em meio às incertezas de nossa era planetária. Enquanto a BNCC "[...] propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do/a estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida" (Brasil, 2018, p. 15).

Com relação ao cenário complexo, dinâmico, fluido e cheio de incertezas, Morin (2000) propõe repensar a reforma e reformar o pensamento, enfrentar as incertezas e construir a antropoética[8], que nos orienta a refletir sobre quem somos, sobre a nossa condição humana e sobre a complexidade que nos envolve. E deve ser feito em conjunto pelas disciplinas, unindo seus conhecimentos específicos.

Porém, o que a Lei 13.415/2017 e a nova BNCC não percebe é que, com os itinerários formativos, ela fragmentou ainda mais o Ensino Médio, tornando ainda mais difícil para o/a

[8] Antropoética: escrita junto conforme reforma ortográfica 1º de janeiro de 2009 e "antropo-ética" quando vir em citação uma vez que a referência é do livro *Os sete saberes necessários a educação do futuro,* edição de 2000.

estudante fazer suas escolhas, por um lado e, por outro, o ensino tende a perder sua qualidade, pois os recursos humanos e materiais são os mesmos nas escolas brasileiras. Nesse caso, os itinerários formativos serão escolhidos pela escola de acordo com afinidade da área de formação dos/as professores/as que perderam suas cargas horárias originais e se veem obrigados/as a ensinar o que ainda desconhecem e que todos/as estão aprendendo, incluindo gestores/as e formadores/as.

Questionar essa nova filosofia da BNCC e do Novo Ensino Médio que exclui disciplinas e reduz a presença de outras para inclusão de itinerários formativos tem sido um trabalho de resistência, especialmente, por professores/as de Filosofia de todo o país, desde que a teoria presente na BNCC vinha sendo discutida já em 2013 e foi atropelado pela Medida Provisória 746/16 que, em menos de três meses, culminou na Lei 13.415/2017, que estabeleceu o Novo Ensino Médio e apressou a conclusão e homologação da BNCC Ensino Médio, onde se retira componentes de Filosofia e de outros saberes dessa área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Refletindo sobre a Filosofia como componente e disciplina curricular, Nascimento faz uma breve análise da primeira e segunda versão da BNCC para chegar ao ponto em que ela foi homologada em 2018. Vejamos o que ele afirma da primeira versão (Nascimento, 2023, p. 37):

> No caso específico do Ensino de Filosofia, a primeira versão da BNCC reconheceu que ela é um componente curricular e que está presente nos saberes escolares desde cedo, ainda apareça com formato de disciplina no Ensino Médio. Identificou que há procedimentos metodológicos próprios e que se articula mediante questões de interesse dos estudantes, textos filosóficos ou temas filosóficos. Sua perspectiva interdisciplinar também é destacada no documento, seja em diálogo com o de outras áreas, desde que não percam sua especificidade. Delimita a importância da Filosofia na vida do estudante, seja como agente articulador ou transformador dos saberes, o que demanda seu ensino nas três séries do nível médio.

Nessa primeira versão, a Filosofia é reconhecida enquanto disciplina independente e como saber que, além de estar presente como componente curricular nas três séries do Ensino Médio, se faz presente desde cedo na educação básica como saber a partir de temas filosóficos. Nascimento, em sua análise, ainda destaca a importância do/a professor/a mediador/a e que por meio de ensino e de aprendizagem ativas que mediam o conhecimento filosófico.

Conforme Nascimento (2023, p. 38), “A segunda versão da BNCC, publicada em abril de 2016, sofreu mudanças na sua composição”. Entre as alterações destacadas pelo autor, estão: deixar que os sistemas educacionais elaborem e organizem seus currículos, assegurando

os direitos de aprendizagens dos estudantes, direcionando para o exercício da cidadania; orienta um conjunto de políticas voltadas para a Educação Básica.

Por fim, nessa segunda versão da BNCC, podemos destacar seu olhar para as Ciências Humanas e sua importância para a formação do/a estudante, partindo de um conjunto de objetivos de aprendizagens, como podemos constatar no trecho a seguir (Brasil, 2016, 153):

> Apesar de sua diversidade, quando convertidas em conhecimento escolar, as Ciências Humanas devem ser concebidas como um conjunto de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que se complementam para contribuir com a formação de estudantes dotados de saberes fundamentais para a vida em sociedade e para a plena realização individual. Nesse sentido, as Ciências Humanas cumprem importante papel na garantida dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento que fundamentam a Base Nacional Comum Curricular.

Nas versões da BNCC de 2015 e 2016, a área de Ciências Humanas ainda conserva a Filosofia e a Sociologia como componentes curriculares obrigatórios importantes e que deviam ter seus espaços nas salas de aula. Além disso, deveriam ser trabalhadas de forma integradas, não somente as disciplinas da área de Ciências Humanas, mas também dialogar com as outras áreas e saberes.

Nesse sentido, com relação à Filosofia, a segunda versão da BNCC (Brasil, 2016, p. 167) afirma que:

> [...] como componente curricular do Ensino Médio, a Filosofia pode e deve conversar não apenas com a Sociologia ou as Ciências Humanas, mas com componentes de todas as áreas do saber, em suas partes essenciais ou diversificadas, por regionalidades ou percursos formativos, mantendo-se, não obstante, fiel às especificidades que justificam sua inserção no currículo dessa etapa final da Educação Básica.

Contudo, o reconhecimento da Filosofia como disciplina não se concretiza na terceira (última) versão, analisa Nascimento (2023, p. 49):

> [...] enquanto as versões iniciais traziam conteúdos de aprendizagem específicos para cada componente curricular ao longo das três séries do Ensino Médio, na terceira versão, além das competências gerais, há competências específicas e habilidades por área de conhecimento. Em outros termos, constata-se que houve a diluição e fragmentação dos conteúdos de aprendizagem contido nas duas versões iniciais da BNCC, contradizendo, substancialmente, a noção de direitos de aprendizagem. No caso específico da Filosofia, enquanto, nas duas primeiras, era perceptível a abordagem das cinco grandes áreas filosóficas – Ética e Filosofia Política, Epistemologia, Metafísica, estética e lógica, na última, houve a redução delas na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), restringindo-se às áreas ética e Filosofia Política, Epistemologia, Metafísica.

Com a fragmentação e a diluição dos conteúdos, corre-se o risco de esperar que qualquer uma das disciplinas de Ciências Humanas desenvolvam competências e habilidades que pertençam à área de humanas e, por exemplo, não serem trabalhadas por carência de

formação do/a professor/a que teria um direcionamento mais específico para uma ou outra disciplina que não seja a Filosofia.

A ideia de acreditar que conteúdos de Filosofia e de Sociologia podem ser trabalhados por disciplinas da área de humanas ou de outras áreas é correr o risco de que esses conteúdos acabem como a curiosa história de quatro pessoas: *Todo Mundo, Alguém, Qualquer Um e Ninguém* com autoria atribuída a José Guimarães e publicada por Paulo Coelho (2013, s.p.)

> Havia um importante trabalho a ser feito, mas Todo Mundo tinha certeza que Alguém o faria.
> Qualquer Um podia tê-lo feito, mas Ninguém o fez.
> Alguém zangou-se, porque achava que era um trabalho para Todo Mundo.
> Todo Mundo pensou que Qualquer Um podia resolver o assunto, mas Ninguém imaginou que Todo Mundo deixasse de fazê-lo.
> No final, Todo Mundo culpou Alguém, quando Ninguém fez o trabalho que Qualquer Um podia ter feito.

Nesse caso, questões filosóficas e aproximação de textos filosóficos, como direito de aprendizagem, pode ser negado ao/a estudante, porque corre-se o risco de um/a deixar para o/a outro/a, na crença de que qualquer professor/a pode fazer. Todo mundo ou alguém pode levar o/a estudante a partir do fato, do texto ou do contexto, à reflexão e da reflexão a ação, passando pela opinião e argumentação, pela dialética própria da Filosofia, na qual perguntas exigem uma resposta que se transforma em nova pergunta. Porém, se não houver um direcionamento, por disciplina, pode ser que ninguém o faça.

A BNCC (Brasil, 2016, p. 154) deveria defender a Filosofia como componente quando diz que:

> [...] a entrada da Filosofia [...] amplia as perspectivas analíticas, abrindo novas possibilidades de leitura da experiência humana. [...] Com a Filosofia, se adensa a reflexão sobre o próprio ato de pensar e sobre as formas de retórica, sobre a estética e a ética; [...] Além disso, também se cultiva a arte de encarar a realidade social a partir da dialética da relação indivíduo-sociedade, que limita, ao mesmo tempo em que potencializa, as possibilidades de ação humana.

A manutenção do Ensino de Filosofia na escola como componente e disciplina curricular, articulada com as demais disciplinas e áreas de conhecimento, possibilitaria os direitos de aprendizagem com mais eficiência, preparação para a cidadania, formação ética e humana. Entretanto, A Lei 13.415 que estabelece o NEM que influenciou a nova BNCC para o Ensino Médio, modificando a realidade das escolas brasileiras, ampliando o tempo dos estudantes em sala, reduziu as disciplinas da formação básica e criou inúmeras possibilidades de itinerários formativos na teoria, porém, na prática ficam limitados devido às restrições de recursos físicos e humanos.

2.3 A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO NO ESTADO DE PERNAMBUCO

A Filosofia em Pernambuco segue o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a BNCC, os PCNs, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, portanto, assim como a nível nacional, ela se fez presente e ausente nos currículos do estado, considerando sua obrigatoriedade enquanto disciplina ou conteúdo transversal, em alguns momentos da história da educação do estado, para o Ensino Médio.

Após a LDBEN 9.394/96 que afirma como obrigatório o ensino de Filosofia no Ensino Médio, o estado de Pernambuco estabeleceu duas aulas de Filosofia para uma ou duas séries do Ensino Médio, com base no que consta nas Orientações Curriculares para Ensino Médio (2006, p. 15) da área de Ciências humanas em sua introdução, que afirma: "A Filosofia deve ser ofertada como disciplina obrigatória no ensino médio, pois isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando".

Nesse sentido, um estudo das condições de ensino da Filosofia no Brasil, a pedido da UNESCO, realizado por Fávero, Ceppas, Gontijo, Gallo e Kohan (2004, p. 263, destaque nosso), Pernambuco está entre os:

> Estados que adotam a disciplina de modo opcional na rede pública, com ao menos duas horas semanais: 7 (Espírito Santo, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Minas Gerais). Nesses estados, a carga horária varia muito. Em **Pernambuco**, por exemplo, algumas **escolas** que oferecem a disciplina o fazem, geralmente, no **primeiro ano**, com **duas horas semanai**s, ao passo que **outras** oferecem a disciplina também no **2º ano**.

Acreditamos que essa realidade variável da oferta de Filosofia enquanto disciplina em Pernambuco poderia ser desfavorável ao estudante que precisasse mudar de escola durante o Ensino Médio. Por exemplo: um/uma estudante que estudasse todo primeiro ano na escola que oferecia a disciplina Filosofia apenas no segundo ano, fosse para outra cidade em que sua nova escola ofertava apenas no primeiro ano; este/a aluno/a teria perdido seu direito de aprendizagem dos componentes curriculares de Filosofia.

Tal risco também se faz presente hoje, em menor proporção, não dentro do estado de Pernambuco, mas de um estado para outro já que a oferta da Filosofia como componente curricular ficou a cargo dos sistemas de ensino ao construírem seus currículos ou matrizes curriculares. E, assim, se repete nos estados brasileiros a mesma situação anterior a 2008.

Observando as tendências de cada Região, Fávero, Ceppas, Gontijo, Gallo e Kohan (2004, p.264) afirmam que: "Nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, a

disciplina é opcional". O que nos faz pensar que, em pleno século XXI, a Filosofia esteve presente no Ensino Médio antes de 2008 como disciplina opcional na parte diversificada, para uma ou duas séries do Ensino Médio das escolas pernambucanas, com variação entre uma e outra, devido à livre escolha das escolas em complementar sua parte diversificada.

Entre 2008 e 2021, ante o Novo Ensino Médio, as escolas pernambucanas ofertavam uma aula de Filosofia semanal, para as três séries do Ensino Médio como o restante do país. Em 2022 com o NEM, estabelecido pela Lei 13.415/2017, o Ensino de Filosofia em Pernambuco passou a ser ofertado como disciplina obrigatória, com duas aulas semanais apenas para a primeira série do NEM.

Como componente curricular da formação geral básica, a Filosofia no estado de Pernambuco tem seu currículo elaborado com base na BNCC de 2018 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 2018; assim, possui o espaço de duas aulas semanais apenas no primeiro ano do Ensino Médio.

O Currículo de Pernambuco defende que a Filosofia é importante para a desnaturalização de fenômenos sociais, desmistificações de crenças, costumes, valores e ideologias, bem como para reconhecer os erros e as ilusões, como já apontava Morin (2000) no primeiro saber proposto na sua obra *Os Sete saberes necessários à educação do futuro* e no momento posto no texto da Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco (2021, p. 291):

> É certo que, na maioria das vezes, sem a capacidade de raciocínio e reflexão crítica sobre nossa realidade imediata e o seu contexto histórico, o homem torna-se mero reprodutor do sistema de valores, crenças, preconceitos, costumes, falsas ideologias e fundamentalismos religiosos difundidos pela Indústria Cultural e pelas tecnologias digitais. Na maioria das vezes nem percebe que a vida prática não é guiada por si, mas pelos costumes, tradição cultural ou pelas mídias de comunicação de massa que, muitas vezes, disseminam informações distorcidas da realidade, levando ao erro e à ilusão.

A Filosofia certamente contribui com a capacidade para o raciocínio, a reflexão e o pensamento crítico frente à complexidade da sociedade em que estamos inseridos. As mais diversas mídias interferem na realidade, inserindo novos hábitos e maneiras de ver o mundo. Por isso, a necessidade de desenvolver o pensamento analítico, reflexivo, crítico e consciente frente à indústria cultural e às muitas mídias digitais – como afirma Morin (2000), é possível enfrentar o erro e a ilusão por meio do pensamento complexo, tema que trataremos em outro capítulo.

De acordo com o Currículo de Pernambuco (Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco, 2021, p. 291):

> Por essa razão, o ensino de Filosofia se faz imprescindível na formação do jovem aluno do Ensino Médio para que tenha domínio do pensar de modo analítico, através do domínio de um acervo conceitual e de determinadas competências/capacidades intelectuais próprias da Educação Filosófica, tais como: (1) Compreensão da Condição Humana (que se refere ao sentimento de existir do homem no mundo; a origem de possibilidade de toda pergunta, particularmente a pergunta pelo Ser, pelo seu modo de Ser ou a sua situação, marcada pela finitude); (2) Problematização da Racionalidade Teórica (que se refere ao problema do conhecimento, suas formas e possibilidades, sobre as incertezas e limites da racionalidade humana); (3) Articulação da Racionalidade Prática, Comunicativa e Emancipatória (que se refere ao aprendizado e saberes éticos e políticos que remetem à sobrevivência do homem, condição de existência da pessoa e da vida cidadã).

Essas competências propostas na BNCC e no currículo de Pernambuco estão diretamente ligadas às habilidades da Filosofia e das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no que se refere ao indivíduo/sociedade/espécie, o que corresponde à condição humana de acordo com Morin (2000), a aprendizagem conceitual como sugere Gallo (2012) e a educação para a perguntação ou ação de perguntar, proposta por Matos (2021).

Assim, o/a estudante, ao construir sua identidade, partindo de um pensamento crítico e reflexivo, percebe que se encontra diretamente ligado à natureza, à cultura, ao trabalho, à ética, à política, à razão e ao conhecimento.

O Currículo de Pernambuco, além de propor a disciplina de Filosofia como obrigatória em pelo menos uma série do NEM, também direciona para uma perspectiva interdisciplinar, de modo que os conhecimentos filosóficos estejam presentes não somente na aula de Filosofia ou na área de Ciências Humanas, mas também nos itinerários formativos, com mudança de perspectivas teórico-metodológicas, didático-pedagógicas, como podemos conferir no trecho a seguir (Pernambuco, 2021, p. 292):

> Na perspectiva de trabalhar com os conhecimentos filosóficos de modo interdisciplinar e atender aos pressupostos didático-metodológicos próprios da Educação Filosófica, a metodologia proposta para o Ensino Médio deve buscar transformar os sujeitos da relação ensino-aprendizagem em proprietários do processo de produção do conhecimento, colocando a problematização da realidade e do cotidiano do jovem estudante como elementos fundamentais e trazendo à tona o princípio do compartilhamento de saberes como elemento-chave para a aprendizagem da Filosofia e dos seus conceitos básicos.

Nesse sentido, o Currículo de Pernambuco para o Ensino Médio acrescenta que é bom lembrar que a Filosofia não é uma meditação solitária ou fazer exclusivo de poucos, de professores/as ou filósofos/as. Mas ela se constrói no espaço público no/pelo diálogo. Além disso, “Ensinar filosofia significa tirá-la do mundo privado e exclusivo de uns poucos para expô-la aos olhos de todos na construção coletiva de um espaço público de dialogantes” (Pernambuco, 2021, p. 292).

Para melhor justificar a presença da Filosofia no Ensino Médio, o Currículo de Pernambuco se atenta para a questão dos jovens na busca pelo sentido de sua existência, apontando para a dialógica entre o texto e o contexto ao afirmar que (Pernambuco, 2021, p. 291):

> Pensar a Filosofia e, particularmente, o seu ensino se justifica plenamente na formação do jovem estudante do Ensino Médio, pois tem como principal objeto de estudo a condição da existência humana, através da compreensão de uma visão de mundo, crítica e situada, e do homem em suas interações com o mundo, confrontando valores e projetos de sociedade, de modo que possa deixá-lo apto à apreensão do sentido de sua existência, que deve ser feito mediante um processo dialógico com sua experiência existencial.

Entretanto, para além da percepção de que a Filosofia é importante para a educação dos jovens, que estão inseridos em uma sociedade desigual, de constantes transformações científicas, tecnológicas, de influências e interações culturais, está a apreensão de si, do sentido da própria existência, da relação com o outro e com essa sociedade que exige pensamento e conhecimento complexo.

Nesse sentido, Morin, apresenta o pensamento pertinente, o ensino da condição humana, o enfrentamento das incertezas e a antropoética como parte dos *"Sete saberes necessário à educação do futuro"*, ou melhor, do presente e do futuro, para melhor compreensão de si mesma e da sociedade que se encontra cada vez mais complexa nessa era planetária.

Para Petraglia (2000, p. 10), "Morin entende a complexidade como um tipo de pensamento que não separa, mas une e busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana". Nesse sentido, a Filosofia pode unir os conhecimentos, integrando os saberes, além de levantar provocações a partir do texto e do contexto.

De acordo com Ribeiro (2011, p. 49):

> O pensamento de Edgar Morin contribui para pensarmos a educação a partir da perspectiva complexa, interligando os saberes apostando numa reforma do pensamento necessária (como também a reforma curricular), na qual seja realizada uma proposta de ensino pautada em programas que orientem os educadores/as a situarem as disciplinas partindo das interrogações sobre diferentes contextos e, a partir de novos contextos (universo, terra, vida, humano – cultura das humanidades e cultura científica, por meio de um núcleo organizador sistêmico (cosmologia, ecologia e ciência da terra), como também a reorganização da infraestrutura.

Ao pensamento de Morin, somamos o que diz os parâmetros curriculares, não somente em relação ao Ensino de Filosofia, mas à educação do presente e para o futuro: **"**[...] pretende-se que o estudante desenvolva o autoconhecimento e a capacidade de tomar decisões próprias com o pensamento no outro e na sociedade, sobretudo diante das escolhas que o aguardam ao

concluir o ensino médio e, portanto, a educação básica" (Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco, 2013, p. 20).

Nesse sentido, tanto o pensamento moriniano como o Currículo de Pernambuco (Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco, 2021, p. 292) apontam para a reforma do pensamento, curricular e pedagógica, tendo em vista a condição indivíduo/sociedade/espécie:

> A sala de aula deve passar por mudanças no seu significado. Em primeiro lugar, deixando de ser um local onde os alunos vão apenas ouvir o professor, para se transformar num espaço de compartilhamento de saberes, em que as formas de produção do conhecimento e a pesquisa se tornarão os principais referenciais para a prática pedagógica. Ademais, favorecendo práticas interdisciplinares que, com certeza, oferecem novas oportunidades de aprendizagem significativas e possibilitam atuar como momento de práxis, capaz de mobilizar múltiplos conhecimentos em projetos junto à comunidade local.

Para Ribeiro (2011, p.49), valendo-se do pensamento moriniano, afirma que:

> [...] cabe à educação encorajar essa reforma, claro que o fomento de políticas públicas para tal realização, bem como a valorização profissional são essenciais para a concretização dessa reforma, [...]. Cabe a essa reforma o pleno emprego e inteligência no/do pensamento multidimensional, multirreferenciado, considerando o todo/parte.

É importante destacar que o Currículo de Pernambuco tem como premissa ou filosofia o ensino integral, com base nos quatro pilares da educação: aprender a *Ser*, aprender a *Conviver*, aprender a *Conhecer* e apreender a *Fazer*, pensando em uma educação para os valores, o trabalho, o empreendedorismo e o projeto de vida.

Para que a Filosofia da escola integral e a educação de modo geral, como está posta nos documentos oficiais de Pernambuco, seja de fato vivenciada no chão da escola, a Filosofia como disciplina obrigatória deveria estar presente em todas as séries do Novo Ensino Médio e não diluídas em outras disciplinas como estudos e práticas filosóficas ou somente duas aulas semanais presentes apenas no primeiro ano.

A Filosofia aparecendo como disciplina, apenas no primeiro ano, corre o risco de seu papel e importância serem deixados de lado nas duas últimas séries, já que pode não haver profissional disposto a trabalhar questões filosóficas como faria um professor que estivesse com esta função, como já afirmamos anteriormente.

Se olharmos quantas questões filosóficas são propostas na BNCC, no Currículo de Pernambuco, percebemos que é impossível desenvolvê-las no chão da escola em apenas uma série durante um ano. Portanto, seria necessário que, assim como a Matemática e a Língua Portuguesa, ela pudesse estar presente em todos os anos, com uma quantidade significativa de aulas devido à sua importância e relevância na construção do pensamento crítico, lógico e argumentativo.

2.4 O ENSINO DA FILOSOFIA NA EREM JACOB ANTÔNIO DE OLIVEIRA

A escola campo de nossa pesquisa recebe a abreviação EREM que literalmente significa: Escola de Referência em Ensino Médio. Essa denominação expressa o modelo de educação em tempo integral do estado de Pernambuco, sendo agregada ao nome da escola, desde 2012, quando passou a ofertar o Ensino Médio em tempo integral. Portanto, utilizaremos a sigla EREM associada ao restante do nome da escola: Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira.

A Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira pertence à jurisdição da GRE (Gerência Regional de Educação) Sertão do Médio São Francisco e à Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco; está localizada na Avenida Prefeito Ulisses de Novaes Bione, nº 517, no Centro da cidade de Orocó-PE. Devido a sua localização, é a principal entre as duas escolas do município que oferta Ensino Médio para adolescentes, jovens e adultos. Ela recebe estudantes do campo e da cidade, bem como das ilhas próximas, tanto do estado de Pernambuco como do município vizinho (Curaçá) do estado da Bahia.

Para além do ensino em tempo integral, a escola ofereceu o Ensino Médio para Jovens e Adultos desde o início do século XXI até 2022, no turno da noite, duas turmas de Ensino Médio para este público, por meio do "Programa Travessia" como continuidade de um programa anterior que se chamava "Telessala". Paralelamente, no município, funciona os programas de EJA Campo, oferecido nas áreas rurais, coordenado pela outra escola que oferta esta modalidade, etapa do Ensino Médio para aqueles/as estudantes trabalhadores/as e/ou que não cursam na idade certa.

Em 2023, a Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira encerrou sua última turma do "Programa Travessia", ficando a incerteza sobre a oferta de uma modalidade que atendia aos jovens e adultos moradores da cidade, que por motivos diversos, não puderam concluir o ensino médio, nem se enquadram na modalidade da escola de tempo integral.

O Projeto Político Pedagógico da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira (2019, p. 5) em sua apresentação, afirma que:

> O grande desafio deste projeto é a educação de uma comunidade heterogênea que busca a escola como meio de ascensão social e cultural. [...] Pretendemos que, pelo nosso fazer educativo, ele consiga buscar a verdade como ideal de vida, que tenha ideias e objetivos definidos, que seja autônomo, crítico e, como cidadão, participe efetivamente na sociedade, com competência, ética, dignidade e responsabilidade especialmente pelo meio ambiente em que vivemos.

Compreendemos que esse desafio da heterogeneidade e a percepção da escola em seu projeto não é uma realidade isolada. Porém, reconhecer seus desafios pode ser um ponto de partida para traçar seus objetivos e a missão que serão vivenciadas no chão da escola.

Com menos de 14 mil habitantes[9], a pequena cidade de Orocó-PE, no sertão semi-árido da caatinga, banhada pelo Rio São Francisco; conta com reconhecimento de territórios quilombolas e indígenas; projeto de irrigação que fornece o melhor da agricultura, diversidade cultural, ausência de universidades. Alcançar os objetivos do PPP da escola está cada vez mais difícil, mediante essa sociedade local em que a Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira está inserida.

De acordo com os dados atualizados pelo IBGE de 2022 e do site oficial da Prefeitura do Município de Orocó-PE (2023), este possui uma área de sequeiro, projetos de irrigação, ilhas e regiões ribeirinhas. Ele oferece a seus habitantes a possibilidade de criação, especialmente, de rebanhos de ovinos e de caprinos; na agricultura, entre outros cultivos, destacamos: o plantio de cebola, de banana e de macaxeira. Para além da agropecuária, outras fontes de renda são: o emprego no serviço público; o pequeno comércio e os programas assistenciais que fomentam a renda de ao menos meio salário mínimo às famílias orocoenses.

Observando a realidade local e conversando com a comunidade de pais/mães e estudantes, percebemos que uma pequena parte da agricultura se destina ao comércio local, pois sua produção viaja para fora da cidade. Enquanto o comércio local se resume a uma feira livre cada vez menor, a pequenas lojas, e alguns supermercados, bares e distribuidora de bebidas que empregam temporariamente e por vínculo de parentesco. Estas opções não atraem as expectativas dos/as jovens em seus projetos de futuro.

Se, por um lado, as perspectivas de crescimento econômico são pequenas, por outro, grande é a diversidade cultural e religiosa. Sendo assim, o fazer educativo assume a responsabilidade de desenvolver o pensamento crítico, político, ético, o senso de justiça, o respeito às diferenças e o desenvolvimento produtivo para a própria cidade.

Logo, a educação escolar em seu fazer educativo pode, em sua missão, apostar em meio às incertezas no desenvolvimento de cidadãos críticos e autônomos, capazes de assumir com responsabilidade, ética e produtividade sua participação na sociedade, cuidando de si, do outro, do seu local para o desenvolvimento sustentável e viver com dignidade.

As perspectivas da educação, segundo o PPP da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira (2019, p. 5), é a educação inclusiva, uma vez que esta:

[9] Orocó. IBGE 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/oroco/panorama. Acesso 20 Abr. 2024.

> [...] constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferenças como valores indissociáveis na construção da cidadania, conhecimento dos direitos fundamentais, o respeito pluralidade e a diversidade sexual, étnica, racial, cultural, de gênero e de crenças religiosas e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. Desta forma, a educação inclusiva assume espaço central no debate a cerca da sociedade contemporânea.

Considerando que para o enfrentamento das incertezas da sociedade contemporânea necessitamos da compreensão da condição humana e da antropoética, conforme o pensamento moriniano, a educação atual, incluindo a educação ofertada na escola campo de nossa pesquisa, busca oferecer um ensino de qualidade, ser inclusiva, respeitar as diferenças e identidades culturais que são plurais.

Além de atender aos estudantes de origem indígena e quilombola, desde 2008, tem integrado pessoas com deficiências físicas ou intelectuais como os estudantes com deficiências visuais, cadeirantes ou déficit cognitivo, transtorno de atenção e hiperatividade e/ou do espectro autista.

Contudo, a escola concorre com a outra escola do município que oferta o Ensino Médio em turno único e com o IF Sertão (Institudo Federal do Sertão) campus Santa Maria da Boa Vista – PE (cidade vizinha), que promove o ensino médio integrado aos cursos Técnico Agrícola e Técnico em Edificações. Além disso, os/as jovens filhos/as de pais/mães com melhores condições financeiras, saem para a cidade de Petrolina para estudar nas escolas particulares de lá, pois na cidade de Orocó – PE as escolas de ensino particular são apenas de Ensino Fundamental.

Diante desse cenário, a Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira visa ser uma escola inclusiva, pois de acordo com o PPP (2019, p. 5):

> [...] prepara para a vida e possibilita o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade crítica e construtiva dos cidadãos que nela estão. O direito à igualdade de oportunidades não significa um modo igual de educar a todos e, sim, dá a cada um o que necessita em função de seus interesses e características individuais.
> A noção de limite e respeito ao outro é necessária para a convivência ética em grupo. O trabalho em equipe deve priorizar o diálogo, a cooperação e a interação dos seus integrantes buscando superar a competitividade individualista.

Ser uma escola inclusiva, segundo seu PPP (2019), em busca de uma sociedade mais inclusiva, não é uma tarefa fácil, principalmente, numa sociedade excludente como a nossa. Contudo, como está no PPP, além de incluir, é necessário priorizar o diálogo, a cooperação, a interação e, conforme Morin (cf. 2000, p. 107-112), regenerar a democracia e a cidadania porque, de forma retroativa, uma produz a outra; da mesma forma que Freire (1996) afirma sobre a transformação da sociedade pela educação e desta pela sociedade.

A democracia precisa ser regenerada, pois, de acordo com Morin (2000, p. 107), “A democracia favorece a relação rica e complexa indivíduo/sociedade, em que os indivíduos e a sociedade podem ajudar-se, desenvolver-se, regular-se e controlar-se mutuamente”.

Diante do que a escola propõe em seu PPP, seria ideal a luta pela superação da competitividade individualista nessa sociedade neoliberal capitalista, em que conceitos como lucro, status, poder, consumismo são constantemente injetados nas mentes humanas através das mídias e seus influenciadores.

O Ensino de Filosofia como componente curricular e em conjunto com outras disciplinas e áreas de conhecimento pode contribuir com a construção da antropoética e o enfrentamento das incertezas, partindo do levantamento de questões filosóficas, situações problemas que envolvem o contexto do/a estudante de maneira que este desenvolva o pensamento crítico, ações humanitárias, éticas e justas. É o que trataremos mais adiante.

2.4.1 *A Filosofia no Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira*

Para falar da Filosofia enquanto disciplina presente no Ensino Médio nos baseamos nas Atas (1970 – 2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, documento que registra o nome dos estudantes com seu rendimento por disciplina que compõe o currículo da escola para cada ano de estudo, conforme já citada anteriormente.

Com o intuito de destacar a presença da Filosofia na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, o documento mais completo e acessível da instituição desde sua origem eram essas Atas. Então, demarcamos o período em que a referida escola começou seu funcionamento até o ano de 2022 como marco de transitoriedade entre o Ensino Médio e o Novo Ensino Médio.

Outro documento consultado aqui foram os diários oficiais que agregam informações a respeito da inserção ou retirada da Filosofia da matriz curricular do estado de Pernambuco.

Considerando os registros em Atas da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, a partir do ano de 1970, verificamos que o atual Ensino Médio era denominado colegial, todavia, a escola, entre os anos de 1970 e 1978, funcionou apenas com o primário e ginasial (atual Ensino Fundamental I e II, respectivamente).

Entre os anos de 1979 e 1984, não encontramos dados referentes às três séries que correspondem hoje ao Novo Ensino Médio. Contudo, nesse último período havia o curso de Magistério.

A partir do ano de 1985, a escola passou a oferecer, além do curso de Magistério, o curso denominado Estudos Gerais. Porém, até 1988, não havia Filosofia ou Sociologia em

nenhuma das séries oferecidas pela escola. Apenas duas disciplinas chamadas “Moral e Cívica” e “O.S.P.B (Organização Social e Política do Brasil)” que eram oferecidas tanto nas séries finais do Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Além dessas duas disciplinas, haviam: “Estudos da Atualidade” para 2ª e 3ª séries do Ensino Médio e “Legislação Trabalhistas” para a 3ª série. Uma observação importante é que “Estudos da Atualidade” e “Legislação Trabalhistas” eram de 120 e 80 horas aulas anuais, respectivamente.

Isso nos leva a crer que o ensino médio dessa época era voltado para o mundo do trabalho e de uma moral e ética impostas. Uma ética contrária ao pensamento moriniano, uma vez que, para Morin (2000), a ética não deve ser imposta, mas ensinada, partindo da compreensão da condição humana e de seu enraizamento cósmico e planetário.

No que diz respeito à Filosofia, verificamos que ela aparece pela primeira vez na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, com 80 horas aulas anuais, no 1º ano do Magistério em 1990. Enquanto no 1º ano de Estudos Gerais era ofertado a disciplina Sociologia com 80 horas anuais, desde 1989 e assim continuou até 1993.

Em 1994, Filosofia está ausente do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira e em 1995 se faz presente apenas no 1º ano do Magistério, enquanto o 1º ano de Estudos Gerais oferecia as mesmas 80 horas aulas anuais de Sociologia. Já as duas séries finais não tinham nem Filosofia e nem Sociologia e esse fato se repete até o ano de 2001.

De 2002 a 2007, tanto a Filosofia quanto a Sociologia estavam presentes em todas as séries do Ensino Médio com 40 horas anuais, o que equivale a uma aula semanal. Esse fenômeno só voltou a acontecer a partir de 2011. Sendo que nos anos de 2008, 2009 e 2010, os/as estudantes do Ensino Médio cursavam Filosofia no 2º ano e Sociologia no 3º ano, com duas horas aulas semanais, que correspondem a 80 horas aulas anuais.

Ficamos sem compreender porque a Lei 11.684 de 2 de Junho de 2008, que dizia em seu inciso IV do Artigo 36 que a Filosofia e a Sociologia passariam a ser disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio não foi aplicada imediatamente, já que a mesma dizia que esta passaria a vigorar a partir da data de sua publicação.

O curioso é que justamente no ano de 2008, em que passam a ser disciplinas obrigatórias do currículo escolar, elas são reduzidas a estarem presentes apenas em uma série do Ensino Médio. E que, somente em 2011, voltam a ser oferecidas nas três séries do Ensino Médio com 40 horas aulas anuais, com três anos de atraso referente a Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008.

Entretanto, verificamos que, de acordo com as matrizes curriculares do período de 2008 a 2010, a Filosofia esteve presente apenas no 2º ano do Ensino Médio, com duas aulas semanais. Contudo, não encontramos publicações de matrizes curriculares no estado de Pernambuco, por meio de Resoluções ou outros documentos oficiais, que justificassem sua ausência ou presença nas três séries, inclusive para os anos de 2009 e 2010.

Todavia, a Instrução Normativa Nº 03/2008 (DOE 04/03/2008, p. 15-16) afirmava que Filosofia e Sociologia fazem parte do currículo da Base Nacional Comum e que as escolas, junto a suas Gerências Regionais de Educação – GRE, deveriam implantar de forma gradativa as novas matrizes, conforme a lei vigente, que não devia ser a Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008, porque esta é posterior à Instrução Normativa Nº 03/2008 do Conselho Estadual de Educação do estado de Pernambuco

Podemos conferir no parágrafo único do Art. 4º, Art. 5º, Art. 6º e Art.7º da Instrução Normativa Nº 03/2008 que afirma:

> Parágrafo único. As novas matrizes para o Ensino Normal Médio e para o Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos - EJA serão implantadas em 2008 de forma gradativa (apenas no 1º ano), de maneira que os estudantes que tenham iniciado em outra matriz possam concluí-la sem prejuízo na certificação.
> Art. 5° Compete às Gerências Regionais de Educação orientar, acompanhar e avaliar as escolas na implantação / operacionalização das matrizes curriculares, em consonância com o projeto pedagógico da escola, com a politica da Secretaria de Educação do Estado, garantindo a observância desta Instrução.
> Art. 6° Compete às escolas, junto com as Gerências Regionais de Educação, garantir a implantação e a correta operacionalização das matrizes curriculares, em observância ao que estabelece a legislação educacional em vigor e à carga horária estabelecida para cada componente curricular constante na Base Nacional Comum e na Parte Diversificada das referidas matrizes curriculares.
> Art. 7°. Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria Executiva de Desenvolvimento da Educação, ouvida a Gerência de Normatização do Ensino e Gerências Regionais de Educação.

Diante do exposto, consideramos que de 2008 a 2010, já que o estado de Pernambuco não tinha elaborado uma nova Matriz Curricular que incluíssem a Filosofia como disciplina obrigatória nos três anos do Ensino Médio, a escola continuou seguindo as matrizes anteriores a 2008, que seguiam conforme a Lei Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 e as DCNEM. Vindo a estabelecer novas matrizes conforme a Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008 apenas em 2011 de acordo com a Instrução Normativa Nº 02/2011 (DOE 29/01/2011, p. 23).

Com isso, entre 2011 e 2021, a Escola voltou a ofertar a disciplina Filosofia nas três séries do Ensino Médio como componente curricular, de acordo com a Matriz Curricular publicada pelo Diário Oficial de Pernambuco, em 29 de Janeiro de 2011, conforme Instrução Normativa, Nº 02/2011 (DOE 29/01/2011, p. 23-27).

Todavia, a partir de 2022, com a implementação do Novo Ensino Médio pela Lei 13.415 de 16 de Fevereiro de 2017, a Filosofia está presente como disciplina na matriz curricular da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, apenas no 1º ano e com duas aulas semanais assim como nas outras escolas pernambucanas.

O que fica evidente em relação à Filosofia é que, além do período da Ditadura Militar do século XX, constatamos dois períodos do século XXI que houve retrocesso quanto ao tempo destinado ao Ensino de Filosofia na Escola que hoje denomina-se Escola de Referência em Ensino Médio. Esses períodos constam entre os anos de 2008 e 2010 e no momento atual com o NEM.

Retirar ou reduzir a Filosofia do currículo é contraditório em relação a uma educação integral, voltada para o desenvolvimento da integralidade humana, uma vez que o próprio Programa de Educação Integral envolve quatro dimensões do ser: a dimensão racional (*logos*), a dimensão emocional (*pathos*), a dimensão espiritual (*mytos*) e a dimensão corporeidade (*eros)*, conforme seu idealizador Antônio Carlos da Costa e presente nos discursos sobre a educação integral e profissional do Estado de Pernambuco proferidos por Dutra (2019, p. 47). Ainda nesses termos, Lucena (2017, p. 57) afirma que: "os seres humanos possuem dimensões integradas às necessidades da alma, do espirito, da carne, da voz, do coração, [...]".

Pensamos que o Ensino de Filosofia com suas questões filosóficas, textos e contextos lidos e interpretados filosoficamente pode contribuir com o programa integral, que pretende formar o cidadão em sua integralidade e projetos de vida que podem ser a continuidade de seus estudos no ensino superior para posterior profissionalização ou para o ingresso imediato no mercado de trabalho; pode ajudar o alunado a ter a capacidade do pensamento reflexivo, crítico e analítico para fazer suas escolhas, conforme seu contexto e habilidades cognitivas e socioemocionais.

3 CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

> *"E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo" (Morin, 2000, p. 30).*

A Educação atual pode levar em consideração o que Morin (2000) alertou quanto à necessidade de repensar o humano conforme sua complexidade e condição humana, que nos tempos atuais foram implicadas pelas incertezas históricas, a herança do século passado e acrescida nos três últimos anos de incertezas e mazelas deixadas pela Covid-19.

No que se refere à complexidade humana, Morin (2015b) afirmou que somos seres complexos e vivemos em uma sociedade complexa que muda constantemente e estas mudanças que alteram as relações sociais, conduzem as incertezas em todos os campos e dimensões do humano.

Tendo em vista a complexidade que nos envolve diariamente, Morin esclarece que (2000, p. 38):

> *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade.
> Em consequência, a educação deve promover a "inteligência geral" apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global.

Ainda se referindo ao contexto da complexidade, Morin (2015b, p. 35) acrescenta que: "[...] a complexidade coincide com uma parte de incerteza, seja proveniente dos limites do nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos. Mas a complexidade não se reduz à incerteza, é *a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados".* Pensar a complexidade proposta por Morin pode nos assustar um pouco. No entanto, estamos imersos nas incertezas que exigem de nós uma inteligência que pense o local, o global, o uno e o múltiplo. Assim, o pensamento complexo proposto por Morin torna-se imprescindível.

De acordo com Freitas e Gidon (2016, p. 1-2):

> O pensamento complexo moriniano trabalha nossos modos de pensar colocando de volta no centro das atenções as dimensões de incerteza, incoerência, contradição, ordem e desordem, ou seja, oferece uma nova modalidade de apreensão e aproximação da realidade, mas sem a ambição e nem a arrogância de fazer dessa proximidade um ponto de chegada.
> [...]

> A teoria da complexidade constitui uma corrente metateórica inovadora indo à contracorrente do pensamento científico moderno, baseada em um modelo integrador e multifacetado. Trata de metodologias interdisciplinar e transdisciplinar das ciências, modalidades de investigação, uma nova concepção da educação, constantemente revisitadas por seu criador, Edgar Morin, desde os anos 70. Promove mudanças radicais no entendimento do pensamento, do conhecimento e do saber como bases subjacentes à qualquer evolução humana saudável.

Corroborando com o pensamento complexo, que visa o entendimento a partir de uma concepção mais global e local, do todo e das partes, a educação precisa ser pensada de modo que os estudantes se preparem para o inesperado tanto quanto para o esperado que não se cumpre. Temos como exemplo o fenômeno da Covid-19, que se tornou uma pandemia, atingindo o planeta em poucos meses, devido à complexidade da era planetária.

A era planetária para Morin (2000, p.15) é a mundialização ou globalização: "[...] que se inicia com o estabelecimento da comunicação entre todos os continentes no século XVI". Essa era planetária traz consigo "[...] opressões e dominação que devastaram a humanidade e ainda não desapareceram" (Morin, 2000, p. 16). Com relação a esse fato, Morin (2000) alerta quanto à necessária preocupação da educação em ensinar a condição humana e a tomada de consciência para o enfrentamento das incertezas com ações éticas que valorizem a vida humana e o planeta enquanto casa comum.

Quanto a Covid-19, como citada antes, foi a pandemia do século XXI, provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, um vírus potencialmente grave e que afetou o planeta por sua elevada transmissibilidade, devido à dinâmica planetária de nosso tempo neoliberal em que os países estão em constante contato para fins econômicos, políticos e socioculturais como um grande sistema (des)organizado. Em menos de seis meses do aparecimento do vírus na China, nossas escolas brasileiras estavam fechadas e a educação de crianças e jovens comprometidas a partir de então.

Nesse momento em que estamos vivendo os efeitos de uma pandemia ou pós-pandemia da Covid-19 (2020 a 2023), nos deparamos com as incertezas que brotam em todos os campos do humano, no campo social, emocional, relacional, produtivo. Portanto, é necessário reconhecer que essas incertezas que nos atingem, precisam ser enfrentadas como algo resultado do progresso e do desenvolvimento que vão se complexificando, que sempre existiu e existirá, ocasionada pelo fato de não conhecermos o futuro, pois de acordo com Morin (2000, p. 80), as incertezas são "históricas, criadoras e destruidoras".

As incertezas estão presentes em nosso cotidiano. Isso pode nos incomodar e até nos paralisar. Entretanto, podemos refletir acerca das incertezas, do poder da ação e da ética no Ensino da Filosofia no Ensino Médio.

Partindo da necessidade de rever nossas perspectivas e ressignificar nossas ações a partir daquilo que nos envolve e provoca os nossos sentidos, emoções e o que faça sentido a nossa existência, podemos afirmar que a educação é o caminho que se constrói ao caminhar.

Nesse sentido, podemos partir da única certeza: de que é preciso agir, conforme sugere Edgar Morin (2000) e refletir sobre a ação sem, entretanto, ter a suposição de que é algo imutável e invulnerável. Pois, nosso existir requer pensar e agir, o que supõe a nossa tomada de consciência.

Diante do exposto acima, escolhemos para nossa reflexão e ação o pensamento moriniano, presente no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, escrito por ele no final do século XX e traduzido no Brasil nos anos de 2000. Tendo sido proposto e publicado na virada do século XX para o XXI como fonte de inspiração para educação das futuras gerações. Este livro proporciona reflexões necessárias em direção às mudanças imprescindíveis a se fazer, conforme as complexidades da realidade em que estamos inseridos.

A escolha de *Os sete saberes necessários à educação do futuro* não se deve ao fato de ser um manual ou modelo a ser seguido, como o próprio Morin (2000) deixa claro que essa não é sua intenção. Porém, ele traz à tona a necessidade de repensar a educação no século XXI diante da complexidade que envolve o humano.

Este livro é um breve apanhado de seu estudo sobre a educação e o conhecimento, tendo como base sua teoria do pensamento complexo para responder a complexidade que envolve o humano e a era planetária. Tendo em vista que não é possível pensar o humano separando-o do seu contexto natural/biológico, social/cultural e psíquico/racional, ou seja, é preciso pensar a condição humana com toda sua complexidade numa era repleta de incertezas.

Nessa obra, Morin (2000, p. 15-18, destaque nosso) destaca os sete saberes: 1. *As cegueiras do conhecimento: erro e a ilusão*; 2. *Os princípios do conhecimento pertinente*; 3. *Ensinar a condição humana*; 4. *Ensinar a identidade terrena*; 5. *Enfrentar as incertezas; 6. Ensinar a compreensão*; 7. *A ética do gênero humana.* Dos quais, nós escolhemos três para maior reflexão sobre esses saberes propostos por Morin.

O pensamento complexo ou pertinente de Morin é resultado de sua vasta produção, das quais podemos citar: *O método* (em 6 volumes)*; Introdução ao pensamento complexo; A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento*.

Partindo de seu pensamento pertinente que envolve o todo e as partes, Morin (2000, p. 31) declara que existem muitas fontes e causas "[...] de erros e de ilusão, múltiplas e renovadas constantemente em todos os conhecimentos!". Além disso, destaca que, na

educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer podem ser postas em prática.

De acordo com Morin (2000, p. 31): “[...] o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer apoio indispensável”. Desse modo, pensemos uma educação que consiga: a) Perceber o erro e a ilusão presentes nos conhecimentos oferecidos pelas ciências que ainda trabalha de modo fragmentado e disjuntivo; que separa a mente, o cérebro, as emoções e a cultura para entender o ser humano e tudo que os envolve; b) Compreender os princípios do conhecimento pertinente por meio do pensamento complexo, capaz de entender os problemas locais e globais; c) Ensinar a condição humana que envolve o tripé indivíduo-sociedade-espécie ou o ser bio-psico-socio-cultural de maneira que o ser humano se reconheça enquanto natureza, cultura e sociedade; d) Ajudar no enfrentamento das incertezas e a necessidade de desenvolver uma ética que reconstrua a cidadania terrena, ou seja, um cuidado com a humanidade, partindo de sua humanização e em harmonia com a natureza e sua espécie.

De acordo com Morin (2000, p. 36): os saberes estão “[...] desunidos, divididos, compartimentados e, [...] as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais globais e planetários [...]”. Contudo, Morin, (2000, p. 36) assegura: “[...] para que o conhecimento seja pertinente, a educação deverá torná-los evidentes [...]”: o contexto, o global, o multidimensional e o complexo.

Nesse sentido, Melo (2020, p. 91) afirma que: “o pensamento de Morin sobre educação pode colaborar no processo educativo e de humanização de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional”. A autora, assim como Morin, defende uma educação que humanize, que una os saberes e afirma que: “Só o pensamento complexo pode juntar o que está separado, disjunto e reduzido a um saber que não leva em consideração o contexto, o global, o multidimensional e o complexo” (Melo, 2020, p. 106).

Em defesa do pensamento pertinente de Edgar Morin e de uma educação que humaniza, Melo (2020, p. 108) sugere a superação do “paradigma universal e inquestionável durante muito tempo” a respeito do conhecimento científico. Paradigma esse estruturado a partir da Idade Média que fragmentou os saberes, simplificando o complexo.

De acordo com Melo (2020, p. 108), “[...] diante dessa fragmentação dos saberes e dos conhecimentos que leva ao risco do erro e da ilusão, Morin propõe o conhecimento pertinente, ou seja, complexo, para educação de crianças e jovens”. Para a autora, esse pensamento se estende à formação de professores que precisam pensar a reforma e reformar o pensamento de

acordo com o pensamento moriniano, no intuito de religar o conhecimento no contexto atual. Contexto esse de avanços científicos e tecnológicos, guerras e desastres naturais.

Nesse sentido, Melo (2020, p. 109) afirma que:

> [...] por um lado, muitas descobertas, em diferentes áreas do conhecimento, nas décadas de 1960 e 1970, proporcionaram uma "[...] nova luz sobre a situação do ser humano no universo [...]". por outro lado, essas descobertas e esses conhecimentos estão desunidos e fragmentados. "[...] Paradoxalmente assiste-se ao agravamento da ignorância do todo, enquanto avança o conhecimento das partes".

Tais contradições não serão superadas facilmente. Contudo, poderíamos estar a caminho se a educação fosse reformada, pensada em consonância com a complexidade humana, predisposta a enfrentar as incertezas, a ensinar a condição humana e a proporcionar a ética própria do gênero humano.

Ainda de acordo com Melo (2020, p. 109):

> [...] a educação do futuro deve promover a união entre os saberes de diferentes áreas: ciências naturais, exatas, humanas e sociais. Tal união deve objetivar o remembramento dos conhecimentos, buscando contextualizar o ser humano no mundo, evidenciando a condição humana e sua multidimensionalidade e complexidade (MORIN, 2002).

Acrescentamos aqui que para além de estudantes e professores/as, o conhecimento complexo poderia ser pensado pela sociedade como um todo. Segundo Morin (2015b, p. 66):

> [...] a complexidade individual é tal que quando nos colocamos no centro de nosso mundo, nos ali colocamos também os nossos: isto é, nossos pais, nossos filhos, nossos concidadãos; somos mesmos capazes de sacrificar nossas vidas pelos nossos. Nosso egocentrismo pode se encontrar englobado numa subjetividade comunitária mais ampla; a concepção de sujeito deve ser complexa.

Entretanto, ainda ignoramos essa realidade, uma vez que vivemos no século XXI com uma educação do século XX, onde se valoriza a fragmentação dos conhecimentos, a racionalização e as especificidades.

Nesse sentido, Morin (2000, p. 14), destaca que:

> É impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer.
> De fato, o conhecimento não pode ser considerado uma ferramenta *ready made*, que pode ser utilizada sem que sua natureza seja examinada. Da mesma forma, o conhecimento do conhecimento deve aparecer como necessidade primeira, que serviria de preparação para enfrentar os riscos permanentes de erro e de ilusão, que não cessam de parasitar a mente humana. Trata-se de armar cada mente no combate vital rumo à lucidez.

O que é o conhecimento? Como conhecemos o ser? São questionamentos passados e presentes da Filosofia ao longo de sua história pelo fato de serem questionamentos próprios

do humano à luz da razão. Entretanto, encontrar respostas para esses questionamentos, torna-se ainda mais complexo quando perguntamos o que é o ser humano? Como conhecer o ser humano? E esses questionamentos voltam para o que é o conhecimento e como conhecemos?

Essas indagações giram em torno de si mesmas e nos trazem a dimensão complexa do ser e do conhecer. Isso nos faz refletir sobre o todo e as partes, como nos lembra Morin quando repete (2015b, p. 75) que: "O todo está na parte, que está no todo".

Com relação à educação que auxilie a evitar o erro e a ilusão do conhecimento, Morin (2000, p. 14) propõe que "É necessário introduzir e desenvolver na educação o estudo das características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos, de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que o conduzem ao erro ou à ilusão".

Isso pode significar, entre outras coisas, dizer que as ciências precisam dialogar entre si e em si, refletir sobre seus conhecimentos e seus aspectos, repensar sobre a capacidade de conhecer do ser humano, sua predisposição em conhecer a cultura em que encontra-se inserido, entre outros aspectos.

Com relação aos princípios do conhecimento pertinente, Morin (2000, p. 14) afirma:

> Existe um problema capital, sempre ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais.
> A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto.
> É necessário desenvolver a aptidão natural do espírito humano para situar todas essas informações em um contexto e um conjunto. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.

Trazendo para o contexto do Ensino de Filosofia no Ensino Médio, refletir sobre questões filosóficas como o pensamento pertinente se faz necessário e urgente, depois de duas décadas do século XXI, em que nosso contexto reflete o global no local e o local no global, as individualidades na coletividade, o que implica um pensamento complexo que vincule a compreensão das partes e do todo.

Não dá mais para pensar a realidade local sem relacionar ao global, pois as culturas se fundem diariamente por meio das informações que fazem parte do cotidiano das pessoas que são influenciadas pelas mídias sociais, assimilando valores, comportamentos, ideologias, muitas vezes, aleatórias, fragmentadas.

Logo, a Educação e o Ensino de Filosofia precisam levar o/a estudante a refletir como apreender esses conhecimentos, ou melhor, como receber essas informações e transformá-las em conhecimentos, valores.

A Filosofia com seu caráter diverso e plural, juntamente com os conhecimentos das disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e também de outras áreas de conhecimento que a escola oferece, podem levar o/a estudante a pensar sobre sua própria existência e sentidos, de modo que ensine a filtrar as informações e as transforme em conhecimentos que sejam pertinentes.

Mais do que em qualquer outro momento da história, estamos vivendo com muitas incertezas, não somente com relação ao conhecimento, mas também à vida, a morte, à saúde, à educação, à violência, ao trabalho, enfim, às relações humanas, principalmente nesse início de século com as evoluções tecnocientíficas, as guerras, os desastres naturais, a pobreza, as desigualdades sociais, as novas doenças que afetam adultos, jovens e crianças. Por isso, a importância da escolha da temática *Enfrentar as incertezas*, que mais a frente falaremos como foi posta em prática na sala de aula na disciplina de Filosofia.

A preferência pelo quinto saber do livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* que trata do tema *Enfrentar as incertezas*, nos levou à escolha de outros dois que são: *Ensinar a condição humana* e *A ética do gênero humano.* Em nossa concepção, para enfrentar as incertezas, precisamos entender nossa condição humana e temos que agir utilizando-se de estratégias e ecologia da ação como propõe Morin (2000) no quinto saber.

O tema sobre a condição humana foi incluído aqui por estar diretamente ligado aos outros dois temas. Consideramos que para o enfrentamento das incertezas é indispensável compreender a condição humana, ou seja, o ser que é, ao mesmo tempo, indivíduo/sociedade/espécie com sua condição biológica, cultural e psíquica. Condição própria do ser humano que necessita humanizar-se constantemente sem se desligar da natureza, nem considerar-se superior a ela. Que aprende na relação com o outro, mas cada um apreende de modo singular. Esses três termos relacionados à condição humana, segundo Morin (2000), são indissociáveis e um remete ao outro.

Nosso agir está relacionado à ética ou "antropo-ética", como denomina Morin (2000) no sétimo saber, para que não esqueçamos a cidadania e a democracia enquanto enfrentamos as incertezas. Motivo pela qual o saber *A ética do gênero humano* se faz presente nessa reflexão.

Destacamos a Filosofia, ou melhor, o Ensino de Filosofia para estudo/reflexão dos três saberes necessários para a educação do futuro, propostos por Morin no final do século XX,

traduzido no Brasil nos anos de 2000, já destacados anteriormente, no intuito de tomar consciência de nossa condição humana para assim melhor enfrentar as incertezas como cidadão que é ao mesmo tempo espécie/indivíduo/sociedade. Um ser que precisa humanizar-se a todo o momento.

3.1 A CONDIÇÃO HUMANA

Somos seres humanos e estamos em processo de humanização; nos tempos atuais, enfrentamos as catástrofes naturais, as violências, o adoecimento, os cenários políticos e econômicos de desigualdades que ferem a vida e ameaçam o planeta. Nesse sentido, nos questionamos sobre a racionalidade humana, partindo das perguntas: O que é o ser humano? Ou melhor, Quem somos? O que estamos fazendo? Como nos humanizar?

Para responder esses questionamentos, nos voltamos para a compreensão do ser humano, partindo do pensamento complexo de Morin (2000), de que é preciso ensinar a condição humana e sua complexidade em tempos complexos. Nessa perspectiva, esse é um dos saberes necessários à educação do futuro, que já se faz presente hoje.

Edgar Morin (2000, p. 47) propõe que antes de tudo: "A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro, universal, centrado na condição humana". Tal ensino corresponde a compreensão da animalidade e da humanidade, que juntas, formam o ser homem e o ser mulher, que "[...] tem duplo princípio; um biofísico, e um psico-sócio-cultural, um remetendo ao outro" (Morin, 2000, p. 50-51).

De acordo com Morin (2000, p. 15):

> Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.
> Desse modo, a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino.

O que Morin (2000, p. 52) está afirmando aqui é que "o homem é a um só tempo, plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária". Que não pode ser separado da natureza e da cultura como fazem as ciências em seu estudo e ensino fragmentado.

Carrara e Frutos (2017) destacam o pensamento de Edgar Morin para falar sobre o ser humano e sua constituição. Vejamos (Carrara e Frutos, 2017, p. 102, tradução livre):

> Assim, o ser humano reside sempre numa encruzilhada: é um somos, poderíamos dizer por outras palavras, é relação; ou, como nos ensina Edgar Morin, o ser humano

> é ao mesmo tempo espécie, sociedade e indivíduo. A complexidade do sistema antrópico consiste fundamentalmente nessas três dimensões de diferentes escalas: biológica, cultural e psíquica. O indivíduo humano não se reduz a ser um espécime da espécie, ou um membro mais ou menos clônico de sua cultura. Além de ser uma realização concreta do genótipo e um nó de assimilação e transmissão do patrimônio cultural, cada indivíduo desenvolve qualidades pessoais únicas em sua própria experiência biográfica. Para Morin, todo ser humano pode se tornar um arquiteto singular de sua felicidade. E isso é alcançado graças às potencialidades recebidas do corpo-cérebro da espécie e graças às possibilidades que a sociedade pode oferecer-lhe: quanto mais aberta for a sociedade.

O que Carrara e Frutos estão afirmando a partir do pensamento moriniano, é que a condição humana não depende apenas de ser da espécie humana, mas também é constituído por um nó de assimilações e transmissão cultural, pela vivência em sociedade e individualidade e, nesse sentido, sobre a educação recai essa responsabilidade.

Dependemos da sociedade e de nós mesmos para apreender a realidade em nosso entorno e alcançar a nossa felicidade. Nesse sentido, a educação é uma das principais responsáveis pela vivência da cultura e dos conhecimentos historicamente acumulados.

Conforme Morin (2000, p. 47): “Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo”. Com isso, ele nos diz que estamos ligados ao Cosmo, ao Universo, a Terra, a Comunidade. E que as diversas ciências, junto a Filosofia e a história, devem integrar a educação de maneira a contribuir, colocando em evidência a multidimensionalidade e complexidade humanas.

Quanto à educação que valoriza a condição humana, Morin (2011, p. 13) afirma que:

> A humanidade precisa de mentes mais abertas, escutas mais sensíveis, pessoas responsáveis e comprometidas com a transformação de si e do mundo [...]. São necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos, e que privilegie a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo↔sociedade↔natureza. Essa é a condição fundamental para a construção de um futuro viável necessária para as gerações presentes e futuras.

Incentivar à reflexão, partindo do enfrentamento das incertezas, da necessidade da ação e da ética humana, pode contribuir positivamente para a compreensão de sua condição humana que podem ser ensinadas para a construção de relações melhores consigo mesmo, com o outro e com a natureza, considerando o problema epistemológico e antropológico que envolve o humano em sua complexidade.

O problema epistemológico refere-se ao fato “de ser impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmo que nos rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos” (Morin, 2000, p. 48).

A questão antropológica é que para além da origem cósmica, da natureza e da vida, devemos também "[...] à nossa própria humanidade, à cultura, à nossa mente, à nossa consciência [...]" (Morin, 2000, p. 51). Contraditoriamente, estas condições podem nos tornar "[...] estranhos a este cosmo, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e nos distanciam-nos dele" (Morin, 2000, p. 51).

Cabe à educação e ao Ensino da Filosofia contribuir em qualquer etapa da educação, levando o/a estudante a refletir acerca de sua condição humana, porque segundo Morin (2000, p. 15): "O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico". Contudo, as ciências e o ensino por disciplina fragmentado, compartimentado, tem dificultado a compreensão do ser humano em sua inteireza ou em sua complexidade.

A Filosofia enquanto componente curricular pode promover a reflexão com relação à fragmentação do conhecimento e à unidade humana, reconhecendo em suas reflexões e interações com as outras áreas de conhecimento "[...] a complexidade humana, reunindo e organizando conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas, na literatura [...]" (Morin, 2000, p. 15) e na própria Filosofia para pôr "[...] em evidência o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo que é humano" (Morin, 2000, p. 15).

De acordo com Morin (2000), devemos reconhecer nossa humanidade e diversidade cultural. Ele acrescenta ainda o papel primordial da educação no processo de hominização do humano. Para Morin (2000, p. 50-51): "A importância da hominização é primordial à educação voltada para a condição humana, porque nos mostra como a animalidade e a humanidade constituem, juntas, nossa condição humana. [...] A hominização conduz a novo início. O hominídeo humaniza-se".

Sendo assim, o ensino e a aprendizagem desse processo de hominização do humano ocorre por meio da cultura que é conservada, aprendida, transmitida com suas normas e princípios. Logo, o ser humano não pode ser conhecido e compreendido por meio de pensamento disjuntivo e fragmentado das ciências físicas, biológicas ou humanas.

3.2 O ENFRENTAMENTO DAS INCERTEZAS

Devido ao individualismo e à sede de poder ou ao fato de se pensar que a felicidade encontra-se em acúmulo de bens materiais, o animal humano mata, destrói e polui sua casa comum (o planeta Terra). Cria armas que destrói sua própria espécie, como afirma Morin (2000) em relação ao século XX que comportou duas grandes guerras mundiais.

Para Morin (2000, p. 84), o ser humano é capaz de criar e inovar, mas também de destruir, uma vez que, segundo ele: "Não existem apenas inovações e criações. Existem também destruições. Estas podem trazer novos desenvolvimentos: assim, os avanços da técnica, da indústria e do capitalismo levaram à destruição de civilizações tradicionais".

Ainda de acordo com Morin (2000, p. 85):

> A história não constitui, portanto, uma evolução linear. Conhece turbulências, bifurcações, desvios, fases imóveis, êxtases, períodos de latência seguidos de virulências, como o cristianismo, que ficou incubado dois séculos antes de submergir o Império Romano; processos epidêmicos extremamente rápidos, como a difusão do Islamismo. Trata-se da sobreposição de devenires que se entrechocam com imprevistos, incertezas, que comportam evoluções, involuções, progressões, regressões, rupturas. E quando se constituiu a história planetária, esta comportou, como vimos neste século, duas guerras mundiais e erupções totalitárias. A história é um complexo de ordem, desordem e organização. Obedece ao mesmo tempo a determinismos e aos acasos em que surgem incessantemente o "barulho e o furor". Ela tem sempre duas faces opostas: civilização e barbárie, criação e destruição, gênese e morte...

Sendo a incerteza a falta de segurança ou de conhecimento sobre determinada situação, podemos dizer que as incertezas deste século XXI decorrem de criações, inovações, evoluções e destruições de séculos anteriores, como do próprio momento histórico em que vivemos, como esse momento pandêmico causado pela Covid-19, guerras políticas, corrida econômica e destruição da natureza (desmatamentos, mineração, industrialização, agropecuária extensiva e poluição por detritos no solo, ar e água).

De acordo com Morin, o princípio da incerteza diverge da certeza do determinismo da "[...] 'ciência clássica' fundada em um determinismo absoluto, [...] encontrado na figura do Demônio de Laplace que, possuindo o conhecimento total, saberia tudo do futuro e tudo do passado" (2015a, p. 40). Esse determinismo da ciência clássica que embora ainda possa se observar na ciência moderna e com menos ênfase na contemporaneidade foi contrariado pelo princípio da incerteza originada que, conforme Morin (2015a, p. 40):

> [...] segundo princípio da Termodinâmica, que introduziu um princípio de desordem do universo. No começo do século XX, a Mecânica Quântica veio, por sua vez, revolucionar a concepção clássica, [...] com uma imprevisibilidade e uma incerteza fundamentais no que diz respeito ao comportamento e até mesmo, à natureza dos objetos microfísicos.

Assim, Morin aborda que a descoberta do princípio da incerteza está ligado à microfísica e sua origem ao "[...] surgimento de uma incerteza lógica, além de uma incerteza empírica" (2015a, p. 40). Com a noção de caos[10] e nos trabalhos de Edwin Hubble sobre a

[10] Caos: de acordo com Morin (1977, p. 59) "é original [...], é a desintegração organizadora. É caos exactamente o que é inseparável no fenômeno de duas faces pelo qual o universo ao mesmo tempo se desintegra e se organiza, se dispersa e se polinucleia...".

expansão do universo, evidenciou-se a incerteza com suas origens, seus constituintes e seu futuro.

Isso nos faz pensar que as incertezas ocorrem no tempo e no espaço, bem como em decorrência da busca pela certeza. A partir dessa constatação, Morin (2015a, p. 41) explica que:

> [...] mesmo quando um sistema é determinista, a incerteza está presente, fazendo com que não se possa ver seu comportamento. Não se pode eliminar a incerteza, pois não se pode conhecer com perfeita precisão todas as interações de um sistema, sobretudo quando esse sistema é muito complexo. A imprevisibilidade reside no próprio cerne do determinismo".

O que percebemos com o pensamento de Edgar Morin com relação às incertezas é que elas estarão sempre presentes, porque nós fazemos parte de um sistema complexo, que envolve desde unidades micro a macro, como as culturas locais e o universo no qual estamos inseridos e somos parte. De acordo com Morin (2015a, p. 43), "[...] a busca da certeza, agora está interligada dialeticamente com a descoberta das incertezas" e faz uma crítica a disjunção, redução e determinismo da ciência clássica ao afirmar que: "em toda disciplina cada um tenta negociar com a incerteza, mas não foi estabelecido o problema do coletivo" (Morin, 2015a, p. 42).

Porém, partindo das incertezas do século XXI que estão ocorrendo e poderão vir a acontecer, a frase do início desse capítulo, de Eurípedes, lembrada por Morin (2000), revela a necessidade de enfrentar o imprevisível, o inesperado e o incerto com estratégias que permitam sobressair em meio ao caos[11] que nos encontrarmos. Entre essas estratégias está a religação dos saberes, sem que estes percam seus conhecimentos específicos.

Dessa forma "É necessário que todos encarregados de ensinar se coloquem nas vanguardas da incerteza de nossos tempos" (Morin, 2015a, p. 46). Como já questionamos anteriormente: Quem previa a pandemia da Covid-19 que atingiu todo o planeta matando milhões de pessoas ou quem antevia os ataques de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos, uma das maiores potências do mundo?

Por mais futuristas que sejam as ciências e os avanços das tecnologias, não é possível prever o futuro ou todas as consequências das ações humanas. Tais ações e estratégias podem sofrer desvios, pois conforme Morin (2015a, p. 46), "[...] Qualquer decisão é um desafio, particularmente em um meio rico em interações e retroações, a ação requer uma estratégia suscetível de se modificar em função das imprevisibilidades encontradas e das informações adquiridas no decorrer dessa ação".

[11] Caos: sentido de desordem e confusão.

Dessa maneira, compreendemos que são muitas as incertezas que nos cercam e que nos angustiam diariamente. Conectamo-nos com informações, ideologias, valores que são transitórios e, por vezes, contraditórios. De acordo com Morin (2015a, p. 47):

> Chegamos a uma época que os riscos que a tecnologia humana nos faz correr são consideravelmente ampliados, disso decorre a ideia de "sociedade do risco" à qual se segue o princípio de precaução. Sem dúvida alguma, o paradoxo reside no fato de que, de um lado, a aplicação escrita do princípio da precaução impede qualquer iniciativa, e, de outro, que a aceitação cega do risco é algo perigoso. Nesse caso, existe um jogo dialético necessário que consiste em combinar risco e precaução, como ocorre com o avião, na qual se multiplicaram as medidas de segurança, inexistentes na locomoção terrestre. Por vezes, preciso apostar em um ou em outro.

Pensando sobre os riscos do uso das tecnologias cada vez mais avançadas, com destaque para o uso das TICs conectadas à internet, disponíveis às massas, diríamos que é preciso da precaução para combinar com os riscos de seus usos por vezes necessários. Ou seja, fazer uso das TICs conscientes de seus benefícios e malefícios questionando: Por que, para quê e como fazer uso da tecnologia?

Por precaução, poderíamos entender a proibição do uso das TICs, aceitando cegamente o risco de que ela é perigosa, promove o vício, a alienação, o isolamento social, a violência, o adoecimento humano e da natureza. Mas se compreendermos os riscos de seu uso exagerado unindo o princípio da precaução que reconhece o risco e o benefício, estaríamos dialeticamente construindo o caminho que pode nos ajudar a perceber que as estratégias sofrem interações e retroações; e que nossas ações necessitam serem revistas ou avaliadas constantemente.

Nesse sentido, Morin (2000) aponta a estratégia e a ecologia da ação para enfrentarmos as incertezas partindo da ideia de Eurípedes que remonta mais de vinte séculos. Ele lembra que devemos estar predispostos à ação, emocionalmente, fisicamente e cognitivamente preparados para o inesperado ou para o não cumprimento do esperado.

Assim, as incertezas podem ser enfrentadas, já que não podem ser superadas, uma vez que é impossível prever o futuro à longo prazo, devido aos desvios e imprevisibilidade. Ele afirma ainda que (Morin, 2000, p. 16):

> Seria preciso ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo. É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza.

A questão do aprender a navegar no oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certezas para enfrentar o inesperado, em busca do esperado, requer de nós a consciência de que, assim como a incerteza, o inesperado está diante de nós o tempo todo e que somos

individuo/sociedade/espécie. Então, dentro dessa condição humana, cabe a cada um agir pensando quais os caminhos e questionando: Quais as opções que temos? Onde? Como estou? Com quem estou? Quais as implicações das minhas ações? Diante desses questionamentos quais as respostas obtidas? Quais as mais beneficentes ao ser humano e sua casa comum?

Morin ainda ressalta que (2000, p. 16):

> A fórmula do poeta grego Eurípedes, que data de vinte e cinco séculos, nunca foi tão atual: "O esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho". O abandono das concepções deterministas da história humana que acreditavam poder predizer nosso futuro, o estudo dos grandes acontecimentos e desastres de nosso século, todos inesperados, o caráter doravante desconhecido da aventura humana devem-nos incitar a preparar as mentes para esperar o inesperado, para enfrentá-lo. É necessário que todos os que se ocupam da educação constituam a vanguarda ante a incerteza de nossos tempos.

Contudo, Morin (2000, p. 69) sugere a ecologia da ação. "A ecologia da ação não nos convida à inação, mas ao desafio que reconhece seus riscos, e à estratégia que permite modificar a ação empreendida". Em seguida, nos fala da estratégia como ponto importante para enfrentar as incertezas.

Como ensinar princípios de estratégia? Morin (2000) não oferece uma receita pronta, mas uma reflexão sobre o assunto. Partir do reconhecimento das incertezas e da complexidade humana é um caminho. Compreender a condição humana, percebendo que navegamos no oceano de incertezas em meio a ilhas de certezas pode ser uma direção para o agir.

De acordo com Morin (1998, p. 70):

> A estratégia elabora um cenário de ação que examina as certezas e incertezas da situação, as probabilidades e improbabilidades. Na prática, ela se constrói mostrando-se disponível a todas as modificações em função das informações que recebe, dos acasos, contratempos ou boas novidades que reencontra. A estratégia deve ora privilegiar a prudência, ora a audácia e, se possível, as duas simultaneamente. Ela pode e deve, frequentemente, efetuar compromissos. Mas até que ponto? Não há uma resposta geral para essa questão, mas qualquer desafio quase sempre contém um risco, seja o da intransigência, que pode conduzir à derrota, ou o da transigência, que pode levar a abdicação. De modo singular, e em função do contexto e de seu próprio desenvolvimento, é na estratégia que se coloca o problema da dialógica entre fins e meios, entre a *realpolitk* e a *idealpolitik.*

O que Morin (2000) escreveu há mais de 20 anos para nós educadores/as e educandos/as do século XXI pode cair como uma luva, especialmente, nesses últimos três anos da pandemia da Covid-19 que chegou inesperadamente atingindo o mundo inteiro, devido à era planetária em que estamos vivendo, devido aos avanços das ciências e dos desvios. Um vírus fora de controle contaminou uma cidade na China em 2019 e assim foi de um país para um continente e, por fim, para todo o planeta Terra.

Esse é apenas um exemplo dos desvios que provocaram incertezas em nossos tempos, a nível local e global. Mas o avanço das tecnologias tem invadido os lares, seus usos inadequados são frutos dos desvios que vão para além das ideologias consumistas. Isso também provoca incertezas.

Recorrendo ao pensamento de Morin (2000) e ao contexto em que nos encontramos, cabe à Filosofia e seu ensino ou ainda a educação escolar partir desse contexto e do próprio estudante com suas inquietações a questionar sua condição, refletindo sobre questões como: Quem somos e onde estamos? O que desejamos e o que estamos fazendo?

Assim, olharemos o presente, refletindo o contexto e nossa história que está conectada à história das humanidades, do cosmo, das nossas relações com o outro e com a natureza.

O Ensino de Filosofia hoje é tão incerto quanto as respostas que a própria Filosofia tem para suas inúmeras perguntas, bem como as que são dadas pelas Ciências Humanas, Físicas ou da Natureza. Para Morin (2000, p. 16):

> As ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas igualmente revelaram, ao longo do século XX, inúmeras zonas de incerteza. A educação deveria incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências físicas (microfísicas, termodinâmica, cosmologia), nas ciências da evolução biológica e nas ciências históricas.

Tendo em vista que enfrentar as incertezas é um dos temas que se faz urgente refletir com o/a estudante do Ensino Médio, de maneira dialógica, levando-os/as a pensar acerca das incertezas presentes em seu cotidiano, reconhecendo “Não se elimina a incerteza, negocia-se com ela” (Morin, 2015a, p. 51). Dessa maneira, a Filosofia e seu ensino podem despertar no/a estudante o desejo de apreender a realidade, partindo de si mesmo e de seu contexto que, por sua vez, está repleto de incertezas e em constantes transformações onde “o esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre caminho” (Eurípedes apud Morin, 2000, p.16).

3.3 A ÉTICA DO GÊNERO HUMANO

Convidar os/as estudantes para abrir a mente para a reflexão, partindo das incertezas, da necessidade da ação, da ética humana, pode contribuir positivamente para a compreensão da condição humana e uma melhor relação com o outro e a natureza. Assim, compreendemos melhor que não devemos agir de qualquer forma, precisamos de estratégias e ações éticas. Uma ética própria ao gênero humano que não é descolado da natureza e nem tampouco unicamente do ser biofísico.

Quando falamos de ética do gênero humano, precisamos deixar claro o significado dos termos "ética" e "gênero" utilizados por Morin (2000) para se referir à ética da espécie humana. *Ética* como: "Parte da Filosofia que trata da conduta humana, sob o ponto de vista do bem e do mal" (Rios, 2010, p. 229); *gênero* como: "1. Reunião de espécie que possuem vários caracteres comuns entre si. 2. Conjunto de seres que apresentam qualidades semelhantes" (Rios, 2010, p. 264)**;** ou conforme o dicionário francês (Michaelis, 2023, s.p, destaque nosso), "*Genre*: 1. gênero, **raça, espécie**, humanidade". Nesse caso, Morin faz uso do termo gênero podendo significar raça ou espécie humana.

De acordo com Morin (2000, p. 106), "[...] a ética propriamente humana, ou seja, a antropo-ética, deve ser considerada a ética da cadeia dos três termos *individuo↔sociedade↔espécie,* de onde emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano. Essa é a base para ensinar a ética do futuro".

Necessitamos de uma ética que envolva a espécie humana no contexto que vivemos, pois estamos na era da informação que chega numa velocidade tão grande que fica difícil acompanhar, filtrar ou analisar para entender o que de fato vale a pena internalizar ou refutar. Precisamos ser seletivos, não perder a noção do todo e das partes, nos relacionar com quem ou o que está longe, sem perder de vistas o que e quem está perto.

Nesse sentido, o ser humano depende da construção de uma ética própria a sua espécie humana ou uma "antropo-ética" como afirma Morin (2000, p. 106). A autoética ou a antropoética pode ser ensinada partindo da reflexão sobre quem somos, onde estamos e como devemos agir. Essas são questões filosóficas que aproximam o homem da compreensão de sua condição humana, da sua relação com o mundo (natureza e cultura), com o outro e consigo mesmo.

De acordo com Guimarães (2020, p. 184), Morin relaciona:

> *A ética* a urgente necessidade de se resgatar os valores, o aspecto qualitativo e a beleza para o retorno de um sentido de existência, esta desvalorizada e banalizada em um mundo artificialmente mecanizado, burocrático e desencantado. O Patrimônio imaterial, cultural ou espiritual é tão necessário quanto o físico para o bem-estar da humanidade. O aspecto qualitativo é eminentemente sensível e afetivo e é ele que fornece a motivação mais forte para a ação ou ao amadurecimento equilibrado da afetividade no *viver com*, ou seja, na vivencia do processo relacional interpessoal da convivência e partilha.

Cada ser humano precisa ser restaurado, ensinado que deve ser sujeito responsável pelas suas escolhas; encontrar sentido para sua existência, solução ou estratégias de solução para suas angústias. Aprender a viver com o outro e consigo mesmo.

Morin (2011, p. 13) afirma que: “[...] é fundamental criar espaços dialógicos, criativos, reflexivos e democráticos capazes de viabilizar práticas pedagógicas fundamentadas na solidariedade, na ética, na paz e na justiça social [...]”. Nesse sentido, podemos tomar a Filosofia no Ensino Médio como espaço de diálogo, de reflexão e de resistência para tentar entender o momento histórico em que estamos inseridos em meio aos seus próprios desafios devido ao imediatismo, às cobranças, à valorização e ao utilitarismo do mundo moderno e pós-moderno para encontrar sentido no ensino e na aprendizagem.

Nesse sentido, Morin (2000, p. 17) propõe à escola, por meio da educação, que:

> A educação deve conduzir à “antropo-ética”, levando em conta o caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo indivíduo/sociedade/espécie. Nesse sentido, a ética indivíduo/espécie necessita do controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade, ou seja, a democracia; a ética indivíduo/espécie convoca, ao século XXI, a cidadania terrestre.

A ética humana pode ser construída partindo da ação e da dialógica que envolve o homem desde os tempos mais remotos aos dias atuais e que não pode ser ensinada sem ser refletida, discutida ou vivenciada entre os homens em sua relação consigo, com o outro e com a natureza. Segundo Morin (2000, p.17-18):

> A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.
> A educação deve contribuir não somente para a tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, mas também permitir que esta consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena.

Se a ética não pode ser ensinada apenas como uma lição de moral, ela será construída partindo da consciência de nossa condição humana.

Para Morin (1998, p. 71-72):

> Uma ética política que se pretenda verdadeiramente humana supõe primordialmente a restauração do sujeito responsável. [...] A restauração do sujeito é uma pré-condição para o conhecimento objetivo [...] A restauração do sujeito que comporta a exigência do auto-exame, a consciência da responsabilidade pessoal, e o cargo autônomo da ética (auto-ética).
> O problema da responsabilidade deve ser colocado em termos complexos. De um lado, cada um deve reconhecer-se responsável por suas palavras, por seus escritos, por seus atos. De outro, tomando como base a ecologia da ação, ninguém é responsável pelo modo como suas palavras são entendidas, como seus escritos são compreendidos, como seus atos são mal interpretados, distorcidos.

Nesse sentido, a escola e o/a professor/a devem propiciar momentos dialógicos em que seja discutida a nossa responsabilidade enquanto sujeito responsável por si, por nossa relação com o outro e com o contexto. Partindo da ecologia da ação, proposta por Morin (2000),

percebemos então que somos igualmente responsáveis e irresponsáveis, ao mesmo tempo, pelas nossas escolhas, palavras e escritas, bem como pelo modo como repercutem no outro, seja pela interpretação ou desvios tomados.

Contudo, o Ensino de Filosofia não precisa impor a ética ao estudante, porque "[...] a ética não se impõe imperativamente, nem universalmente a cada cidadão" (Morin, 1998, p. 67). Nem deve ser ensinada como uma ética distante no tempo e no espaço, discutida por grandes filósofos/as ao longo da história, mas como algo que cada um/uma terá de construir. De acordo com Morin (1998, p. 67): "[...] cada um terá de escolher por si mesma seus valores e ideias, isto é, praticar a auto-ética.".

Nesse sentido, a Filosofia e o/a professor/a como mediador/a, pode possibilitar que o/a estudante do Ensino Médio tenha uma aproximação e uma vivência do modo filosófico de pensar, partindo-se dos problemas contemporâneos em que nos deparamos com avanços tecnológicos e científicos. De acordo com Morin (2000, p. 80), são as incertezas e as imprevisibilidades que não podem ser superadas, apenas enfrentadas pela tomada de consciência de que não vivemos mais como "As civilizações tradicionais que viviam na certeza de um tempo cíclico", ou como "A civilização moderna que viveu com a certeza do progresso".

Compreendemos que pensar a educação filosófica como forma de resistência ao momento presente, repleto de incertezas e de transformações contínuas, é possibilitar ao estudante do Ensino Médio (que consideramos ser cidadão do presente e do futuro), um Ensino de Filosofia com uma postura crítica e reflexiva sobre si e seu contexto econômico, político e social.

Com relação ao Ensino de Filosofia como espaço de resistência (Gallo, 2012a, p. 22) diz:

> [...] penso que podemos investir em pensar a educação filosófica como uma forma de resistência. Resistência ao momento presente, momento de continua aceleração, no qual nada mais é duradouro; e resistência à opinião generalizada, ao jogo daqueles que tudo sabem sobre todas as coisas. Resistência singular de si mesmo contra um mundo de finalidades generalizadas. Dizendo de outro modo, reivindico a possibilidade de afirmamos: 'conheço filosofia *e* sou cidadã', em vez de sou cidadão *porque* conheço filosofia'.

Conforme o pensamento moriniano (2021) e de Matos (2021), defendemos que a Filosofia precisa contribuir com o espírito problematizador e questionador, além de ser uma forma de resistência a favor da dignidade da vida de cada cidadão e cidadã.

Nesse sentido, entendemos que o Ensino de Filosofia deve ser um espaço dialógico, de reflexão e de problematização sobre as questões que surgem no cotidiano, enfrentando

também aqueles problemas que estão colocados ao longo da história e para os quais ainda não há respostas conclusivas: O que é o mundo? Quem somos? Como devemos agir? Mesmo sem a intensão de chegar a uma resposta conclusiva são questões que precisam ser abordadas pela Filosofia e na aula de Filosofia para que possamos tomar consciência da nossa condição humana enquanto seres inconclusos e da necessidade da ética.

Com relação a ética, a BNCC (Brasil, 2018, p. 547) toma como juízo de apreciação da conduta humana necessária para vida em sociedade, "[...] cujas bases destacam-se as ideias de justiça, solidariedade e livre-arbítrio, essa proposta tem como fundamento a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos".

No que se refere à Filosofia, a BNCC diz que a "[...] Filosofia só faz sentido quando sai do papel e chega à sociedade [...]". Nesse sentido, Morin (2021, p. 23) acrescenta que:

> A filosofia é, acima de tudo, uma forma de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia, hoje retraída em uma disciplina quase fechada em si mesma, deve retomar a missão que foi sua – desde Aristóteles a Bergson e Husserl – sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. Também o professor de filosofia, na condução de seu ensino, deveria estender seu poder de reflexão aos conhecimentos científicos, bem como a literatura e à poesia, alimentando-se ao conhecimento mesmo tempo de ciência e de literatura.

Concordamos que a Filosofia é espaço para a reflexão e as interrogações próprias do ser humano e de sua condição. Logo, a Filosofia deve permitir ou colaborar com as questões presentes no cotidiano dos/as estudantes do Ensino Médio. O/a professor/a como mediador/a estabelece o diálogo com a ciência e a literatura para que a própria Filosofia não se restrinja a sua história e seus/suas filósofos/as.

A Filosofia com sua essência reflexiva e questionadora deve provocar a consciência dos/as jovens estudantes do Ensino Médio a respeito da "descoberta da transitoriedade do conhecimento para a crítica e para a busca constante da ética em toda ação social" (Brasil, 2018, p. 570), assegurando os direitos de aprendizagem propostos na BNCC.

4 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A escola campo de estudo e pesquisa para a realização do plano de intervenção é a Escola Estadual EREM Jacob Antônio de Oliveira que atualmente atende apenas estudantes do Ensino Médio do campo e da cidade. Ela oferece uma educação em tempo integral e quanto ao ensino de Filosofia nas três séries do Ensino Médio, apenas para quem iniciou o mesmo em 2021.

O que levou a sua escolha foi, a princípio, o fato de ser: a única na cidade de Orocó-PE, a mais antiga e a que a professora pesquisadora trabalha por mais de uma década. Mesmo sem tantos recursos em sua estrutura física procura enfrentar as suas adversidades em prol de uma educação voltada para o desenvolvimento integral do/a estudante, conforme propõe seu PPP (2019).

Já a série escolhida foi o 2º ano (2022), para melhor análise das aprendizagens e a possibilidade de acompanhamento no ano seguinte com 3º ano (2023) devido ao objetivo da intervenção inerente à pesquisa sobre as incertezas e as dificuldades de aprendizagens dos estudantes em Filosofia no Ensino Médio.

De acordo com o PPP (2019) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, o/a estudante do Ensino Médio provém da cidade, das ilhas e da zona rural do município de Orocó-PE e de regiões ribeirinhas pertencentes ao Estado da Bahia. Seus/suas estudantes, em sua maioria, são filhos/as de agricultores/as sem opção de escolha de uma ou outra instituição, carregam consigo incertezas e dificuldades, sejam elas econômicas e/ou de aprendizagem.

Pensando nisso, construímos um plano de intervenção buscando entender essas dificuldades de aprendizagem em Filosofia e as incertezas que carregam consigo, partindo de uma pesquisa qualitativa (estudo de caso), conforme André e Lüdke (2018) propõem e intervindo a partir de dois temas propostos por Edgar Morin (2000) que são compatíveis com o que desejamos compreender: que é a questão das incertezas e como poderíamos agregar a este conhecimento, refletindo sobre o mesmo e a respeito da ética do gênero humano com a vivência dos temas, por meio da metodologia ativa, sugerida por Mello, Almeida Neto e Petrillo (2021).

Para identificação das dificuldades de aprendizagens foram aplicados questionários semiestruturados com questões abertas e fechadas referentes à Filosofia, seu ensino e as dificuldades de aprendizagens apresentadas bem como acerca do tema incerteza.

Além dos textos de Morin (2000) enviados com antecedência de uma semana por meio do grupo de *WhatsApp, Instagram,* no modo PDF, também utilizamos o mesmo texto impresso para quem não dispunha do meio eletrônico ou redes sociais na semana que iniciamos os estudos e foi reservado o momento de tirar dúvidas sobre o texto na aula presencial.

Sem contar com as informações e interações remotas, foram utilizadas 4 (quatro) horas/aulas para cada temática, sendo as duas últimas para a socialização e o debate em roda de conversa conforme proposto para os/as estudantes.

É importante salientar que o plano de intervenção foi ocorrendo e sendo acompanhado por meio das observações em sala de aula e redes sociais bem como por meio do acompanhamento e análise dos questionários propostos por meio do *Google forms*.

Esses dados serão descritos e analisados a seguir, dialogando com Morin (2000; 2021) e outros pensadores que discutem sobre educação, Ensino de Filosofia e metodologia ativa.

4.1 A PRÁTICA DIALÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

A Filosofia no Ensino Médio pode oferecer uma prática dialógica que permite um ensino baseado em temas e problemas envolvendo o cotidiano do/a estudante e o pensamento filosófico de um ou mais filósofos/as para refletir determinada temática.

Nesse sentido, a roda de conversa, enquanto metodologia, pode possibilitar a reflexão dialógica de temas e problemas filosóficos ou do cotidiano do/a estudante. Esta pode ser uma das metodologias/procedimentos em que o/a estudante fala de igual para igual, após o estudo de um texto filosófico e outros textos que possam auxiliar na compreensão do pensamento do/a filósofo/a em estudo, como: textos didáticos, textos enciclopédicos, literários, etc.

Nessa prática, não há estudante mais importante, todos/as podem contribuir com a sua fala/voz, com suas dúvidas, suas interpretações e suas vivências, ou seja, contextualização do texto com seu contexto. Quando damos espaço para que o/a estudante se coloque e possa lançar dúvidas, perguntas, medos e anseios, a sala de aula se transforma em espaço dialógico.

Consideramos a roda de conversa uma metodologia prática dialógica com base no pensamento moriniano, pois, no século XXI, não há mais espaço para um pensar disjuntivo, simplificado, mas sim complexo que envolva a essência da Filosofia que consiste nas perguntas essenciais do ser humano: Quem somos? O que somos? O que desejamos? O que estamos fazendo? Tais reflexões devem estar conectadas e não desvinculadas de outros saberes ou áreas de conhecimentos.

Recorrendo ao pensamento de Morin (2000) e ao contexto em que nos encontramos, cabe à Filosofia e ao seu ensino – ou ainda à educação escolar –, partir do contexto de vida do/a próprio/a estudante, este/a com suas inquietações para refletir sua condição no mundo. Podemos possibilitar um olhar pertinente para o presente, refletindo sobre o contexto e nossa história, que está conectada à história das humanidades, do cosmo, das nossas relações com o outro e com a natureza.

De acordo com Morin (2021, p.70), a estratégia é o caminho para enfrentarmos as dúvidas e as incertezas do nosso tempo e é nela que o problema da dialógica entre fins e meios aparece. Para Morin (2000, p. 60, grifos do autor): "A dialógica *sapiens/demens* foi criadora e destruidora; o pensamento, a ciência, as artes foram irrigadas pelas forças profundas da afetividade, por sonhos, angústias, desejos, medos, esperanças.". Nesse sentido, a prática dialógica fortalece a afetividade nos grupos de estudos, além de envolver os sonhos, os medos, as angústias, os desejos, as esperanças e outros sentimentos próprios da dialógica humana ou *sapiens/demens*.

A prática dialógica se assemelha à dialógica de Morin (2000), pois apresentam antagonismos, conflitos e consenso, ordem, desordem e organização. Ideias semelhantes e divergentes que constituem o universo do jovem estudante do Ensino Médio. Então, nada melhor que a Filosofia para oportunizar ao estudante a entrada nesse universo da dialógica.

De acordo com Matos (2021. p. 65-66):

> A educação dialógica corresponde, do ponto de vista gnosiológico, a uma relação de sujeito. [...] a pergunta não é uma formulação no vazio, destituída do desejo do outro. Trata-se de uma faculdade própria da uno complexidade do indivíduo. Tem uma dimensão própria da natureza, da estrutura fisiológica, do sistema neurofisiológico, do instinto de sobreviver, da percepção das coisas do mundo e das sensações operadas pela consciência.

No Ensino Médio, o/a estudante é um sujeito da dialógica da vida. Como adolescente, se encontra na dialógica de não ser nem criança e nem adulto, vive o conflito de não ser responsável por si mesmo, ao mesmo tempo, é cobrado para fazer escolhas e ser responsável por elas.

Com relação às escolhas, o NEM exige que, aos 14 ou 15 anos, ao entrar no Ensino Médio, o/a estudante já escolha os itinerários formativos para que possa seguir uma profissão ou um campo específico de estudo, contradizendo o pensamento moriniano que critica a hiperespecialização que separa, que afasta o sujeito do pensamento complexo ou pertinente.

4.2 PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Com o intuito de vivenciar a Filosofia partindo de uma prática dialógica e aliada às novas metodologias de ensino, como a exposição dialogada, a aula e a aprendizagem invertidas possibilitam a construção das aprendizagens e a superação de algumas dificuldades de aprendizagem em Filosofia, como podemos constatar em Mello, Almeida Neto e Petrillo (2021, p. 66) que tratam dessas metodologias ativas:

> Aula Invertida (em inglês: *Flipped Classroom*,) **é uma proposta** de aprendizagem que combina atividades presenciais e outras realizada por meio de tecnologias digitais de informação. O objetivo é que, antes da aula, o aluno se prepare e estude uma temática específica, levando questionamentos que serão o ponto de partida paras as discussões em classe.

Ainda de acordo com Mello, Almeida Neto e Petrillo (2021, p. 59), a aula expositiva dialogada como superação da aula expositiva tradicional, "caracteriza-se pela exposição de conteúdos pelo professor com a participação dos estudantes, sendo o professor o mediador de uma ação em que os alunos questionem, interpretem e discutam o objeto de estudo". Nesse tipo de aula há diálogo, reflexão e discussão de temáticas propostas.

Além disso, a educação carece de envolvimento com aquilo que faz parte da realidade do/a estudante, como podemos perceber em "Pedagogia da autonomia" de Paulo Freire (1996), com relação aos saberes e práticas pedagógicas que precisam fazer sentido para o/a estudante dialogar com sua realidade.

Relacionado a esse pensamento de Paulo Freire, Gadotti (2011, p. 59) afirma que: "Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento". E se apropriar do que foi produzido é reconhecer a importância da educação e da capacidade criativa do humano, sem esquecer-se da necessária e estreita relação com a natureza.

No Ensino da Filosofia, ensinar e aprender precisam ter sentido para o/a professor/a e, principalmente, para o/a estudante; porque quem dá significado ao que aprendemos é o contexto e nossa interação com ele. Nesse sentido, Gadotti (2011, p. 59) afirma que: o "professor precisa saber, contudo, que é difícil para o aluno perceber a relação entre o que ele está aprendendo e o legado da humanidade. [...] Ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido".

O que faz sentido para o/a estudante, de modo geral, é aquilo que dialoga com seu contexto e projeto de futuro. Contudo, entre seu contexto e projeto de futuro estão as

incertezas, pois: “Desde as origens mais remotas, o ser humano tem buscado, de diversas maneiras, a sua felicidade, entretanto estes seres chamados homem e mulher, muitas vezes por individualismo e sede de poder, fazem uso de ideias e instrumentos que contribuem para isso” (Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, 2012, p. 3).

Na busca pela felicidade, o ser humano age de maneira egocêntrica, individualista, explorando o outro e a natureza, visando o ter em detrimento do ser, como se a felicidade estivesse ligada ao poder, ao *status quo*, a bens materiais ou fundamentalismos religiosos e políticos.

Algumas ideologias, escolhas e instrumentos podem ou não contribuir para a felicidade individual ou coletiva e, assim, provocar incertezas relativas ao futuro da humanidade e da natureza. Esta última é destruída dia após dia em nome da produção de alimentos, bens e serviços que assegurem a continuidade da vida na Terra. Porém, testemunhamos, em pleno século XXI, conflitos e guerras, miséria e fome, catástrofes naturais e destruições decorrentes das ações humanas sobre a natureza e à própria espécie humana.

À luz da reflexão acerca das incertezas e da necessidade da ética do gênero humano de Morin (2000), na obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, pudemos percorrer o caminho do Ensino da Filosofia, envolvendo práticas pedagógicas conectadas às vivências dos/as estudantes, adaptando os conteúdos curriculares da BNCC (2018) e o documento de Reorganização Curricular para o Ensino Médio do Estado de Pernambuco (Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, 2020) ao Ensino de Filosofia por meio da contribuição da aula e da aprendizagem invertidas, de acordo com Mello, Almeida Neto, Petrillo (2021), direcionando a reflexão acerca da ética do gênero humano com o intuito ao enfrentamento das incertezas inerentes à própria existência humana no século XXI.

De acordo com Morin (2021, p. 101), “[...] a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada [...]”, por isso, há a necessidade de compreensão da condição humana, da antropoética para o enfrentamento das incertezas.

Tendo em vista o recorte teórico-metodológico da pesquisa, foi realizado o estudo dos temas *“Enfrentar as incertezas*” e “*A ética do gênero humano*” de Edgar Morin (2000) com os estudante do 2º Ano (2022)/3º Ano (2023). Por meio da exposição dialogada, da aula e da aprendizagem invertida baseada em Mello, Almeida Neto e Petrillo (2021), como foi citado anteriormente e por meio de aprendizagem por tema conforme Campaner (2012), essa é uma das propostas metodológicas ou metodologia ativa para a educação no século XXI, própria da era da tecnologia para a discussão em rodas de conversas.

Para Campaner (2012, p. 51): “[...] a abordagem por temas aquela que possibilita um ambiente mais propício para lançar ao aluno do Ensino Médio o desafio de enfrentar a Filosofia, de pensar por si mesmo e de acessar aquilo que ele pode”. Nesse sentido, a autora sugere que os temas possam ser os que fazem parte da história da filosofia, mas que não devem ser apresentados de forma cronológica, mas de acordo com o interesse dos/as estudantes pelo tema ou que tenham importância para eles/as.

Nesse estudo de caso, de acordo com Lüdke e André (2018), os dois temas trabalhados foram importantes para os/as estudantes; todavia, o primeiro tema “Enfrentar as incertezas”, trabalhado com os/as estudantes do 2º ano (2022), foi o que eles demonstraram maior interesse, pois o mesmo envolvia o contexto em que estávamos inseridos – período pós-pandêmico de retorno total às salas de aulas físicas (aulas presenciais).

A escola campo de estudo e pesquisa para a realização desse plano de intervenção, proposto pelo PROF-FILO como trabalho de conclusão de curso, é uma escola estadual que atende estudantes do Ensino Médio do campo e da cidade bem como da região ribeirinha, pertencente ao estado da Bahia, conforme citado anteriormente.

Esta escola foi escolhida por ser a única na sede do município e, principalmente, por ser a escola que a pesquisadora desenvolve seu trabalho há mais de 14 anos. Já a série escolhida foi o 2º ano (2022) pelo motivo citado anteriormente.

A turma eleita se deu porque, segundo informação coletada na secretaria da escola, de acordo com o SIEPE – Sistema de Informação de Dados Educacionais de Pernambuco (2022), haviam 41 estudantes, dos quais, 37 meninas e 04 meninos; com características distintas quanto às aprendizagens, participação nas aulas de Filosofia, frequência diária, localização dos estudantes. Outro motivo é porque, em 2023, o componente Filosofia continuaria como parte do currículo no 3º ano, já que é uma turma de continuidade e não foi alterada pela Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 que implementou o Novo Ensino Médio e retirou a oferta da disciplina nos três anos do Ensino Médio.

A turma do 3º ano A em 2023 é um misto das 4 (quatro) turmas de 1º ano de 2021, que em 2022 fundiram-se em três turmas de 2º ano e, como previsto, em 2023, reduziu-se para duas turmas com 50 estudantes ou mais em cada sala.

Porém, é importante frisar que os/as estudantes da turma do 3º ano A (2023) escolhida para esse estudo de caso são os mesmos estudantes do 2º ano A (2022), com acréscimo de alguns/algumas estudantes do 2º ano C (2022). Esta turma, na época do “Café com Filosofia” tinha 51 estudantes, dos quais são 37 meninas e 14 meninos.

Consideramos a escolha da turma adequada para o enriquecimento dos dados coletados para essa reflexão acerca do Ensino de Filosofia, das dificuldades de aprendizagem dos estudantes nessa disciplina e as incertezas presentes entre os jovens devido a sua diversidade e permanência nos dois momentos do estudo.

Para não perder de vista o Ensino de Filosofia por meio de temas e do texto filosófico, com a possibilidade de atender nossas expectativas e as do currículo, conforme Reorganização Curricular de Pernambuco (Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, 2020, p. 600-610), distribuímos no quadro 1 a proposta curricular das séries em estudo.

Quadro 1 – Expectativas de aprendizagens prioritárias de Filosofia para o 2º ano de 2022 e 3º ano de 2023

Série	Bimestre	Eixo/ Campo	Expectativa de Aprendizagem	Conteúdo
2º Ano (2022)	IV	Ciência, Tecnologia e Sustentabilidade	EA1 - Identificar as transformações na sociedade sob a lógica da ciência e da tecnologia. EA2 - Analisar a situação do indivíduo nas sociedades em redes: modelos, atores e lugares no mundo globalizado. EA3 - Compreender as mudanças dialógicas nas relações interpessoais em função das tecnologias. EA4 - Reconhecer a relação entre informação, ideologia e poder na sociedade mediatizada. Ea5 - Distinguir informação de conhecimento. EA6 - Diferenciar Filosofia e Ciência. EA7 - Compreender a organização política e social em função das tecnologias. EA8 - Perceber a inter-relação do ser humano com os demais elementos que compõem a natureza.	Filosofia, Ciência e Senso Comum; Filosofia, Tecnologia e Natureza; Filosofia, ciências, tecnologia: suas implicações no mundo contemporâneo; Ideologia, comunicação e poder: suas implicações no mundo contemporâneo;
		Linguagem Filosófica	EA8 – Fazer aproximações com autores da história da Filosofia e seus contextos históricos e sociais.	Os filósofos cujo pensamento trata do tema abordado - **Edgar Morin** *(grifos nossos).*
Série	**Bimestre**	**Eixo/ Campo**	**Expectativa de Aprendizagem**	**Conteúdo**
3º Ano	II	Ética, Identidade e Alteridade	✓ EA1 - Compreender o papel dos valores na formação da identidade. ✓ EA2 - Reconhecer a relação da cultura com a formação dos valores. ✓ EA3 - Distinguir e relacionar ética e moral ✓ EA4 - Analisar e discutir atitudes éticas em situações cotidianas.	Ética: a criação dos valores; Ética e Moral: teoria dos valores; Ética e Direitos Humanos;
		Linguagem Filosófica	EA8 – Fazer aproximações com autores da história da Filosofia e seus contextos históricos e sociais.	Os filósofos cujo pensamento trata dos temas abordados nesse bimestre - **Edgar Morin, Aristóteles (***grifos nossos*).

Fonte: Construído pela autora (2022) a partir do documento Reorganização Curricular de Pernambuco: Ensino Fundamental anos iniciais, Ensino Fundamental anos Finais, Ensino Médio da Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco (2020, p. 600 - 610).

O quadro 1 corresponde aos eixos/campo temáticos das expectativas de aprendizagens e dos conteúdos principais previstos para serem trabalhados em Filosofia no IV bimestre do componente curricular Filosofia para o 2º ano do Ensino Médio (2022); e os do II bimestre para o 3º ano do Ensino Médio (2023).

Esses eixos, conteúdos e expectativas de aprendizagem fazem parte do Currículo compactado e reorganizado para atender as necessidades dos/as estudantes em meio à pandemia da Covid-19, quando esta alterou o cenário da educação de Pernambuco no ano de 2020 e teve como base o parecer CNE/CP nº 05/2020 presente no documento de Reorganização Curricular de Pernambuco para o Ensino Médio (Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, 2020, p. 2-3) que justifica em seu texto:

> Quando se iniciou a suspensão das aulas em março, a Secretaria de Educação e Esportes (SEE) e a UNDIME iniciaram um planejamento estratégico para disponibilizar várias formas de ações pedagógicas para apoiarem estudantes e professores do ensino fundamental e do ensino médio a darem continuidade aos processos de aprendizagem. Para isto, foram selecionados pelas equipes técnico-pedagógicas da Secretaria Executiva de Desenvolvimento da Educação (SEDE) e da UNDIME objetos de conhecimento, conteúdos, habilidades e expectativas de aprendizagem referentes a cada ano escolar. Essa seleção observou o grau de prioridade desses objetos de conhecimento considerando sua relevância, pertinência e relação com outros a serem estudados nos bimestres seguintes e pautou as aulas não presenciais e atividades disponibilizadas.
> [...]
> Salientamos que para o Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) o documento de referência utilizado foi o Currículo de Pernambuco para cada uma dessas etapas. Já para o Ensino Médio, o documento de referência para tal reorganização foram os Parâmetros Curriculares de Pernambuco.

Como a pandemia da Covid-19 continuou para além do esperado e os/as estudantes retornaram de forma parcial e depois integral às aulas presenciais desde outubro de 2020, nos anos seguintes continuou sendo utilizado esse documento de Reorganização Curricular de Pernambuco (Secretaria de Educação e Esporte de Pernambuco, 2020), até a implantação do Currículo de Pernambuco (Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, 2021) para os estudantes que ingressaram em 2022 ao Novo Ensino Médio.

Considerando o proposto no currículo para cada série, escolhemos em 2022 o tema "Enfrentar as incertezas" que está relacionado ao conhecimento científico, tecnológico, à sustentabilidade e também ao cotidiano do/a estudante para desenvolver uma reflexão filosófica a partir do texto de Morin (2000) e "A ética do gênero humano", como dois dos sete saberes necessários à educação do futuro, ou melhor, da educação presente, do século XXI. Este foi vivenciado no 3º ano em 2023.

Buscamos vivenciar esses dois temas, pensando em sua importância para os/as estudantes e para a professora, além de poder trabalhar outros temas relacionados como:

conhecimento, modos de conhecer, realidade, razão, ciência, morte, tecnologia, incertezas, violência, adoecimento, medos, o planeta Terra, ética, política, cidadania, democracia,... partindo de textos relacionados e complementares pesquisados pelo próprio estudante.

Trabalhar partindo de um tema da aula e aprendizagem invertida oportuniza ao estudante a ler mais sobre o assunto e sobre temas relacionados, conforme o próprio interesse de cada estudante, além de aprender a buscar uma fundamentação teórica para sustentar seus argumentos, comparar textos de filósofos/as, contextualizar o texto com o contexto. Ademais, permite fazer uso das mídias mais utilizadas pelos/as estudantes com outra finalidade, que é auxiliar na transformação da informação em conhecimento.

Essa dinâmica permite que o/a estudante tenha mais autonomia, organização, estratégias e melhore seu desempenho com relação à leitura, à interpretação e à reconstrução do texto, habilidades específicas de filosofia como a leitura filosófica do texto. Em relação ao conhecimento atitudinal, foi perceptível: o compromisso, a responsabilidade e uma melhoria no relacionamento com o outro e consigo mesmo.

Contudo, há divergências, dúvidas, medos, anseios, desejos, conflitos, ordem e desordem e depois a organização presentes nos momentos de estudos. Outro ponto negativo percebido nessa dialógica da educação é que ela é direcionada a todos/as, mas nem todos/as são de fato contemplados/as por ela devido às incertezas e à dialógica da vida. Em outras palavras, embora seja uma metodologia inclusiva, nem todos/as conseguem acompanhá-la, seja pela maturidade intelectual e emocional, seja pelo interesse numa metodologia diferente da tradicional.

4.3 PERCURSO DA INTERVENÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA: O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR

Para o estudo acerca do Ensino de Filosofia, sua importância, as dificuldades de aprendizagens em Filosofia, relativos às incertezas e à ética, foram elaborados e aplicados questionários semiestruturados através do *Google forms* com questões fechadas e abertas para obter respostas dos estudantes referentes a estes temas.

Dos formulários que foram elaborados e organizados pela professora pesquisadora, o primeiro contém questões relativas ao Ensino de Filosofia, às dificuldades de aprendizagem em Filosofia e ao que os/as estudantes percebem como incertezas. Os outros dois formulários contém as três (3) etapas do processo do plano de Ensino de Filosofia sobre os temas “Enfrentar as incertezas” e “A ética do gênero humano”: 1) O processo que inclui as leituras,

estudo e reflexão em grupo; 2) A avaliação do "Café com Filosofia", que refere-se à socialização da temática, à participação dos estudantes e à metodologia (aprendizagem por tema, aula e aprendizagem invertidas que culminou na roda de conversa) utilizada pela professora; 3) Avaliação das aprendizagens referente aos temas (no sentido do conteúdo) estudados pelos/as estudantes do 2º ano A (2022)/3º ano A (2023).

Os formulários foram respondidos durante o processo: a aplicação do primeiro formulário com o título *Ensino de Filosofia* ocorreu antes do estudo dos temas: "Enfrentar as incertezas" e "A ética do gênero humano", de Edgar Morin (2000), selecionados tendo em vista as temáticas do currículo dos/as estudantes envolvendo o eixo *conhecimento* e o eixo *ética e política*.

Esses dois saberes de Morin mobilizam outros dois saberes que são: o conhecimento pertinente e a compreensão da condição humana, pois eles podem contribuir com a reflexão sobre as diversas formas de conhecer a realidade, com seus erros e ilusões, as incertezas e os caminhos para enfrentá-las, construindo ao caminhar uma ética própria do homem e da mulher que necessita se humanizar, regenerando a cidadania e a democracia como propõe o próprio Morin (2000).

Durante o processo de vivência dos temas na aula de Filosofia e fora dela, realizamos observação dos estudos em grupo; acompanhamento em sala e em grupo de *WhatsApp* com relação às consultas e leitura de texto em *sites* sugeridos e outros *sites* e materiais conforme a curiosidade do/a estudante.

A avaliação do processo também foi realizada por meio de uma rubrica criada pela professora e entregue no primeiro momento de organização dos grupos de estudos para que os estudantes pudessem acompanhar seus progressos e dificuldades, ou seja, uma forma de acompanhamento e avaliação do ensino e das aprendizagens.

Ao final da roda de conversa, a professora que mediou poderia acrescentar alguns tópicos que deviam ser mais discutidos para melhor compreensão do pensamento filosófico e atitudinal. Ou seja, uma reorganização dos argumentos aprovados ou refutados durante a discussão.

Além dos formulários, observações e acompanhamentos durante o processo, utilizamos a sequência didática[12] com um plano detalhado do que ia ser vivenciado em cada tema, objetivando nortear e acompanhar o procedimento metodológico da proposta de ensino

[12] Sequência didática é um instrumento de organização pedagógica contendo um plano com uma sequência de aulas para um determinado período (exemplo no anexo IV).

por tema, aula e aprendizagem invertidas, uma das formas de metodologia ativa em que se coloca o/a estudante no centro do processo de ensino e de aprendizagem.

O plano de intervenção ocorreu nas aulas de Filosofia, inicialmente previsto para um período de 4 (quatro) aulas de 50 minutos para cada tema que culminariam na roda de conversa, denominado "Café com Filosofia" pela professora da turma que organizou, juntamente com os/as estudantes, um lanchinho para o final da conversa. Entretanto, foram utilizadas aulas de outros componentes para o estudo e a socialização com a permissão das/os professores e da coordenação da escola.

O "Café com Filosofia" na verdade é uma roda de conversa na qual os grupos apresentam suas impressões, argumentações e textos ou pensamento relacionados ao tema em estudo com seus subtemas. Durante o processo, os/as estudantes levantaram questionamentos, provocações e contextualizações referentes às temáticas estudadas, promovendo uma reflexão com fundamentação teórica no filósofo Edgar Morin (2000).

Após conclusão do processo com os estudantes do 2 º ano A (2022)/3º ano A (2023), foram organizados os relatórios descritivos das observações, compilação dos resultados obtidos com as respostas dadas pelos/as estudantes nos formulários e realização da análise dos dados do processo vivenciados durante a intervenção no Ensino de Filosofia fazendo uso de uma prática pedagógica dialógica que envolve o trabalho com temas, metodologia ativa no Ensino de Filosofia, lançando mão das contribuições do pensamento filosófico de Edgar Morin (2000).

4.3.1 Ensino de Filosofia e as incertezas no 2º ano (2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira: Aplicação de um questionário semiestruturado

Antes de levar o texto filosófico de Edgar Morin (2000) para o/a estudante do 2º ano A (2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, iniciamos os estudos com um formulário aplicado nas três turmas do 2º ano de 2022 acerca do Ensino de Filosofia, sua importância e as dificuldades de aprendizagem em Filosofia enquanto disciplina do currículo do Ensino Médio.

Para isso, enviamos o *link* do primeiro questionário semiestruturado por meio de um formulário do *Google Forms* com 9 (nove) questões, sendo: 3 (três) questões abertas para que o/a estudante pudesse responder conforme desejasse; e 6 (seis) questões fechadas, com uma opção de resposta entre três ou mais possibilidades.

Esse primeiro formulário foi enviado em 10 de novembro de 2022, ficando disponível até 05 de dezembro de 2022 para os/as estudantes das três turmas. Porém, destacaremos apenas as respostas da turma do 2º ano A (2022) para análise dos dados referentes às questões abertas. Nesse caso as três turmas serão citadas aqui para compararmos o número de estudantes quanto a participação nessa pesquisa, cujos formulários impressos e o *online* ficaram disponíveis durante um período de 26 (vinte e seis) dias.

A primeira e a segunda questão desse formulário solicitava que o/a estudante se identificasse, escrevendo seu nome e a turma que se encontrava, porém, aqui seus nomes foram substituídos. Quando nos referirmos a respostas específicas de algum/alguma dos/as estudantes, trataremos como: Estudante 1 do 2º ano A de 2022*;* Estudante 2 do 2º ano A de 2022; [...]; Estudante 38 do 2º A de 2022.

Neste primeiro formulário, cujo título era "Ensino de Filosofia e Incertezas", obtivemos 98 (noventa e oito) respostas de um total de 111 (cento e onze) estudantes que cursavam o 2º ano do Ensino Médio em 2022, o que corresponde a 89% do total de estudantes dessa série. Vale ressaltar que 72 (setenta e dois) responderam *online* (65%) e 26 (vinte e seis) participaram da pesquisa no formato impresso (24%), conforme o quadro 2 e 3.

Quadro 2 – Total de participantes da pesquisa – 1º Formulário sobre "Ensino de Filosofia e Incertezas"

Respondentes do Formulário "Ensino de Filosofia e Incertezas"			
Formato	***On-line*** (digital)	**Impresso**	**Total**
Participaram da pesquisa	72	26	98
Não participaram da pesquisa	-	-	13
Total de estudantes	**-**	**-**	**111**

Fonte: Construído pela autora

Quadro 3 – Percentual de respondentes do 1º formulário sobre "Ensino de Filosofia e Incertezas"

Respondentes do Formulário "Ensino de Filosofia e Incertezas"	
Formato	**Percentual**
Online	65%
Impresso	24%
Não participaram da pesquisa	11%
Total	100%

Fonte: Construído pela autora

Como podemos perceber no quadro 2 e 3 não conseguimos 100% de participação nas respostas ao primeiro formulário aplicado sobre o "Ensino de Filosofia e incertezas", conforme o esperado. Mas pudemos identificar que nem todos os/as estudantes estão

conectados as redes sociais e/ou a *internet*. Por isso, houve a necessidade de imprimir o formulário para os/as estudantes que frequentavam a sala de aula durante a aplicação desse primeiro formulário.

Esse detalhe serviu para que pensássemos como iria ser aplicado a metodologia da aprendizagem e da aula invertidas, considerando o contexto. Além de detectar que 65% dos/as estudantes se interessaram e responderam ao formulário, utilizando o *link* disponibilizado nos grupos das redes sociais em que estudante e professor estão conectados, verificamos que 35% não haviam respondido. Então, questionando o motivo e ficamos sabendo que 24% dos/as estudantes não dispunham de aparelho celular, ou redes sociais ou *internet* em casa e que 11% dos/as estudantes correspondiam ao desinteresse dos/as mesmos/as em participar da pesquisa, respondendo ao formulário, seja por opção ou mesmo pela ausência na sala de aula durante o período da aplicação do formulário.

Com relação às ausências dos/as estudantes, é um fato que tornou-se uma constante, especialmente, no pós-pandemia, mesmo com as buscas ativas realizadas pela escola. Há estudantes que passam um bimestre inteiro sem frequentar a escola, entre estes, estão os que possuem atestados médicos devido a transtorno de ansiedade e depressão e os que aparecem quando é final de bimestre.

Entre os que faltam a escola por períodos contínuos e mais longos, um ou outro acompanham as aulas pelas redes sociais do *WhatsApp* e *Instagram*. Nessa pesquisa, houve quem respondeu ao formulário e não participou das aulas presenciais. Nesse sentido, a aula e a aprendizagem invertidas funcionaram em partes, pois a devolutiva foi apenas escrita, de acordo com as questões propostas em formulários e por meio totalmente remoto.

A partir desses primeiros dados, apresentaremos alguns resultados, descrevendo especialmente o processo da intervenção nas aulas de Filosofia.

Assim como qualquer outra disciplina, a Filosofia e seu ensino encontram dificuldades para chegar a todos os estudantes, bem como para despertar interesse por seu ensino.

Quando empreendemos esse estudo, sabíamos que não iria ser fácil e que mesmo desejando, não atingiríamos a todos/as. Nesse sentido, o primeiro formulário, a princípio, foi enviado *online* no grupo de *WhatsApp* da turma e conforme foram aparecendo aqueles/as que não tinham acesso a essa rede social ou outro meio eletrônico, entregamos o formulário impresso. Então, os/as estudantes iniciaram as respostas antes do estudo sobre as incertezas com o texto de Morin (2000), mas só concluíram depois do “Café com Filosofia”, com base neste referencial teórico.

Para melhor entender o processo, alguns dados se fazem necessário, como: o número de estudantes por turma e a participação dos mesmos nas respostas aos formulários e as questões do mesmo. A seguir temos os quadros 4 e 5 que revelam o total e percentual de estudantes por turma do 2º ano do Ensino Médio da escola e que participaram dessa primeira etapa da pesquisa no ano de 2022.

Quadro 4 – Alunos/as por turma do 2º ano (2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira

Turma 2022	Total de estudantes	Percentual por turma de 2º ano
2º A	41	37%
2º B	40	36%
2º C	30	27%
Total geral	**111**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Quadro 5 – Total e percentual de respondentes por turma do 2º ano (2022) ao 1º formulário

Turma 2022	Total de estudantes	Participação por turma (1º formulário)	Percentual de respondente por turma (1º formulário)
2º A	41	36	36%
2º B	40	39	40%
2º C	30	23	24%
Total geral	**111**	**98**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Com nos quadros 4 e 5, percebemos que as turmas A e B apresentam percentual semelhantes de estudantes do 2º ano de 2022. Mas nessa pesquisa, a turma intermediaria no percentual de respostas, atingindo apenas 36% do geral foi a do 2º ano A. Por motivos já citados anteriormente escolhemos esta turma para maiores descrições e análise.

Nesta primeira etapa da pesquisa, o 2º ano A (2022) apresenta quantitativo de estudantes ligeiramente superior ao 2º ano B (2022), como podemos visualizar no quadro 4. Contudo, quanto a participação dos/as estudantes ao responder ao primeiro formulário, o 2º ano A (2022) foi superior apenas a turma do 2º ano C (2022), conforme quadro 5.

Apresentados os dados iniciais referentes às turmas de 2º ano de 2022, vamos refletir sobre a primeira questão referente ao Ensino de Filosofia. Nesta questão, os estudantes da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira são questionados sobre a importância da Filosofia para sua vida, podendo escolher entre três alternativas, como podemos visualizar no quadro 6.

Quadro 6 – Filosofia e seu Ensino – Respostas dos 2º anos (2022) a questão 1 do 1º formulário

1. Você considera a Filosofia e seu Ensino importante na sua vida?	2ºano A 2022	2ºano B 2022	2ºano C 2022
Sim	25	33	17
Não	0	2	3

Relevante apenas para me preparar para o vestibular	11	4	3
Total	**36**	**39**	**23**

Fonte: Quadro construído pela autora

Com relação a importância da Filosofia para a vida, a maioria dos/as estudantes de todas as turmas consideram importante**.** Se por um lado, a turma que mais percebe essa importância é a turma do 2º ano B (2022), por outro, a turma do 2º ano A (2022) reconhece tanto a sua importância, quanto julgam que a Filosofia seja relevante para o vestibular. O que demonstra que o/a estudante tenha algum interesse em continuar seus estudos.

O quadro 7 a seguir, nos apresenta o resultado em percentual, para analisarmos como o 2º ano A (2022) respondeu à questão 1 sobre a importância do Ensino de Filosofia do 1º formulário.

Quadro 7 – Filosofia e seu Ensino – Percentual por turmas dos 2º anos a questão 1 do 1º formulário

1. Você considera a Filosofia e seu Ensino importante na sua vida?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
Sim	69%	85%	74%
Não	0%	5%	13%
Relevante apenas para me preparar para o vestibular	31%	10%	13%
Total	**100%**	**100%**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Na turma do 2º ano A (2022), ninguém considera a Filosofia e seu ensino sem importância, pois 69% a consideram importante e 31% destacam a importância apenas para aplicabilidade no vestibular. O que de fato é um motivo considerado justificável para o/a estudante que prefere pensar na utilidade prática e imediata do conhecimento oferecido pelas disciplinas do currículo escolar.

Dentre os que julgam a importância da Filosofia para a vida, percebemos que a Filosofia não se restringe aos conteúdos de vestibulares, mas possui temas inerentes ao humano, sua existência e ao que a ela está relacionado.

Apenas 5% dos/as estudantes do 2º ano B (2022) não consideram a filosofia e seu ensino importantes. Os outros 95% consideram-na importante ou relevante, sendo que desses/as apenas 10% destacam a importância para a aplicabilidade no vestibular.

Assim como a turma do 2º Ano A (2022), os/as estudantes do 2º ano B reconhecem alguma importância da Filosofia para a vida e prosseguimento nos estudos. Já no 2º ano C, apesar da maioria responderem sim a questão, houve um percentual maior de respostas negativas, correspondendo a 13% do total, como podemos observar no quadro 7.

Perguntamos a respeito da Filosofia como disciplina no Ensino Médio, para obter a opinião do/a estudante. Sendo três as possibilidades de respostas, obtivemos o maior

número de respostas positivas, especialmente, se considerarmos a resposta *sim* e *em partes* como importantes, segundo o julgamento do/a estudante das três turmas do 2º ano (2022) como podemos conferir no quadro 8 e 9 a seguir:

Quadro 8 – Presença da Filosofia – Respostas dos 2º anos (2022) a questão 2 do 1º formulário

2. Você julga importante a presença da Filosofia no Ensino Médio como disciplina?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
Sim	20	18	16
Não	2	3	3
Em Partes	14	18	4
Total de respostas	**36**	**39**	**23**

Fonte: Quadro construído pela autora

Quadro 9 – Presença da Filosofia – Percentual por turma dos 2º anos (2022) a questão 2 do 1º formulário

2. Você julga importante a presença da Filosofia no Ensino Médio como disciplina?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
Sim	56%	46%	70%
Não	5%	8%	13%
Em Partes	39%	46%	17%
Total de respostas	**100%**	**100%**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Em relação à presença da Filosofia como disciplina no Ensino Médio, a turma que mais respondeu *sim* e *em partes* em seu julgamento foi os/as estudantes do 2º ano A, pois apenas 5% responderam *não* para presença da Filosofia, conforme mostra o quadro 9.

Consideramos as respostas *sim* e *em partes* como positivas, pois, deduzimos que a resposta *em partes* esteja vinculada as dificuldades de aprendizagem no ensino da Filosofia enquanto disciplina do Ensino Médio. Além disso, mesmo sendo baixo o percentual de respostas negativas e de ausências de respostas ao questionário, as mesmas são motivos de preocupação para o Ensino de Filosofia.

Segundo uma estudante da turma do 3º ano A (2023), sobre o ensino de Filosofia, afirma que: "as aulas de filosofia poderiam ter mais tempo para discussão dos vários temas que ela provoca. Pois é uma disciplina que está conectada a muitas outras" (Estudante 4, do 3º ano A, 2023). O que confirma o pensamento moriniano de que a Filosofia se ocupa de todos os assuntos relacionados ao ser humano.

O que esperava de fato com o "Café com Filosofia" era que o/a estudante percebesse não exatamente ou somente a importância do Ensino de Filosofia, mas como ela (a Filosofia) promove as reflexões inerentes ao humano, partindo de problemas e textos filosóficos que levem a questionar e a contextualizar suas percepções e visões sobre o mundo.

Ponderando que parte dos/as estudantes percebe que a Filosofia enquanto disciplina é importante no Ensino Médio, para a vida e, do ponto de vista prático, para o vestibular que é a porta de entrada para o Ensino Superior, consideramos que isso pode ter levado alguns/algumas a responderem "sim" em relação ao tempo de aula de 50 minutos, uma vez por semana, ser suficiente para o Ensino de Filosofia. Sendo que somente a turma do 2°ano C (2022) somou um percentual de respostas que levam a questionar o tempo de aula dedicado ao ensino de Filosofia; observamos que a maioria respondeu ser insuficiente ou por terem dúvidas quanto a esse tempo, conforme podemos conferir nos quadro 10 e 11.

Quadro 10 – Tempo de aula – Respostas dos 2º anos (2022) a questão 3 do 1º formulário

3. Você concorda com o tempo atual de uma aula semanal com 50 minutos?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
Sim	19	27	10
Não	9	8	7
Em Partes	8	4	6
Total	**36**	**39**	**23**

Fonte: Quadro construído pela autora

Quadro 11 – Tempo de aula – Percentual das respostas dos 2º anos (2022) a questão 3 do 1º formulário

3. Você concorda com o tempo atual de uma aula semanal com 50 minutos?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
Sim	53%	69%	44%
Não	25%	21%	30%
Em Partes	22%	10%	26%
Total	**100%**	**100%**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Devido a variação na escolha entre as três alternativas, percebemos com as respostas dos/as estudantes que tais dificuldades de aprendizagem em Filosofia e a importância de seu ensino não estão exclusivamente relacionadas ao tempo e a quantidade de aulas, pois se unirmos os percentuais de respostas positivas e parciais, teremos uma média de 72% dos respondentes que concordam com esse tempo mínimo de uma aula de 50 minutos semanais.

Então, a questão seguinte direcionada sobre as dificuldades de aprendizagem, buscou identificar, primeiramente, se o/a estudante reconhece tal problema. De acordo com os quadros 12 e 13 um número preocupante de estudantes admitem possuir algumas dificuldades de aprendizagem em Filosofia, respondendo *sim* ou *um pouco*, em especial a turma do 2º ano A (2022) que chega a somar 89%.

Quadro 12 – Dificuldade de aprendizagem em Filosofia – Respostas dos 2º anos (2022) a questão 4 do 1º formulário

4. Você tem dificuldade de aprendizagem em Filosofia?	2ºano A 2022	2ºano B 2022	2ºano C 2022
Sim	12	9	6
Não	4	11	7
Um Pouco	20	19	10
Total	**36**	**39**	**23**

Fonte: Quadro construído pela autora

Quadro 13 – Dificuldade de aprendizagem em Filosofia – Percentual por respostas dos 2º anos (2022) a questão 4 do 1º formulário

4. Você tem dificuldade de aprendizagem em Filosofia?	2ºano A 2022	2ºano B 2022	2ºano C 2022
Sim	33%	23%	26%
Não	11%	28%	30%
Um Pouco	56%	49%	44%
Total	**100%**	**100%**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Analisando os quadros 12 e 13, podemos observar que os/as estudantes assumem ter alguma dificuldade de aprendizagem em Filosofia. Podemos verificar essa realidade quantificando as respostas dos/as estudantes, ao somarmos os 89%, 72% e 70% das turmas do 2º ano A, B e C (2022), respectivamente, depois dividimos por 3, alcançamos uma média de 77% referente ao reconhecimento da dificuldade de aprendizagem. Se por um lado, podemos pensar que isso é ruim, por outro, a percepção de que o/a estudante reconhece suas limitações e relação com a disciplina de Filosofia e seus componentes curriculares, nos leva a imaginarmos que estamos caminhando em direção a solução do problema, que é reconhecer para, então, refletir e buscar possíveis soluções.

Numa perspectiva mais otimista, acreditamos que fazer Filosofia é um desorganizar-se para reorganizar-se, é enxergar o problema para, em seguida, traçar estratégias em busca de soluções que poderão ou não ser encontradas, conforme o conceito de incertezas de Edgar Morin, mas que é necessário reconhecer-se parte do problema e da solução, em meio ao todo, que nesse caso do Ensino de Filosofia ultrapassa a disciplina, a área de conhecimento, a sala de aula, os muros da escola, a cognição, as emoções, pois envolve a condição humana, a realidade em que estamos inseridos/as.

Para complementar a pergunta a respeito das dificuldades de aprendizagem em Filosofia, perguntamos os motivos delas. Por ser uma pergunta aberta e opcional, nem todos/as deram uma resposta a essa questão. Entretanto, entre as respostas, percebemos que elas têm caráter particular de ordem cognitiva, emocional, psíquica, metodológica e filosófica.

Vejamos as respostas de 28 dos/as 36 estudantes do 2º ano A (2022) que responderam o formulário 1, no quadro 14 a seguir:

Quadro 14 – Dificuldade de aprendizagem em Filosofia: Respostas dos participantes do 2º Ano A (2022) a questão 5 do 1º formulário

5. Se você sente alguma dificuldade de aprendizagem em Filosofia, aponte o fator responsável por essa dificuldade.	
Estudante 1	Creio que seja os assuntos e as formas que é descrita
Estudante 2	
Estudante 3	Filosofia é uma disciplina complexa e requer determinação e estudo para aprender os questionamentos da filosofia
Estudante 4	O barulho excessivo em sala, a filosofia é bastante complexa e, exige bastante atenção, acredito que que por se tratar de assuntos bem complicados, possa existir essa dificuldade de imediato.
Estudante 5	
Estudante 6	a explicação se torna muito complicado para mim.
Estudante 7	O unico fator que me prejudica um pouco é o fato da sala ter um ambiente muito quente,e influência dos ventiladores que fazem muito barulho,mais ninguém vai ficar no calor entao eu ja me acostumei com isso!
Estudante 8	Dificuldade em entender o conteúdo
Estudante 9	
Estudante 10	
Estudante 11	
Estudante 12	
Estudante 13	
Estudante 14	Pelo fato de muita leitura
Estudante 15	Sim,Eu
Estudante 16	Muitas coias que parecem ser iguais, isso é uma confusão para entender
Estudante 17	Acho que pela filosofia ser muito complexa,porque ela estuda o sentido das coisas,da humanidade e apresenta diferentes visões,alguns filósofos pensam de uma forma e outros de outra.
Estudante 18	Bom...eu entendo alguns temas relacionados a filosofia, porém a filosofia é uma disciplina muito complexa e eu confesso que tenho dificuldade de interpretar muitas coisas, por exemplo, as teorias de alguns filósofos e etc, mas em geral eu gosto da filosofia e a maneira como ela faz a gente pensar/refletir em assuntos pouco ou muito discutidos na sala de aula e fora dela!
Estudante 19	A minha dificuldade por causa da própria matéria ter em seu princípio o questionamento
Estudante 20	Tenho dificuldade em compreender os textos que são presentes na filosofia
Estudante 21	A maior dificuldade é compreender as ideologias.
Estudante 22	O assunto é extenso
Estudante 23	Não consigo armazenar muitas informações.
Estudante 24	
Estudante 25	Acho que essa dificuldade, seja por conta do barulho que atrás é
Estudante 26	Ela é complexa um pouco porque exige muita atenção,que vai ter dias que alguns alunos vão estar despeço,talvez nesse dia o professor(a) pode estar ensinando uma coisa importante enquanto a gente não tem aquele ânimo para a aula, não só por essa parte que a filosofia entra muito em conceitos e pra mim como aluna tenho que revisar o conteúdo 2 vezes.
Estudante 27	Algumas explicações são bem complexa
Estudante 28	a minha maior dificuldade é em entender as entrelinhas do conteúdo, mas estou me adaptando
Estudante 29	Não consigo compreender muito a filosofia
Estudante 30	não consigo entender muito os contextos
Estudante 31	não entendo nada que a professora explica
Estudante 32	Não sinto dificuldades
Estudante 33	2 FATORES QUE SÃO FALTA DE ATENCÃO e SINTO QUE A PROFESSORA NÃO TEM DOMINIO NA DISCIPLINA.

Estudante 34	Porque Muitas das explicações são complexas e isso dificuta um pouco.		
Estudante 35	as explicações que são complexas		
Estudante 36	TDAH		
Total de estudantes	**36**	**Total de respostas**	**28**

Fonte: Quadro construído pela autora

Podemos destacar algumas dificuldades de ordem particular que envolve a autoestima do/a estudante quando, por exemplo, pegamos as respostas dos estudantes 6, 8, 23 e 36 que descrevem suas dificuldades assim: "a explicação se torna muito complicado para mim." (Estudante 6 do 2º ano A de 2022); "Dificuldade em entender o conteúdo*"* (Estudante 8 do 2º ano A de 2022); "Não consigo armazenar muitas informações" (Estudante 23 do 2º ano A de 2022); "TDAH" (Estudante 36 do 2º ano A de 2022).

Acreditamos que essas respostas estão ligadas a autoestima baixa do/a estudante que atribui a si mesmo as suas dificuldades de aprendizagem, diferentemente do estudante 33 que destaca dois fatores "2 FATORES QUE SÃO FALTA DE ATENCÃO e SINTO QUE A PROFESSORA NÃO TEM DOMINIO NA DISCIPLINA." (Estudante 33 do 2º ano A de 2022), mesmo sendo um deles atribuído a si próprio, não percebemos como baixa autoestima, mas como algo que ele pode corrigir sozinho, até porque quando ele destaca em sua resposta o outro dos dois fatores descritos, está nos falando da complexidade da filosofia, da metodologia de ensino, da formação do professor. E este último fator contribui para o primeiro.

Entre as respostas dos/as estudantes, a atribuição das dificuldades de aprendizagem que estão diretamente ligadas as dificuldades do Ensino de Filosofia, podemos ainda perceber o reconhecimento da complexidade da própria Filosofia e sua relação com outros saberes, entre eles, os saberes relacionados a linguagem e ao contexto do/a estudante. Como podemos perceber em algumas respostas dadas pelos/as estudantes: *"*Tenho dificuldade em compreender os textos que são presentes na filosofia*"* (Estudante 20 do 2º ano A de 2022); *"*Bom...eu entendo alguns temas relacionados a filosofia, porém a filosofia é uma disciplina muito complexa e eu confesso que tenho dificuldade de interpretar muitas coisas, por exemplo, as teorias de alguns filósofos e etc, mas em geral eu gosto da filosofia e a maneira como ela faz a gente pensar/refletir em assuntos pouco ou muito discutidos na sala de aula e fora dela!*"* (Estudante 18 do 2º ano A de 2022).

Diante das respostas dos/as estudantes, podemos enxergar várias situações problemas no ensino/aprendizagem da Filosofia comuns também a outras disciplinas, como a estrutura física da escola, a sala superlotada, o barulho e a metodologia de ensino. Entretanto, uma das dificuldades apontadas que é própria da Filosofia, observadas nas respostas dos/as estudantes, são os textos, contextos filosóficos, os questionamentos e os

posicionamentos filosóficos diversos, que fazem os/as estudantes interpretarem como confusos. Esse último ponto pode ser percebido na resposta: *"*Acho que pela filosofia ser muito complexa, porque ela estuda o sentido das coisas, da humanidade e apresenta diferentes visões, alguns filósofos pensam de uma forma e outros de outra" (Estudante 17 do 2º ano A, 2022).

Com as dificuldades de aprendizagem reconhecidas por boa parte dos/as estudantes, conseguimos identificar nas respostas certa positividade com relação à Filosofia e o que ela estuda, questiona, apresenta a respeito da humanidade de uma maneira não linear ou engessada, com pontos de vistas desde ou daquele/a pensador/a. E essa multiplicidade de pensares e filosofares acerca de um mesmo tema, podem confundir e provocar dúvidas e tomada de posicionamentos frente aos textos e temas em discussão. Isso inquieta professor/a e estudante, um dos pontos pelos quais podemos dizer que a Filosofia é difícil de ser compreendida ou que ela é complexa.

Nesse ponto, entra a necessidade da Filosofia caminhar junto com os demais saberes e os contextos em que estamos inseridos, pois a complexidade da Filosofia ou das filosofias também fazem parte da complexidade do humano, ou seja, envolvem vários contextos, o todo e as partes; o ser enquanto indivíduo, espécie e sociedade ao mesmo tempo; que apreende a realidade de um modo todo particular, mas conforme a cultura em que está inserido e os saberes que assimilou anteriormente na relação com o outro, consigo mesmo e com sua casa comum (natureza).

Em continuidade a essa reflexão, partindo das dificuldades de aprendizagem em Filosofia, com apontamentos para a complexidade e as provocações que ela promove, partimos para o tema incertezas com a questão: *O que é incertezas para você?* Da qual algumas respostas foram dadas espontaneamente, de acordo com os conhecimentos prévios do/a estudante e outras com consulta a dicionário ou *sites* da *internet* para copiar ou formular sua resposta.

Com esta pergunta objetivamos perceber nas respostas dadas o que o/a estudante já sabe e como formula suas respostas, conforme podemos conferir no quadro 15:

Quadro 15 – Incertezas: Respostas dos 36 participantes do 2º Ano A (2022) à sexta questão do 1º formulário

6. O que é incerteza para você?	
Estudante 1	Algo que não tem certeza,algo que não é concreto,uma dúvida..
Estudante 2	Incerteza é tipo não ter certeza de certas coisas ou também ter dúvidas de algo.
Estudante 3	Algo que me causa imensa dúvida, que por maior que seja os apontamentos ou comprovações ainda vai gerar dúvida a respeito de uma opinião exposta fora do padrão.
Estudante 4	Pode se tratar de algo que não sabemos reverter, ou uma situação que não podemos prever
Estudante 5	Algo que tenha duvida

Estudante 6	quando tem dúvida em algo.
Estudante 7	Incerteza é um fato não coerente que me faz pensar nas trilogias não excepcionais da vida!
Estudante 8	Incerteza é um fato que agente fica com incoerência sobre a realidade de uma situação.
Estudante 9	Não ter certeza!
Estudante 10	Não Ter Certeza Daquilo
Estudante 11	Ficar com dúvida em alguma decisão
Estudante 12	Não ter feito a escolha certa
Estudante 13	Ser uma pessoa sem uma "opinião" estruturada sem contar com a dúvida q é constante em pensamentos incertos
Estudante 14	Acho que é fato de insegura de ser mesmo
Estudante 15	não entendo muito
Estudante 16	Algo que não tem uma certeza concreta. Ex: eu não tenho certeza se vou pra escola segunda
Estudante 17	A incerteza pra mim é uma dúvida sobre o que pode acontecer e indecisão sobre qual decisão tomar.
Estudante 18	Incerteza para mim é a dúvida do pensar!
Estudante 19	Aquilo que ninguém pode prever ou ao menos imagina
Estudante 20	Algo que n tenho certeza da verdade
Estudante 21	Incerteza para mim é algo que não tenha uma idéia concreta, do seja, ou o que pode ter causado, a incerteza também são dúvidas frequentes.
Estudante 22	Algo interligado a nossa vida, e sempre vai conter a incerteza
Estudante 23	Algo Incerto.
Estudante 24	É basicamente a oposição entre as perspectivas E pensamentos
Estudante 25	A incerteza para mim é algo relacionado a perguntas sem respostas.
Estudante 26	Questionamentos sobre algum que a gente quer saber para ter a certeza
Estudante 27	Incerteza para mim e algo que não temos a certeza e se torna uma incerteza
Estudante 28	algo que não podemos ter total controle.
Estudante 29	A "incerteza" é o pouco conhecimento, ou seja, a pessoa sabe pouco a cerca de algo e, portanto, não pode afirmar nada com certeza.
Estudante 30	uma dúvida de algo
Estudante 31	você quer tirar dúvidas de uma coisa que não tem como saber.
Estudante 32	A incerteza é tudo, é a vida tudo é incerteza.
Estudante 33	E ALGO DUVIDOSO NÃO TEMOS CEDRTEZA DE ALGO.
Estudante 34	Na minha opinião incerteza é algo incerto ou seja que não tem certeza.
Estudante 35	Algo incerto ou seja uma coisa que não tem certeza.
Estudante 36	É a pergunta que temos ao desconhecido.
Total de estudantes	**36**
Total de respostas	**36**

Fonte: Quadro construído pela autora

As respostas dadas a respeito da incerteza demonstram um conhecimento do senso comum e da reunião dos conhecimentos construídos pelo/a estudante a respeito do tema, seja por meio de leituras prévias, consultas a *internet* ou outra via de informação, de acordo com a provocação que lhe foi proposta. Nessas respostas estão presentes a dúvida sobre algo, sobre coisas e causas; a ausência de certeza. Além disso, alguns relacionaram a incerteza às perspectivas e realidades conhecidas ou presentes; ao imprevisível, aos pensamentos e conhecimentos.

Diante do contexto pandêmico em que o/a estudante encontrava-se inserido/a em 2022, questionamos se esta situação havia trazido incertezas. A maioria respondeu que *sim* ou ao menos *um pouco*. Tais respostas podem ser conferidas em número e percentual nos quadros 16 e 17 referentes as três turmas do 2º ano de 2022 da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira.

Quadro 16 – Covid-19 e incertezas**:** Número de respostas dos 2º anos (2022) a questão 7 do 1º formulário

7. Para você a covid-19 trouxe incertezas para sua vida?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
Sim	29	21	15
Não	2	6	5
Um Pouco	5	12	3
Total	**36**	**39**	**23**

Fonte: Quadro construído pela autora

Quadro 17 – Covid-19 e incertezas**:** Percentual de respostas dos 2º anos (2022) a questão 7 do 1º formulário

7. Para você a covid-19 trouxe incertezas para sua vida?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
Sim	81%	54%	65%
Não	5%	15%	22%
Um Pouco	14%	31%	13%
Total	**100%**	**100%**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

A turma que mais reconheceu os efeitos negativos da Covid-19 foi o 2º ano A (2022), pois 81% das respostas foram "sim" e apenas 5% responderam que essa pandemia não trouxe incerteza para sua vida. Nas outras duas turmas, os/as estudantes em menor quantidade, porém, ainda em sua maioria, seguiram o mesmo raciocínio do 2º Ano A (2022), respondendo *sim* e *um pouco*, que ao somarmos tais respostas, teremos o correspondente a 84% no 2º ano B (2022) e 88% no 2º ano C (2022).

As respostas negativas nos fazem questionar sobre o não reconhecimento da incerteza ou o fato de não atribuírem as incertezas atuais ao momento pandêmico. Já as respostas positivas quanto as incertezas, podemos associar a próxima questão proposta, que apresenta alternativas de respostas quanto às possibilidades ou campos onde a incerteza se faz presente e onde tem interferido na vida das pessoas, especialmente, durante e após a pandemia da Covid-19. Conforme podemos conferir nos quadros 18 e 19, os dados demonstrativos de como os/as estudantes das três turmas de 2º Ano (2022) responderam à questão 8.

Quadro 18 – Incerteza pós-pandemia da Covid-19: Respostas dos 2º anos (2022) à questão 8 do 1º formulário

8. O que você percebe como incerteza após a pandemia da Covid-19?	**2ºano A 2022**	**2ºano B 2022**	**2ºano C 2022**
saúde mental	23	12	10
saúde emocional	4	3	2
saúde fisiológica (corpo)	1	4	-
emprego/desemprego	3	5	4
relações sociais	4	9	6
relações políticas	-	1	1
estratificação social/desigualdades sociais	1	4	-
Total	**36**	**39**	**23**

Fonte: Quadro construído pela autora

Quadro 19 – Incerteza pós-pandemia da Covid-19: Percentual por respostas dos 2º anos (2022) à questão 8 do 1º formulário

8. O que você percebe como incerteza após a pandemia da Covid-19?	2ºano A 2022	2ºano B 2022	2ºano C 2022
saúde mental	64%	31%	44%
saúde emocional	11%	8%	9%
saúde fisiológica (corpo)	3%	10%	0%
emprego/desemprego	8%	13%	17%
relações sociais	11%	23%	26%
relações políticas	0%	5%	4%
estratificação social/desigualdades sociais	3%	10%	0%
Total	**100%**	**100%**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Tanto no quadro 19 como no quadro 20, é possível perceber que as três turmas apontam um fato importante relacionado as incertezas promovidas pela Covid-19, que está ligada diretamente a saúde mental, as relações sociais, emprego/desemprego e saúde emocional, respectivamente nessa ordem decrescente.

Esses campos em específico podem estar associados aos medos em relação ao adoecimento, a morte de pessoas próximas ou medo da própria morte; medo das violências físicas e psicológicas; devido ao isolamento social, medo do contato físico, também pelo aumento das informações propagadas pelas mídias e da facilidade da comunicação pelas redes sociais; o trabalho *home office*, o desaparecimento e o surgimento de profissões; as novas exigências em outros campos de trabalho. Tudo isso pode ser conjecturadas como possíveis causas de incerteza no campo emprego/desemprego.

Em relação as questões emocionais, pode ter relação com todos os outros motivos e causas, das quais podemos destacar como mais próximo a questão do isolamento, do distanciamento e dos medos.

Ao analisarmos por turmas, refletiremos como o 2º ano A (2022), respondeu à questão nº 8, apresentando a percepção da turma em relação às incertezas após a pandemia da Covid-19. Assim temos conforme o quadro 19, o percentual de respostas dessa turma, na qual, foi desenvolvido e analisado o processo de desenvolvimento dos temas *Enfrentar as incertezas* ainda no 2º ano em 2022 e *A ética do gênero humano* no 3º ano em 2023. Ela apresentou um percentual relevante com relação as incertezas provocadas pela Covid-19: no campo da saúde, podemos observar que os 64% mais os 11% e mais os 3% , percentual relacionado a saúde mental, emocional e corporal, totaliza o correspondente a 78% dos que responderam ao formulário.

Destacamos ainda que os 11% e os 8% relacionados as incertezas voltadas para o campo relacional que envolve, respectivamente, o social e o profissional.

Todas essas incertezas presentes são preocupantes, por isso, merecem atenção quanto a seu enfrentamento. Para isso, Morin aponta para os princípios das incertezas, sua presença histórica e a necessidade da ação e da estratégia. Sendo também a ação e a estratégia uma aposta que comporta incertezas.

Como esta questão foi importante, levamos a mesma para ser debatida na roda de conversa, a partir do texto de Morin (2000), buscando compreender as incertezas, refletindo sobre o tema, após o estudo em grupo e/ou individual.

Com relação a essa mesma questão referente a incerteza pós Covid-19, o 2º ano B (2022), responde a questão 8 conforme os percentuais demonstrados no quadro 19, apresentam um resultado mais dinâmico entre as respostas dos/as estudantes, a turma do 2º ano B (2022) apresenta pouco menos de 50% de suas respostas voltadas para incertezas no campo da saúde e um percentual bastante considerável com relação às incertezas no campo relacional e profissional que chegam a somar mais de 40% das respostas. Isso nos faz refletir como esses/essas estudantes sentiram e sentem os efeitos da pandemia e do isolamento social.

Com relação a mesma questão 8 sobre sua percepção com relação às incertezas após pandemia da Covid-19, o 2º ano C (2022) apresenta percentuais, proporcionalmente, mais elevados que a turma do 2º B de 2022 da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira com relação a alternativa saúde mental e relações sociais, conforme está no quadro 19.

Partindo do que o/a estudante formulou como conceito de incerteza, de uma breve provocação de como ela se fez e ainda se faz presente no cotidiano durante e pós pandemia da Covid-19, seguiremos com o tema de acordo com Edgar Morin (2000), refletindo seu pensamento a respeito da mesma e como enfrentá-la, uma vez que não é possível superá-la.

Mas antes de estudarmos Morin, questionamos a/aos estudantes do 2º ano 2022 a respeito de *como podemos enfrentar as incertezas da atualidade* e obtivemos diferentes e surpreendentes respostas daqueles/as que se arriscaram em responder, partindo de seu próprio entendimento, enquanto uns não compreenderam a pergunta e outros optaram por dizer que não sabiam como enfrentá-la. Vejamos o quadro 20 para conferir as respostas dos estudantes.

Quadro 20 – Enfrentar as incertezas: Respostas dos participantes do 2º Ano A (2022) à questão 9 do 1º formulário

9. Na sua opinião como podemos enfrentar as incertezas da atualidade?	
Estudante 1	Acreditando que é possível, e treinando nossa mente e nossas emoções para aceitar o óbvio que virá,sendo incertezas, frustrações ou alegrias.
Estudante 2	Se prevenindo, tirar dúvidas e correr atrás das respostas.
Estudante 3	Cuidando da maior máquina do pensamento, a nossa mente, que é a única capaz de julgar o

	que é certo ou incerto, mantendo a nossa mente sã é capaz de decidir com a razão, analisar e chegar a uma conclusão acerca daquilo que nos cerca
Estudante 4	Podemos buscar apoio, torna o auto cuidado como hábito, não querer controlar o que não depende só de você, permitir sentir essa incerteza.
Estudante 5	Terapia
Estudante 6	sim,só basta termos a certeza que queremos enfrentar.
Estudante 7	Sim!
Estudante 8	Não sei
Estudante 9	Sei lá
Estudante 10	Não Desistir E Não Parar De Crê.
Estudante 11	Nunca desistir dos sonhos mesmo que seja difícil
Estudante 12	Não desistir e tentar ser forte
Estudante 13	Dependendo da situação pois hj em dia n está fácil para ninguém e cada vez mais as incertezas são constantes em questão em um todo na sociedade
Estudante 14	Pensa positivo etc?
Estudante 15	Não
Estudante 16	Na minha opinião acho que sempre vai existir incerteza para determinadas coisas, pois é inevitável ter certeza de tudo.
Estudante 17	Buscando o autoconhecimento e entendendo que não temos o controle de tudo
Estudante 18	Incertezas sempre existiram e irão existir durante nossas vidas, por mais que a gente não queira, porém não podemos deixar que isso nos pare, impedindo de irmos atrás do que desejamos, arriscar causa incertezas, porém arriscar em alguns momentos é bom, nunca perdemos, ou ganharmos ou aprendemos (ou os dois), então não devemos ter medo do que poça acontecer, porque as incertezas sempre existirão.
Estudante 19	Na minha opinião nos dias atuais com muita força de vontade, ajudar e compreensão de família e amigos
Estudante 20	Tentar compreender o máximo o próximo
Estudante 21	As incertezas são inevitáveis, então para enfrentar isso, deve se manter o equilíbrio e aprender a lidar com isso.
Estudante 22	É algo complicado, pois sempre vai existir, mas agir com calma pode ajudar na incerteza
Estudante 23	Olhando para o futuro!
Estudante 24	Na verdade não tem uma opinião concreta, pois a incerteza sempre vai está ali, apenas temos que está preparado fisicamente e psicologicamente para poder enfrentar melhor essas incertezas.
Estudante 25	Abraçando a si mesmo, pois quando você se abraça você está abraçando o seus sentimentos e suas incertezas. Portanto, é necessário que a gente tenha conhecimento sobre o assunto que vem gerando essas incertezas, pois o conhecimento é a base de todas as respostas!
Estudante 26	Pra mim a incerteza é como um monstro que não tem como a gente enfrentar porque cada obstáculo que a gente derrubar dele mais ele vai criando a a minha ajuda sabe,que é a nós que criamos a incerteza,por isso enfrentar ele vai dificulta tudo para gente,mais podemos controlá-lo,que tipo possamos a ter pensar mais podemos controlar nossa mente a não quer saber o que aquela coisa ou pensamentos vai acontecer a nós é difícil é mais há uma primeira vez pra tudo.
Estudante 27	Agente pode enfrentar as incertezas podemos focar em algo que queremos com toda a certeza.
Estudante 28	Deixando o tempo resolver tudo, e aprender que não somos capazes de resolver tudo.
Estudante 29	Superando cada obstáculo que o mundo nos mostra
Estudante 30	deixando-a para trás, pois só nos dificulta em tudo
Estudante 31	indo lá ir tirar suas próprias dúvidas.
Estudante 32	Tentando cuidar do próprio psicologico.
Estudante 33	BOM, é MUITO DIfICiL eNFREnTAR AS INCERTEZAS AS DUVIDAS QUE TEMOS. MAiS ENFRENTO SEMPRE COM A CABECA ENGUIDA, AS VEZES DA UMA DESANIMADA MAIS TUDO é UMA FASE.
Estudante 34	Na minha opinião: enfrentaremos a incertezas sempre pois elas irão fica presentes.
Estudante 35	Focando nas certezas porque sempre tera incertezas.
Estudante 36	Não podemos! querendo as não, a incerteza sempre estará presente na sociedade.
Total de estudantes	**36**	**Total de respostas**	**36**

Fonte: Quadro construído pela autora

É possível perceber que há entre as 36 (trinta e seis) respostas dos/as estudantes do 2º ano A (2022) a necessidade de maior reflexão a respeito do tema incerteza, pois ainda temos os/as que pensam que elas não podem ser enfrentadas ou que não podem ser superadas ou controladas. Como exemplos, destacamos algumas das respostas dos/as estudantes que dizem: “Não podemos! querendo as não, a incerteza sempre estará presente na sociedade” (Estudante 36 do 2º A de 2022); “deixando-a para trás, pois só nos dificulta em tudo” (Estudante 30 do 2º A de 2022); “Deixando o tempo resolver tudo, e aprender que não somos capazes de resolver tudo” (Estudante 28 do 2º A de 2022); “Pra mim a incerteza é como um monstro que não tem como a gente enfrentar porque cada obstáculo que a gente derrubar dele mais ele vai criando a a minha ajuda sabe, que é a nós que criamos a incerteza, por isso enfrentar ele vai dificulta tudo para gente, mais podemos controlá-lo, que tipo possamos a ter pensar mais podemos controlar nossa mente a não quer saber o que aquela coisa ou pensamentos vai acontecer a nós é difícil é mais há uma primeira vez pra tudo” (Estudante 26 do 2º A do 2022).

Nas respostas dos/as Estudantes 30 e 36 do 2º ano A de 2022, é perceptível uma negação quanto ao enfrentamento da incerteza. Já na resposta do/a estudante 28 do 2º A de 2022, além da negação, existe uma atribuição ao tempo, ao destino ou determinismo. Já a resposta da/o Estudante 26 do 2º ano A de 2022, expressa a pequenez ou impotência diante da incerteza, mas ainda confuso/a acredita ser responsável pelas incertezas e por alimentá-las, levantando ao final de sua resposta a possibilidade de controlá-las, por meio do controle de sua mente.

De acordo com outros/as estudantes, é possível enfrentar as incertezas da seguinte forma: mantendo o autocuidado, a mente sã, a razão; cuidando de si e do outro, de amigos e familiares; cuidando do físico, do psicológico, das emoções, da mente; fazendo terapia; buscando respostas para as dúvidas e buscando o conhecimento; alimentando os sonhos e buscando respostas para suas dúvidas.

Mesmo diante dos que não souberam responder, chegamos ao entendimento de que o/a estudante precisa ser provocado para refletir sobre determinados temas que o leve a agir. O “Café com Filosofia” é um empreendimento ou ação metodológica do Ensino de Filosofia que pode auxiliar e proporcionar este diálogo sobre os assuntos mais difíceis que envolve o cotidiano. Por ser uma ação, requer estratégias e estas, conforme Morin (2015a, p. 46), estão suscetíveis a mudanças, conforme as interações e as retroações imprevisíveis no decurso do processo. Mesmo não sendo um longo período, motivo pelo qual pode surgir a imprevisibilidade, há o fato de estarmos empreendendo uma ação que envolve pessoas, seres

complexos, com seus medos, dúvidas, desejos, sonhos, realidades. Enfim, envolve a coletividade de uma sala de 40 estudantes e as suas particularidades.

Então, temos uma ação pedagógica que envolve ação e estratégias, bem como a noção de aposta, por isso a incerteza. Mesmo que essa ação não seja um grande empreendimento, nos baseamos no pensamento moriniano, uma vez que o próprio Morin (2015a, p. 45) afirma que: "A incerteza é inseparável do viver". E se esse viver passa pela escola, seus/as integrantes e ações empreendidas estão repletas de incertezas.

Dessa forma, entre as ações empreendidas no Ensino de Filosofia com estudantes do 2º ano do Ensino Médio, está o estudo sobre "Enfrentar as incertezas", texto correspondente ao quinto saber do livro *Os sete saberes necessários a educação do futuro* de Edgar Morin, como já citamos anteriormente, e que a partir desse ponto iremos descrever/analisar como ocorreu esse processo (intervenção pedagógica).

4.3.2 O trabalho com o tema: Enfrentar a incerteza

O primeiro tema trabalhado durante a intervenção pedagógica foi "Enfrentar as incertezas" (Morin, 2000). De uma maneira geral, houve uma boa recepção da temática pelo/a estudante, desde o primeiro acesso deles/as a partir do contato com o formulário (1º questionário semiestruturado), enviado por meio do *WhatsApp* e *Instagran*, antes do contato da professora pesquisadora com os/as estudantes na sala de aula.

Após a aplicação do primeiro questionário semiestruturado e questionar o que o/a estudante entende por incertezas, houve a primeira aula em sala utilizando a metodologia da aula expositiva dialogada, partindo de provocações por meio de uma frase, imagens e questionamentos, na qual os/as estudantes interpretavam, refletiam, opinavam, argumentavam e fundamentavam com base no contexto e no texto filosófico (os que já haviam lido).

Depois da primeira aula em sala, as demais aulas e estudos individualmente e/ou em grupo, *online* e/ou *off-line*, com o texto impresso e em PDF no *WhatsApp* e *Instagram*, foi a vez de explorar a compreensão do filósofo com relação ao tema e ao contexto contemporâneo na roda de conversa do "Café com Filosofia", contribuindo com isso para o desenvolvimento das Expectativas de Aprendizagens (EA1, EA2, EA3 e EA8) do Eixo/Campo: Ciência, Tecnologia e Sustentabilidade. Paralelamente, trabalhamos com a linguagem filosófica e a vivência sobre os conteúdos: "Filosofia, ciências, tecnologia: suas implicações no mundo contemporâneo"; "Ideologia, comunicação e poder: suas implicações no mundo contemporâneo".

Esses conteúdos podem ser trabalhados na perspectiva de Morin (2000), pois o mesmo trata da era planetária se referindo à globalização; também, quando se refere às incertezas históricas, introduz questões relacionadas às ideologias, à comunicação e às questões de poder com suas implicações, podendo sofrer desvios e erros que produzem criações e destruições, ou seja, a incerteza.

O tema trabalhado visou à compreensão do/da estudante diante da leitura e da reflexão sobre o texto de Morin (2000) denominado "Enfrentar as incertezas". Por meio desse tema, foi possível refletir sobre o triste fato da Covid-19; as *Fake News*; os alardes da pandemia; a própria doença ainda presente; as vacinas; os medos; as guerras; as doenças mentais; o mau uso da tecnologia; a exploração demasiada da natureza por um lado. E, por outro, a ponderação sobre a necessidade de enfrentar os medos (navegar), a ecologia da ação e a estratégia propostas por Morin (2000). Diante da proposta de reflexão sobre o tema e as temáticas, os/as estudantes tiveram a possibilidade de refletir até mesmo sobre a morte considerada como certeza, que ainda é incerta, quanto ao tempo e à causa.

Para enfrentar as incertezas, Morin (2000) aborda as diferentes formas de conhecimento que envolvem a reflexão, a lógica, a razão, a tradução/reconstrução do conhecimento, o auto-exame crítico, a ecologia da ação. Ou melhor, os conhecimentos científicos, filosóficos, religiosos e do senso comum que foram mobilizados pelo/a estudante do 2º ano (2022) para pensar seu contexto e enfrentar as incertezas presentes nele.

Os objetivos esperados com o tema "Enfrentar as incertezas" foram: 1) como objetivo geral: Constatar como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir com o enfrentamento das incertezas e das dificuldades de aprendizagem do/a jovem estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE; 2) os objetivos específicos: a) Dialogar com os conhecimentos apresentados no livro "Os sete saberes necessários à educação do futuro", de Edgar Morin (2011), especificamente, os saberes sobre o Enfrentamento das incertezas; b) Distinguir saberes e conhecimentos, visando compreender a perspectiva de Morin; c) Proporcionar o contato com o pensamento de Edgar Morin sobre o enfrentamento das incertezas e, nas aulas de Filosofia, visando contribuir com a formação dos/as estudantes da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira; d) Realizar consulta e leitura de textos relacionados às incertezas históricas e presentes em diálogo com o contexto do/a estudante da turma do 2º ano A (2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, despertando o pensamento conceitual e atitudinal no Ensino da Filosofia e da educação no século XXI; e) Aplicar um formulário com questões objetivas e fechadas com estudantes do 2º A (2022) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira acerca de suas

dificuldades e do tema "incertezas" no século XXI; f) Incentivar o/a estudante com leituras, estudos em pequenos grupos, rubricas e redes de aprendizagem por meio de sugestão de livros, textos, *links* e vídeos sobre os temas a serem apresentados em roda de conversa, pelo/a estudante com a mediação da professora de Filosofia em uma atividade denominada "Café com Filosofia"; g) Desenvolver o tema "incertezas" partindo da metodologia ativa da aula e aprendizagem invertidas, como prática pedagógica que contribuam com a melhoria do ensino e aprendizagem de Filosofia dos/as estudantes do 2º A (2022) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira; h) Reunir os resultados e os dados obtidos com os/as estudantes do 2º A (2022) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira para discussão e validação dos mesmos de acordo com a proposta de intervenção, transformando, posteriormente, em base teórica para novas e melhores vivências do ensino de Filosofia.

No quadro 21, apresentamos o plano com os procedimentos desenvolvidos para vivenciar o tema "Enfrentar as incertezas" nas três turmas de 2º ano (2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, dentre as quais destacamos apenas o 2º ano A (2022) como estudo de caso e análise qualitativa do processo de intervenção no Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Quadro 21 – Plano de ensino com o tema "Enfrentar as incertezas" no 2º ano A (2022) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira

Procedimentos metodológicos	Aula	Datas
Envio e respostas do Formulário "Ensino de Filosofia" – Disponível em: https://docs.google.com/forms/u/2/d/e/1FAIpQLSdSMm9FJ2_RAOvb9nWMoz57ynUuHhdSE9CgD_2eU_DONAe28A/viewform.	Online	10/11/2022 a 05/12/2022
1º momento: Apresentação do tema incerteza em aula expositiva dialogada: ✓ Iniciamos a temática com provocações por meio de uma frase: "[...] **o Brasil passou a viver a nova realidade imposta pelo Covid-19. Apesar do tempo significativo, o sentimento de incerteza sobre como será o mundo pós-pandemia (e o Brasil nesse cenário) continua"**. (NUBANK. **O mundo pós-pandemia:** 5 mudanças sociais que prometem ser duradouras. Publicado em: 08 fev. 21. Disponível em: https://backend.blog.nubank.com.br/o-mundo-pos-pandemia-5-mudancas-sociais-que-prometem-ser-duradouras/. Acesso em: 03 Nov. 2022). ✓ Dois questionamentos: "O que são incertezas?" e "Quais ações e atitudes deverão ter para viver mais e melhor?" ✓ Três imagens (em anexo) projetadas via computador e multimídia, abordando o ser humano e as coisas que levam a construção ou a destruição do ser humano (Material de Filosofia do 2º ano, da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (2012), acerca do tema "As incertezas da existência humana na atualidade"). **2º momento: Aprendizagem invertida:**	**Aula 1** Início da aula 15 minutos de reflexão 15 minutos ouvindo os/as estudantes; 10 minutos refletindo com os/as estudantes; 5 minutos para entrega e recomendação	10/11/2022

✓ Entrega da apostila com o texto filosófico de Morin (2000), V saber, páginas 78-92 no formato impresso e o livro em PDF enviado no grupo de *WhatsApp* da turma.	da leitura	
Aula e aprendizagem invertida – Leitura e estudo individual do texto "Enfrentar incertezas" de Edgar Morin (2000, p. 78-92), em PDF e impresso. – em casa ou nas aulas de Estudo Dirigido".	*Online* e/ou *off-line*	10/11/2022,
3º momento: Estudo em grupo ✓ Organização dos grupos de estudo do texto de Edgar Morin sobre "Enfrentar as incertezas" (realizar leitura e estudo em grupo para socialização em roda de conversa). ✓ Cada grupo destaca as ideias principais do texto de Morin, as incertezas inerentes ao século XXI, como elas podem ser enfrentadas individualmente e coletivamente.	**Aula 2** 10 minutos para organização e 40 minutos para estudo nos grupos.	17/11/2022;
4º momento: "Café com Filosofia"/Roda de conversa ✓ Socialização do pensamento de Edgar Morin (2000) e de possíveis estratégias para enfrentar as incertezas do século XXI na roda de conversa denominada de "Café com Filosofia".	**Aula 3 e 4** 90 minutos, sendo 10 minutos em média por grupo (sete no total).	29/11/2022
5º momento: Envio da Avaliação via formulário do *Google forms* Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSelHmIicFQJOa_KSlK8TNJP783jQhidX8V3Or6TTSSXSVhMRA/viewfor	*Online*	18/04/2023 a 05/05/2023

Fonte: Construído pela autora a partir do Plano de Ensino (2022).

Constatar como o Ensino da Filosofia, atualmente, pode contribuir com o enfrentamento das incertezas não foi e não é tarefa fácil. Entretanto, propusemos o estudo do texto de Morin (2000), partindo das provocações relacionadas ao problema da Covid-19 e reflexão sobre as três imagens referentes às coisas que são causadoras de incertezas nos tempos atuais. Para isso, utilizamos a aula expositiva dialogada com os questionamentos: O que são incertezas? Quais ações e atitudes deveriam ter para viver mais e melhor?

Paralelo a essa aula, por meio da exposição dialogada, foi disponibilizado um *link* do *Google Forms* no grupo de *WhatsApp* da turma, para que respondessem ao formulário. Este formulário era semiaberto, composto por duas sessões, fazendo referência a visão e a relação do/a estudante sobre o Ensino de Filosofia; e questões relacionadas às incertezas. O formulário foi um dos instrumentos para analisar as dificuldades de aprendizagem em Filosofia do/a jovem estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE, conforme já apresentamos os resultados na sessão anterior.

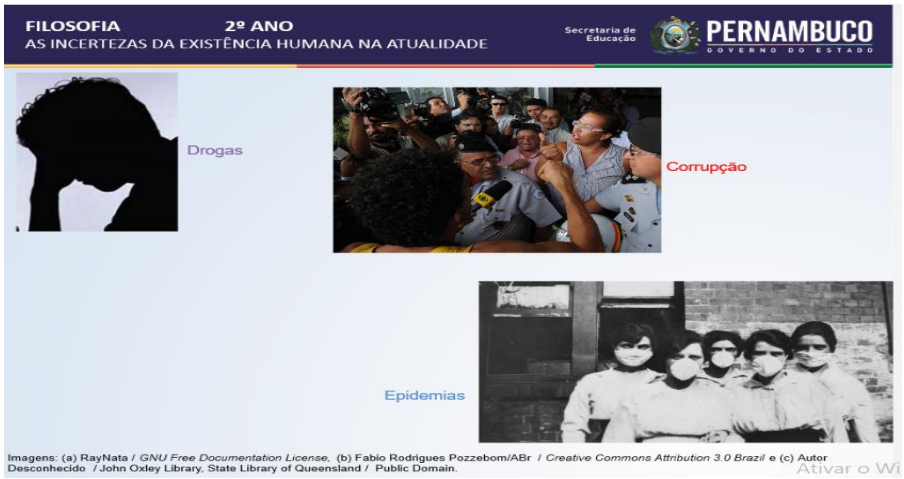
Em sala, ainda na primeira aula, o/a estudante é orientado acerca da organização da turma em grupos e do desenvolvimento do estudo do texto de Morin (2000). Com os/as estudantes em grupos de até 7 (sete) pessoas, iniciou-se o estudo do texto disponibilizado impresso e em PDF no grupo de *WhatsApp* para o/a estudante conforme já afirmado.

O texto de Morin (2000) pode ser estudado individualmente ou em grupo, por meio de redes sociais escolhidas pelo/a estudante, como o *WhatsApp e Instagram*; em casa ou nas aulas de estudos dirigidos. Nessa etapa, os/as estudantes fizeram suas anotações de dúvida, sugestões, consulta a *sites* e textos complementares para melhor compreensão do tema em estudo.

Na segunda aula de Filosofia, na sala de aula física (presencial), os grupos sentaram juntos para socializar entre si ou tirar dúvidas com a professora e, depois de sorteios dos subtemas, cada grupo foca em um dos subtemas do texto de Morin (2000) referente ao V saber, "Enfrentar as incertezas", do livro: *Os sete saberes necessários a educação do futuro*.

Nas duas últimas aulas de Filosofia aconteceu a socialização do estudo por meio da roda de conversa, no "Café com Filosofia". E por fim, por meio de um novo formulário do *Google forms*, o/a estudante avalia essa metodologia utilizada no Ensino de Filosofia. A este formulário, complementamos a observação e a anotação do desenvolvimento da aprendizagem durante o processo de estudo e da socialização do tema "Enfrentar as incertezas" vivenciado nas turmas de 2º ano (2022). Da aplicação da intervenção pedagógica, detalharemos o processo e os resultados observados no 2º ano A (2022).

Iniciamos o processo de reflexão acerca do tema incertezas em aula expositiva dialogada, partindo das seguintes provocações: a) uma frase do Nubank sobre a realidade imposta pela Covid-19 e o sentimento de incerteza, conforme desatacada no quadro 21; b) momento dos questionamentos: 1) O que são incertezas? 2) Quais ações e atitudes deverão ter para viver mais e melhor?; c) utilização das imagens a seguir, retiradas do material em slides de Filosofia para o 2º ano da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (2012) acerca do tema "As incertezas da existência humana na atualidade".



Imagens: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. As incertezas da Existência Humana na Atualidade. In: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Filosofia. 2ª série do Ensino Médio. 2012 [slides].

Paralelo a essas provocações realizadas na exposição dialogada, como já foi descrito anteriormente, foi enviado online o primeiro formulário sobre o ensino de Filosofia e as incertezas, que tinha como objetivo ouvir o/a estudante dentro de um contexto para constatar o interesse do mesmo pela Filosofia e por determinado tema. O formulário ficou disponível por um período de 25 dias e a primeira aula com exposição dialogada de 40 minutos, somado aos outros 10 que completavam a aula para falar de como seria o "Café com Filosofia", momento baseado no texto do filósofo Edgar Morin (2000) entregue em PDF e impresso.

Esse primeiro momento em sala foi muito enriquecedor, pois permitiu uma interação maior entre estudantes-estudantes e estudantes-professor/a. Devido às questões para mediar a reflexão fazerem parte do contexto do/a estudante, praticamente todos/as participaram, expressando seus pensamentos, seus medos, seus anseios, suas angustias e suas dúvidas. O que nos impressionou foi perceber que até mesmo os/as mais tímidos/as esboçaram reações diante de uma ou outra provocação, especialmente, quando lhes foram direcionados/as a fala.

O momento inicial bem como o "Café com Filosofia" foram vivenciados com a sensação e a constatação de que o tempo de aula de 50 minutos se tornaram insuficientes. O lado positivo é "o gostinho de quero mais" como costuma falar em sala a então professora de Filosofia que vivenciou essa metodologia; além disso, a necessidade de sentar e dialogar com outros/as professores/as buscando mais carga horária para desenvolver esse plano de aula, especialmente, para o momento da socialização. O lado negativo é essa dificuldade de desenvolver com outras disciplinas atividades interdisciplinares, mesmo na escola integral, com aula de estudo para o/a estudante sentar junto, buscar apoio em outras áreas do conhecimento.

Após as negociações com outros/as professores/as, conseguimos os horários das aulas de Sociologia e de Estudo Dirigido, bem como a presença dos/das professores/as das referidas disciplinas para a participação no momento da socialização do tema "Enfrentar as Incertezas". Ainda utilizamos uma parte do horário da aula de Educação Física no dia da roda de conversa no "Café com Filosofia", porque os/as estudantes estudaram, pesquisaram outros textos e filósofos/as para complementar e melhor entender o pensamento moriniano acerca das incertezas e sentiram a necessidade de permanecer com as reflexões por mais tempo.

Todos/as que estavam presentes na sala falaram, ora citando trechos do texto de Morin (2000) e explicando seu entendimento, ora explicando o pensamento de Morin a partir da compreensão de outros textos, ilustrando com pensamentos, textos, frases, poemas de outros/as pensadores/as e filósofos/as ou com ditos populares ou ainda fazendo uma ponte na fala do/a colega de sala, discordando, confirmando ou complementando.

Buscaram apresentar o conceito e pontos das incertezas histórica e presentes, ressaltadas por Morin e o problema da incerteza relativas à Covid-19, como o medo da morte, a vacina e o conhecimento científico; o problema das guerras como os ataques a Hiroshima e Nagasaki no Japão; a guerra da Rússia e Ucrânia eclodidas no momento dos estudos; os tipos de conhecimento (mitológico, religioso, científico, tecnológico, filosófico e do senso comum); a impossibilidade de prevê o futuro; a racionalidade e irracionalidade humana.

O trabalho por tema como colocado por Campaner (2012) é interessante, especialmente quando a autora se refere ao desenvolvimento de temas sem engessá-los ou amarrar a história da Filosofia, tentando seguir uma ordem cronológica, mas que possa partir do interesse do/a estudante. Olhando por essa perspectiva, a autora tem razão. Na prática, o trabalho com o tema "Enfrentar as incertezas", proposto por Morin (2000), levou o/a estudante a pensar e trazer à aula de Filosofia outros temas como a existência humana, quando uma estudante, logo na primeira aula, questionou essa existência antes e depois do nascimento e da morte, levando o debate para o pensamento de dois filósofos: Platão e Santo Agostinho; assim, o diálogo foi direcionado para o conhecimento filosófico e o conhecimento religioso sobre os temas vida e morte.

Ainda no final da primeira aula, dois dos seis grupos organizados, criaram um grupo de estudo no *WhatsApp* para estudarem e anotarem suas impressões, achados e dúvidas sobre o texto de Morin (2000). Na segunda aula, após a leitura e estudo do texto em casa, *online* ou aula de Estudo Dirigido, foi sorteado os subtemas e conversa individualizada por grupo para acompanhamento do processo de anotação dos pontos relevantes e dúvidas, de ações realizadas ou ainda por fazer.

Esse segundo momento também serviu para observar se os/as seis estudantes que haviam faltado no primeiro momento tinham se atualizado pelas informações do grupo do *WhatsApp* da turma e de seu grupo específico, como estava o desenvolvimento desse processo. A observação indicou a dificuldade que alguns/algumas estudantes possuem de estudar em sala em meio ao barulho. Por isso, foi necessário distribuí-los em locais diferentes, como embaixo da árvore, próximo a sala e no pátio para que pudessem conversar melhor sobre o tema; outros/as afirmaram só conseguirem no silêncio de sua casa. Este último motivo confirma a positividade da aula invertida e material disponibilizado impresso ou em pdf para que o/a estudante escolha o seu melhor lugar e momento para estudar, conforme Mello, Almeida Neto e Petrillo (2021) afirmaram a respeito da aula e aprendizagem invertidas.

Voltando novamente para o tema "Enfrentar as incertezas", nos surpreendemos com a desenvoltura de estudantes que, normalmente, quase não ouvimos suas vozes se destacarem

na habilidade de relacionar os textos e destacar na oralidade, fato observado quando uma estudante do 2º ano A de 2022, ao iniciar a roda de conversa, comparou o contexto da pandemia da Covid-19 com suas incertezas em relação ao pensamento de Heráclito, falando sobre o movimento ou *devenir*, dizendo: "em Heráclito as certezas seriam um sentimento ilusório e as incertezas como algo real que não é necessariamente ruim, mas podendo ser negativa ou positiva. Isso depende de como elas são enfrentadas".

Esse mesmo grupo, além de contextualizar dando como exemplos da Covid-19, do isolamento social, da necessidade do autocuidado e do reconhecimento dos próprios sentimentos, citaram Platão e Aristóteles, destacando o saber e o não saber em relação às influências das religiões, da física, das ciências, além da definição de incerteza como a dúvida e o fato de não ter a perspectiva do futuro.

Tendo a dúvida como sinônimo de incerteza, é necessário refletir sobre ela e conforme Morin (2015a, p. 43): "[...] saber que a dúvida incontrolada e ilimitada se transforma na certeza paranoica de que tudo é falso ou mentiroso. É preciso saber duvidar da dúvida". Ou seja, a incerteza não deve se tornar a certeza de que nada sairá como planejado, que tudo é incerto, para não paralisar. Há que continuar planejando com a consciência de que os desvios no processo exigem de nós novas estratégias.

Durante a roda de conversa, ouvimos atentamente cada grupo interagindo. Nesse contexto, destacamos pontos importantes levantados pelos/as estudantes do segundo grupo em suas colocações, tais como: a evolução científica e tecnológica, a influência religiosa e a visão científica; a não linearidade do conhecimento e da histórica para explicar a questão da incerteza resultante dos desvios, evoluções, criações e destruições que nem o despotismo ou totalitarismo são capazes de eliminar.

Este grupo utilizou os conhecimentos da língua portuguesa para falar dos desvios e para refletir sobre a criatividade, planejamento, comodismo, mesmice, indiferença e manipulação presente nos homens e nas mulheres diante de problema/solução. Como exemplo para enfrentar as incertezas dos nossos tempos, falaram de ONGs criadas para enfrentar problemas resultantes dos desvios históricos promovidos pelas ações humanas e da própria natureza.

O terceiro grupo iniciou sua reflexão sobre o mundo incerto, os riscos e as oportunidades, partindo de algumas falas dos/as colegas dos dois grupos anteriores, como a associação da incerteza a tudo, ao cotidiano, ao hoje e ao amanhã. Uma das estudantes do grupo lembrou do Mito da Caverna de Platão com base na leitura do livro o "Mundo de

Sophia", disponível na biblioteca virtual da escola, para destacar a caverna com suas sombras, escuridão e mesmice que vivemos.

Além da visão filosófica de que as incertezas sempre existiram e continuarão a existir, questionaram sobre: como estamos envelhecendo? Aceitar e enfrentar a incerteza e a velhice com maturidade é necessário, explicou uma das estudantes do grupo, enquanto a outra disse que: "quanto mais pensamos, mais temos incertezas". Porém, vivemos a certeza de um mundo incerto com apenas uma certeza, a da morte física (do corpo).

Esse grupo destacou o pensamento de Morin (2000) referente aos desvios, ordem-desordem-reorganização, destacando o universo como um jogo que exige de nós consciência da incerteza, aconselhando a termos empatia e reciprocidade diante da pandemia, dos transtornos e da incerteza causada pela Covid-19. Outro ponto importante destacado pelo grupo foi a teoria do *Big-bang*, do Evolucionismo e Criacionismo para refletir sobre as visões científicas e religiosas a respeito do surgimento do mundo e da humanidade. E, unindo esta reflexão ao Mito da Caverna de Platão, destacaram o mundo das ideias e o mundo sensível, atrelando às perguntas: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?

Sem a pretensão de responder as questões lançadas pelo grupo anterior, o quarto grupo, para ilustrar a incerteza do real e do conhecimento, bem como o enfrentamento da incerteza, iniciou com um poema "Ou isto ou aquilo" de Cecília Meireles no livro "Ou isto ou aquilo". A intenção do poema é falar sobre escolhas e preparar a mente para as incertezas. Depois, o grupo trouxe os filósofos Zygmunt Bauman, Adam Przeworski e Friedrich Nietzsche para complementar o pensamento de Morin (2000), destacando questões relacionadas ao conhecimento científico e à realidade moderna e pós-moderna com suas incertezas.

Em Bauman, destacaram o mundo líquido ou modernidade líquida, onde as relações tendem a ser menos duradoras, mais maleáveis e superficiais. Como exemplo, um/a estudante lembrou as amizades nas redes sociais ou virtuais. Em Adam Przeworski, destacaram a capacidade racional do ser humano para não se permitir ser manipulado pela estrutura social (política, econômica e ideológica) presente na sociedade. Em relação à Nietzsche, destacaram a crítica que o filósofo fez às certezas que nascem das crenças.

Destacando os problemas de depressão e ansiedade promovida pela pandemia da Covid-19 e incertezas, baseados em Morin, sugeriram aprender a lidar com as incertezas relacionadas ao futuro, buscando apoio, porque não temos o controle de tudo, ressaltou o grupo. Depois, abordaram o fato de que a realidade não é facilmente legível, depende de tradução-complexidade. Ressaltaram ainda, conforme o pensamento moriniano, que o

conhecimento é como uma aventura e, por isso, incerto, com erros e ilusão e estes podem ser de cunho filosófico, religioso, mitológico, histórico e científico.

Os destaques do quinto grupo foi para as incertezas, a ecologia da ação, risco/precaução, fins/meios, ação/contexto partindo das frases: 1) "Não adianta pensar sem agir, e nem agir sem pensar";[13] 2) "Sabio é aquele que conhece os limites da própria ignorância"[14]. Com essas duas frases, o grupo faz sua reflexão sobre as incertezas e a ação, explicando a ação como uma aposta que contém risco e incerteza, que requer pensar a ação, focando na solução e não exatamente no problema, centrando suas forças em si e não no outro. Por fim, destacaram o medo do novo, do incerto.

Diferentemente do 2º grupo que contou com 4 dos 7 participantes e não teve problema em apresentar suas reflexões sobre o tema, o 6º grupo com 3 dos 7 sete participantes não conseguiu falar sobre o texto no geral e o subtema destinado ao grupo que se referia a imprevisibilidade em longo prazo, o desafio e a estratégia. Porém, participaram bem da roda de conversa como ouvintes e apenas uma estudante falou das escolhas para o futuro, especialmente, referente à profissão, uma vez que elas/eles estão caminhando para a vida adulta. Em seguida leu trechos do pensamento de Morin (2000) acerca das ações a curto e longo prazo, escolhas e de esperar o inesperado.

Dessa maneira, pudemos constatar, desde o primeiro tema trabalhado, como é surpreendentemente bom testemunhar seu/sua aluno/a estudando, pensando com um olhar direcionado para algo, buscando o melhor jeito para entregar suas interpretações, parando para ouvir a/o colega no pequeno grupo e diante das falas da turma. Isso pode ser considerado uma pequena amostra do que a Filosofia pode proporcionar.

"Incertezas" foi um tema que não foi escolhido pelo/a estudante, contudo, foi um tema que agradou e despertou o interesse da/o estudante e a partir dele, muitos outros temas entraram em cena. O que nos faz pensar que não precisamos apresentar muitos conteúdos e filósofos/as, muitos outros/as pensadores/as, pois o/a estudante é capaz de ir atrás conforme sua necessidade. Isso pode ser positivo para a construção da aprendizagem e da superação das dificuldades de aprendizagens, sejam elas em Filosofia ou em outro componente ou disciplina curricular.

Após a socialização do tema "Enfrentar as incertezas" em roda de conversa no "Café com Filosofia", conforme descrito no plano de intervenção, chegou a hora da avaliação que, em partes, foi realizada em sala de aula de forma oral, partindo da professora e do/a estudante

[13] Frase de Oseias Oliveira. *Site* Pensador.
[14] Frase de Sócrates citado por Paulo Buch Baum em Frases geniais que você gostaria de TER dito.

enquanto tomávamos o café previamente preparado por todos/as da turma. Nesse momento, os/as estudantes diziam o quanto estavam nervosos e felizes de poder expressar seus pensamentos e compreensão sobre o texto, bem como das dificuldades que tiveram durante a organização e estudo. Além disso, perceberam que o tempo dedicado a suas falas foi pouco e que, por isso, levou-os/as a mobilizar suas habilidades de sintetizar o que aprenderam.

A outra maneira de avaliar a respeito do tema "Enfrentar as incertezas" foi por meio do formulário do *Google forms*. Esse era o segundo formulário que a turma respondia, porém, a finalidade deste era a avaliação do "Café com Filosofia" para observar como o/a estudante percebe essa metodologia para o Ensino de Filosofia. Então, eles/as responderam a essa breve avaliação no 1º bimestre de 2023, quando se encontravam no 3º ano do Ensino Médio. Esse formulário nº 2 foi composto por cinco questões fechadas e uma aberta e tal questão era opcional para os/as estudantes. O formulário ficou disponível no período de 18 de abril a 05 de maio de 2023, correspondendo a 18 (dezoito) dias. Durante esse tempo, 76 (setenta e seis) estudantes participaram, sendo 38 do 3º ano A (2023) e 38 (trinta e oito) do 3º ano B (2023). Dos/das 38 (trinta e oito) estudantes que responderam em cada turma, 30 (trinta) são de origem do 2º ano A (2022), 31 de origem do 2º ano B (2022) e 13 do 2º ano C (2022).

As questões se referiram ao processo de como ocorreu o "Café com Filosofia" entre novembro e dezembro de 2022, se o/a estudante gostaria de repetir essa metodologia e quais sugestões poderiam deixar para melhorar essa metodologia para o Ensino de Filosofia.

Contudo, lembramos que a turma do 2º ano A em 2022 era de 40 estudantes e que esta será a analisada. Dessa forma, analisamos as 30 (trinta) respostas correspondentes aos estudantes do 2º ano A (2022) em relação ao "Café com Filosofia" para estudo e reflexão do tema "Enfrentar as Incertezas" de Edgar Morin (2000). A seguir os quadros 22 e 23 que representam o resultado geral das três turmas e do 2º ano A (2022) em específico.

Quadro 22 – Participação do 2º Ano A no "Café com Filosofia" sobre o tema "Enfrentar as incertezas"

1 – Você participou do "Café com Filosofia" em Novembro de 2022?				
Alternativas de resposta	Respostas das três turmas	Percentual por resposta das três turmas	Respostas do 2º ano A (2022)	Percentual por resposta do 2º ano A (2022)
Sim	67	66%	27	67%
Não	9	9%	3	8%
Não participaram da pesquisa	25	25%	10	25%
Total	**111**	**100%**	**40**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

A participação dos/as estudantes do 2º ano A (2022) nas respostas do formulário n. 2 que avaliou a metodologia utilizada no "Café com Filosofia" é, proporcionalmente,

semelhante ao total de respostas dadas pelo conjunto das turmas de 2º ano (2022) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira. Como fica claro no percentual da turma 2º ano A (2022) em relação aos que não participaram da pesquisa por meio do formulário se comparado ao total geral dos/as estudantes que não responderam a esse segundo formulário enviado por meio de *link* via *WhatsApp* e *Instagram*.

Começamos a avaliar como foi o "Café com Filosofia" a respeito do tema refletido em roda de conversa, segundo a metodologia ativa da aula e aprendizagem invertidas, e por meio de tema, com a pergunta na qual o/a estudante pode escolher entre as alternativas: *sim*, *não* ou *um pouco*, para dizer o quanto gostou dessa metodologia. Os resultados podem ser conferidos no quadro 23 a seguir.

Quadro 23 – Aprovação do "Café com Filosofia" sobre o tema "Enfrentar as incertezas"

2 – Você gostou de participar do "Café com Filosofia" a respeito do tema "Enfrentar as incertezas"?				
Alternativas de resposta	Resposta das 3 turmas (2022)	Percentual por resposta das 3 turmas (2022)	Resposta do 2º ano A (2022)	Percentual por resposta do 2º ano A (2022)
Sim	63	83%	25	83%
Não	3	4%	1	3%
Um Pouco	5	6,5%	2	7%
Omitiram a resposta	5	6,5%	2	7%
Total	**76**	**100**%	**30**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Observamos que para os 30 (trinta) estudantes do 2º ano A (2022), essa metodologia foi positiva, considerando que apenas um/a (4%) respondeu "não" e que apenas 7% dos/as estudantes omitiram sua resposta, uma vez que entre estes/as estudantes haviam os/as que não participaram da roda de conversas ou mesmo de algum dos momentos de estudos que culminaram para este momento.

O melhor é que além dos/as 83% que afirmaram ter gostado do "Café com Filosofia", foi perceber a alegria no final da roda de conversa ou durante o processo, ver como levantaram suas dúvidas, a maneira que debatiam no grupo e como buscaram outros textos e pensadores/as para compreender o texto de Morin sobre as incertezas e contextualizar com seu cotidiano.

Com relação ao que o/a estudante considera positivo e negativo nessa metodologia, elaboramos e eles/elas responderam as questões 3 e 4 referentes a esses posicionamentos.

No quadro 24 analisamos os resultados para a pergunta: *O que foi positivo no "Café com Filosofia"* a respeito do tema "Enfrentar as Incertezas".

Quadro 24 – Avaliação dos pontos positivos do "Café com Filosofia" sobre o tema "Enfrentar as incertezas"

3 – O que foi positivo no "Café com Filosofia"?

Alternativas de respostas	Resposta das 3 turmas (2022)	Percentual por resposta das 3 turmas (2022)	Resposta do 2º ano A (2022)	Percentual por resposta do 2º ano A (2022)
a. momento de leitura e estudo em grupo	20	26%	7	24%
b. o momento de tirar as dúvidas com a professora	5	7%	0	0%
c. a interação pelo grupo de *WhatsApp*	1	1%	0	0%
d. a interação pelo grupo de *Instagram*	0	0%	0	0%
e. o momento da socialização na roda de conversa	18	24%	9	30%
f. a maneira como os grupos participaram durante a socialização	8	10%	3	10%
g. o tema "Enfrentar as incertezas"	3	4%	1	3%
h. o momento do café	1	1%	1	3%
i. todas as etapas do "Café com Filosofia"	18	24%	8	27%
j. nenhuma das etapas do "Café com Filosofia"	2	3%	1	3%
Total	**76**	**100%**	**30**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Entre as 10 alternativas possíveis, no geral, houve respostas que as consideram como positivas. Entretanto, a turma do 2º ano A não viu como positivas as três alternativas que foram: o momento de tirar as dúvidas com a professora e a interação do grupo pelas redes sociais (*WhatsApp* e *Instagram*). Por outro lado, outras três alternativas chamam atenção: o momento de leitura em grupo, a socialização na roda de conversa e todas as etapas do "Café com Filosofia". Todavia, esta última que corresponde a 27% ou 8 de 30 estudantes, nos chama a atenção por considerar a metodologia como um todo positiva.

Olhando agora para o lado negativo, o que chamou atenção, foi perceber que assim como houve estudantes que consideraram todas as etapas positivas, também houve estudantes que consideraram que nenhuma das etapas foi positiva e que essa metodologia como um todo foi negativa. Como vimos no quadro 24 e também podemos constatar no quadro 25 a seguir:

Quadro 25 – Avaliação dos pontos negativos do "Café com Filosofia" sobre o tema "Enfrentar as incertezas"

4 – O que você percebe como negativo no "Café com Filosofia"?				
Alternativas de respostas	Resposta das 3 turmas (2022)	Percentual por resposta das 3 turmas (2022)	Resposta do 2º ano A (2022)	Percentual por resposta do 2º ano A (2022)
a. a falta de empenho de alguns/algumas estudantes durante o estudo	41	54%	12	40%
b. a indisciplina (conversas paralelas) durante a socialização do tema no "Café com Filosofia"	20	26%	7	23%
c. a ausência do/a estudante no dia da socialização.	8	11%	5	17%
d. a falta de compromisso da professora durante o processo de estudo e de tirar dúvidas	0	0%	0	0%
e. a metodologia como um todo.	3	4%	3	10%
f. não responderam	4	5%	3	10%
Total	**76**	**100%**	**30**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

A falta de empenho de alguns/algumas estudantes durante o processo foi o ponto mais destacados pelo/a próprio/a estudante. Este ponto, no geral, somou mais de 50% enquanto no 2º ano A essa mesma alternativa somou 40%. Outro ponto importante, considerado como negativo, foram a indisciplina ou conversas paralelas durante a socialização com 23% e a ausência do/da estudante no dia da socialização representado por 17% na turma do 2º ano A. Esse último ponto é bastante preocupante, pois de fato faltaram 10 estudantes no dia da roda de conversa do "Café com Filosofia".

Outro ponto, mesmo que proporcionalmente menor, merece uma reflexão, o fato de que houve estudantes que consideraram toda a metodologia negativa é um alerta para nossa prática. Estes representam 4% do geral e 10% das/os estudantes do 2º ano A (2022). Como essa turma era uma turma em que os/as estudantes eram assíduos/as, esperava-se também assiduidade na socialização do tema estudado. Então, questionando porque faltaram, ouvimos que foi devido a se encontrarem de atestado médico (3 estudantes) e os/as demais faltaram porque sentiram medo de falar para a turma ou por causa da chuva que ocorreu no dia. Todavia, essa última justificativa não é bem aceita porque outros/as vieram em meio a chuva só por causa desse momento considerado importante por eles/as.

Olhando por outra perspectiva, percebemos que esta não é uma metodologia infalível, devido à participação do/a estudante não chegar a 100% e ao fato de alguns/algumas estudantes considerarem toda metodologia negativa. No entanto, ela ajuda o/a professor/a a ouvir o/a estudante quanto a compreensão do tema e do texto no que se refere às aprendizagens e à percepção na avaliação quanto a metodologia de ensino.

Na sequência, procuramos saber se o/a estudante queria que houvesse outro momento como esse do "Café com Filosofia". Surpreendentemente, até os/as que consideraram toda metodologia negativa responderam *sim* ou *talvez,* pois ninguém respondeu *não*. Como é possível constatar isso no quadro 26.

Quadro 26 – Avaliando a possibilidade de participação de outro "Café com Filosofia"

5 – Você gostaria de participar em 2023 de outro "Café com Filosofia"?				
Alternativas de respostas	Resposta das 3 turmas (2022)	Percentual por resposta das 3 turmas (2022)	Resposta do 2º ano A (2022)	Percentual por resposta do 2º ano A (2022)
Sim	61	80%	25	83%
Não	0	0%	0	0%
Talvez	15	20%	5	17%
Total	**76**	**100%**	**30**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Assim como o 2º ano A (2022), todas as outras turmas optaram pelo *sim* que representa 80% ou mais das respostas, restando 20% ou menos para o *talvez*. Isso nos animou

a continuar com a metodologia em 2023. Antes de passar para o próximo tema do "Café com Filosofia", pedimos que os/as estudantes deixassem sugestões que poderiam melhorar essa metodologia para o Ensino de Filosofia.

Como as questões desse formulário eram opcionais, somente 14 (quatorze) dos 30 estudantes do 2º ano A (2022) que responderam ao formulário deixaram suas sugestões para o próximo "Café com Filosofia" que seria sobre a ética. Como está posto no quadro 27 a seguir:

Quadro 27 – Sugestões para outro "Café com Filosofia"

6 – Deixe sua sugestão para outro "Café com Filosofia" em 2023	
Estudante do 2º ano A (2022)	**Respostas /sugestões dadas pelos estudantes**
Estudante 1	Haver mais a socialização e participação de todos, e havendo algo mais dinâmico.
Estudante 2	
Estudante 3	
Estudante 5	
Estudante 6	
Estudante 7	Enfatizar a Evolução da Ética Da Sociedade Antiga a Sociedade moderna.
Estudante 8	
Estudante 10	
Estudante 11	.
Estudante 12	É um ótimo tema para se debater durante a aula
Estudante 13	Muito bom! Inclusive deveria ser muito mais comentado este tema , em Sala de Aula !
Estudante 15	Ótima ideia
Estudante 18	A influência que o comportamento de um indivíduo gera em outro indivíduo.
Estudante 19	
Estudante 20	Os alunos terem mais compromisso ao estudar para o café para que ele seja rico de diálogo e conhecimento
Estudante 21	Para que o "Café com Filosofia" seja mais produtivo; os alunos estarem abertos a abordaram mais temáticas, mas nada tão divergente ao que é proposto.
Estudante 26	Criar uma dinâmica assim o ficaria muito interessante e também pra não ficar tão monótono.
Estudante 27	Pode ser sobre Ética na sociedade.
Estudante 28	
Estudante 29	
Estudante 30	
Estudante 31	
Estudante 32	
Estudante 33	
Estudante 34	Nenhuma sugestão no momento...
Estudante 35	
Estudante 36	É um tema muito bom
Estudante 37	
Estudante 38	Poderia e pode ser melhor do que o do ano passado.
Estudante 39	Acho que a mesma dinâmica do ano passado ficaria legal, só precisamos se aprofundar no assunto.
Estudante 40	

Total de estudantes do 2º ano A (2022)	**40**	**Total de estudantes do 2º ano A (2022) que responderam ao 2º formulário.**	**30**	**Total de respostas do 2º ano A (2022)**	**14**

Fonte: Quadro construído pela autora

Ao analisar o quadro, percebemos que nem tudo é sugestão, porém é possível compreender que o/a estudante gostou da dinâmica que exige mais comprometimento e abertura às temáticas por parte do/a próprio/a estudante; que esta dinâmica é uma maneira de discutir as temáticas propostas de maneira não monótona, inclusive, apontaram a necessidade de discutir mais em sala temas como a incerteza e a ética.

De acordo com aquilo que observamos durante o processo, com a socialização na roda de conversa e, por fim, com a avaliação realizada por meio de formulário, constatamos que o Ensino de Filosofia pode contribuir para o enfrentamento das incertezas que o debate por temas proporcionou. Além disso, ficou o "gostinho de quero mais", expressão usada para que possamos dizer que é interessante repetir esse processo ou que ainda há o que acrescentar. Dessa maneira, acatando a sugestão do/a estudante, discutiremos a ética na sociedade a partir do pensamento de Edgar Morin (2000) com o tema "A ética do gênero humano" que corresponde ao sétimo saber do seu livro *Os sete saberes necessários a educação do futuro.*

4.3.3 Trabalhando com o tema: A ética do gênero humano

O segundo tema escolhido para ser trabalhado com a mesma turma, que já se encontra no 3º ano, no II bimestre de 2023, foi "A ética do gênero humano", segundo o pensamento filosófico de Morin (2000). Com ele (o tema), pretendemos atingir os objetivos dessa pesquisa, bem como atender as expectativas de aprendizagens previstas para o/a estudante do 3º ano (2023) de acordo com o documento Reorganização Curricular de Pernambuco (Secretaria da Educação e Esporte do Estado de Pernambuco, 2000, p. 600-610).

O tema "A ética do gênero humano" comporta os dois eixos/campos temáticos previstos para o II bimestre do 3º ano em Filosofia. Um desses eixos é "Ética, identidade e alteridade", o outro se refere à linguagem filosófica.

No uso de uma linguagem filosófica, Morin (2000, p. 105) destaca "a tríade indivíduo/sociedade/espécie", para enfatizar a condição humana. Ou seja, os três termos se completam num ciclo em que nenhum é superior ao outro, processo que possibilita ao humano se humanizar na relação com o outro, com a cultura e com a natureza.

Nesse sentido, as expectativas de aprendizagem são: EA1 – Compreender o papel dos valores na formação da identidade; EA2 – Reconhecer a relação da cultura com a formação dos valores; e EA4 – Analisar e discutir atitudes éticas em situações cotidianas.

Nessa ação de intervenção pedagógica, também objetivamos desenvolver, de forma paralela, a expectativa de aprendizagem EA8 – Fazer aproximações com autores da história da Filosofia e seus contextos históricos e sociais.

Todas as expectativas de aprendizagem foram fundamentadas no pensamento de Morin (2000) e, como complemento, o/a estudante citou os pensamentos de Aristóteles, Hume e Hanna Arendt para contextualizar a ética, a cidadania e a democracia.

Refletindo sobre a ética humana, conseguimos vivenciar, atrelados ao texto de Morin (2000), outros dois dos conteúdos propostos que são: Ética: a criação dos valores e, Ética e Direitos Humanos. Morin afirma que para desenvolver a consciência e o espírito propriamente humano é necessário "a ética propriamente humana, ou seja, a antro-poética" (Morin, 2000, p. 105).

Os valores e os direitos humanos são construídos na comunidade, nas interações entre os indivíduos e na tomada de consciência da condição humana. Nesse sentido, Morin (2000, p. 105-106) afirma que: "[...] qualquer concepção do gênero humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana".

Os objetivos esperados com o tema "A ética do gênero humano" foram: como objetivo geral, constatar como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir com a construção da ética e a superação das dificuldades de aprendizagem do jovem Estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE. Já os objetivos específicos foram: a) Dialogar com os conhecimentos apresentados no livro "Os sete saberes necessários à educação do futuro", de Edgar Morin (2011), especificamente com a ética do gênero humano; b) Distinguir saberes e conhecimentos, visando compreender a perspectiva de Morin; c) Proporcionar o contato com o pensamento de Edgar Morin sobre a ética do gênero humano nas aulas de Filosofia, com o objetivo de contribuir com a formação dos estudantes da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira; d) Realizar consultas e leituras de textos relacionados à ética presente em diálogo com o contexto do/a estudante da turma do 3º ano A (2023), da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, despertando o pensamento conceitual e atitudinal próprio do Ensino da Filosofia e da educação no século XXI; e) Aplicar um formulário com questões objetivas e fechadas com estudantes do 3º A (2023) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira acerca de suas dificuldades e do tema "ética" no século XXI; f) Incentivar o/a estudante com leituras, estudos em pequenos grupos, rubricas e redes de aprendizagem por meio de sugestão de livros, textos, *links* e vídeos acerca dos temas a serem apresentados em roda de conversa, pelo/a estudante com a mediação da

professora de Filosofia, em uma atividade denominada "Café com Filosofia"; g) Desenvolver o tema "ética do gênero humano" partindo da metodologia ativa da aula e aprendizagem invertidas, como prática pedagógica que possa contribuir com a melhoria do ensino e da aprendizagem de Filosofia dos/as estudantes do 3º A (2023) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira; h) Reunir os resultados e os dados obtidos com os/as estudantes do 3º A (2023) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira para discussão e validação dos mesmos de acordo com a proposta de intervenção, transformando, posteriormente, em base teórica para novas e melhores vivências do ensino de Filosofia.

No quadro 28, são apresentados: o plano das aulas para vivência do tema "A ética do gênero humano"; os procedimentos vivenciados na turma do 3º ano A (2023) da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira para continuidade do estudo de caso e análise qualitativa da segunda etapa do processo de intervenção no Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Quadro 28 – Plano de Ensino sobre o tema "A ética do gênero humano" no 3º ano A (2023) no Ensino de Filosofia do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira

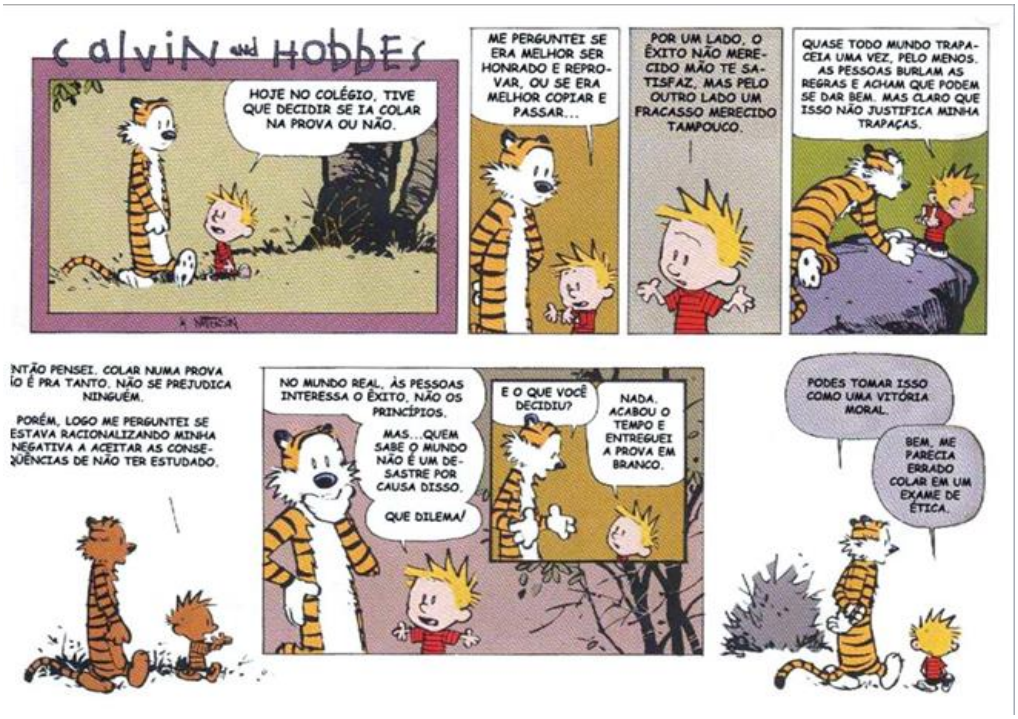
Procedimentos metodológicos	**Aula**	**Data**
1º momento: Apresentação do tema "A ética do gênero humano" em aula expositiva dialogada: ✓ Iniciamos a temática com provocações por meio dos dilemas: *"É justo exigirmos que as pessoas 'carentes' sejam protagonistas de seus destinos"* (BARCAT, George. **Dilemas Éticos das Sociedades contemporâneas**. Publicado em 10 de abril de 2012, Equipe Inclusive. Disponível em: https:www.inclusive.org.br/arquivos/22336. Acesso em: 23 Fev. 2023). Reflexão **ética** a partir dos quadrinhos de Calvin e Hobbes (imagem) (COLAR NA PROVA. Seja a exceção: Calvin e Hobbes. Publicado em 13/11/2013. Disponível em: https://sejaaexcecao.blogspot.com/2013/11/calvin-e-hobbes-colar-na-prova.html . Acesso em: 23 Fev. 2023.) (SANTOS, Nivaldo R. **Ética cristã.** Aula 01**.** Publicado: 08/06/2015. Disponível em: https://pt.slideshare.net/NRSAO/tica-crist-aula-01#7. Acesso em: 23 Fev. 2023). ✓ Questão para reflexão e debate: "Quais ações e atitudes precisamos ter para viver mais e melhor?" **2º momento: Aprendizagem invertida:** ✓ Entrega da apostila com o texto filosófico de Morin (2000), VII saber, páginas 105-115 no formato impresso e o livro em PDF enviado no grupo de *WhatsApp* da turma.	**Aula 1** Início da aula: 15 minutos para reflexão. 20 minutos ouvindo os estudantes e suas reflexões. 10 minutos 5 minutos para entrega e recomendação da leitura.	27/04/2023
Aula e aprendizagem invertida – Leitura e estudo individual do texto "A ética do gênero humano" de Edgar Morin (2000, p. 105 - 115), em PDF e impresso. – em casa ou nas aulas de Estudo Dirigido.	*Online* e/ou *off-line*	27/04/2023

3º momento: Estudo em grupo ✓ Formação dos grupos, sorteio dos subtemas: sobre "A ética do gênero humano". ✓ Realização de leitura e estudo em grupo para socialização em roda de conversa. ✓ Cada grupo destaca suas dúvidas e as ideias principais do texto de Morin, acerca da "Ética do gênero humano", individualmente ou coletivamente.	**Aula 2** 10 minutos para organização e 40 minutos para estudo nos grupos.	11/05/2023
4º momento: "Café com Filosofia"/Roda de conversa ✓ Socialização do pensamento de Edgar Morin e de possíveis estratégias para construção da ética no século XXI na roda de conversa denominada de "Café com Filosofia".	**Aula 3 e 4** 90 minutos, sendo 10 minutos em média por grupo (sete no total).	19/05/2023
5º momento: Envio da Avaliação via formulário do *Google forms*	*On-line*	26/05/2023 a 30/06/2023

Fonte: Construído pela autora a partir do Plano de Ensino (2023).

Para contribuir com a reflexão a respeito da ética do gênero humano, iniciamos antes do estudo do texto de Morin (2000) com dois dilemas, sendo um por meio de um questionamento e o outro com a utilização de quadrinhos do Calvin e Hobbes; e, por último, um questionamento conforme descritos a seguir:

1) Dilema "É justo exigirmos que as pessoas 'carentes' sejam protagonistas de seus destinos?". (BARCAT, 2012).
2) Quadrinhos do Calvin e Hobbes para reflexão e debate:



COLAR NA PROVA. Seja a exceção: Calvin e Hobbes. Publicado em 13/11/2013. Disponível em: https://sejaaexcecao.blogspot.com/2013/11/calvin-e-hobbes-colar-na-prova.html Acesso em: 23 Fev. 2023.

SANTOS, Nivaldo R. **Ética cristã.** Aula 01**.** Publicado: 08/06/2015. Disponível em: https://pt.slideshare.net/NRSAO/tica-crist-aula-01#7. Acesso em: 23 Fev. 2023.

3) Questionamento: “Quais ações e atitudes precisamos ter para viver mais e melhor?”.

As imagens foram projetadas em *slides*. A partir de então, começamos a aula expositiva dialogada, na qual o/a estudante leu o dilema e juntos foram apresentando seus argumentos. O dilema ético gerou uma discussão bem interessante porque uns/umas diziam que sim e outros que não. Entretanto, as argumentações de fato é que fizeram a diferença, pois alguns/algumas mudaram de opinião e outros/outras reafirmaram ainda mais o seu posicionamento enquanto a professora ia mediando essa discussão que durou cerca de 20 minutos da aula.

Outro ponto interessante, foi que o debate levou para questões sobre o contexto que viviam, como por exemplo, a palavra “carente” foi relacionado com a carência relativa a conhecimento/informação e recursos financeiros/políticos.

Outra reflexão menos acalorada, porém interessante, foi com relação ao dilema ético de Calvin, a respeito do colar ou não na prova, que levou os/as estudantes a pensarem suas atitudes na escola, mas também fora dela, partindo das questões morais e dos princípios éticos. Os/as estudantes chegaram à conclusão que ser ético não é tarefa fácil devido aos dilemas que a vida nos proporciona. Mas é possível escolher, entre as possibilidades, aquelas que não prejudicam os outros ou a natureza, nos responsabilizando pela consequência de nossas escolhas.

Com os questionamentos, fechamos os debates e as reflexões da primeira aula sobre o tema ética em sala. Assim, o/a estudante foi orientado/a acerca da organização da turma em grupo e do desenvolvimento do estudo do texto de Morin (2000) sobre o tema “A ética do gênero humano”.

Já em grupos de até 7 (sete) pessoas, os/as estudantes realizaram o estudo do texto, que foi disponibilizado impresso e em PDF no grupo de *WhatsApp* para leitura individual ou em grupo, conforme a autonomia do/a estudante, que ficou responsável por ler todo o texto a respeito do tema "A ética do gênero humano", como melhor o/a conviesse, fosse individualmente ou em grupo, em sala na aula de estudo dirigido ou em casa.

Tendo vivenciado o primeiro momento em sala e o segundo momento que foi a leitura do texto a critério do estudante, entra em cena o terceiro momento que corresponde ao estudo em grupo, sorteio dos subtemas, pesquisar outros textos, destaque dos pontos considerados relevantes bem como tirar as dúvidas com o/a professor/a.

Durante esse processo, foi perceptível a discussão nos grupos, o levantamento de dúvidas, a necessidade de buscar respostas para elas. Foi possível perceber o movimento dos grupos, o envolvimento de uns/umas e a dispersão de outros/as. Mas essa dispersão de alguns/mas estudantes não serve de base para julgar que não estão aprendendo, pois no dia da socialização houve meninos e meninas que conseguiram socializar seus argumentos e pontos de vistas com desenvoltura.

A etapa mais difícil para o/a professor/a é justamente essa do estudo em grupo na sala de aula, pois requer que o/a estudante fique à vontade para ler, discutir, pesquisar e falar de igual para igual. Isso parece indisciplina e dispersão quando o/a estudante ou seu grupo sai da sala para ir ao pátio ou biblioteca onde estão os livros e a internet está mais disponível. É nessa fase que o/a professor/a passa em cada grupo verificando suas dúvidas.

O quarto momento, consideramos o mais importante e interessante, pois é nele em que ouvimos uns aos outros, onde todos têm a oportunidade de falar. Para este momento, foram reservadas as duas últimas aulas do dia, na qual houve a troca da aula de Filosofia por duas aulas de Estudo Dirigido. Isso porque, durante o recreio, foi possível organizar o café/lanche e a sala com todas as bancas em círculo, para que a roda de conversa fluísse com maior aproveitamento e visualização por todos/as os/as presentes, inclusive com a participação da coordenadora pedagógica, da gestora, da professora de Estudo Dirigido, da professora de Filosofia e do professor de Sociologia.

Ao iniciar a roda de conversa no "Café com Filosofia", a professora apresentou apenas o tema e o filósofo em estudo; em seguida, os grupos deram início à conversação na qual o primeiro grupo iniciou falando do conceito de ética e de moral, considerando a condição humana que envolve os três termos indivíduo/sociedade/espécie. Em consulta à *internet*, o/a Estudante 18 do 3º ano A de 2023 apresentou uma frase de Oscar Wilde que diz: "Chamamos de ética o conjunto das coisas que fazemos quando alguém está olhando.

E o conjunto das coisas que as pessoas fazem quando ninguém está olhando é chamado de caráter"[15].

Este mesmo grupo, ainda por meio da voz do/a Estudante 11 do 3º ano A de 2023, acrescentou as três questões da vida como: "quero", "posso", "devo", com base no pensamento de Mário Sérgio Cortella com a seguinte frase: "Tem coisas que eu quero, mas não devo, tem coisas que eu devo, mas não posso e tem coisas que eu posso, mas não devo"[16]. Para este grupo, a ética está ligada às ações e ao comportamento humano. A filosofia moral e o estudo da ética são os princípios que orientam as ações humanas e a capacidade de avaliar essas ações.

O/a Estudante 11 do 3º ano A 2023 comentou sobre o querer, o poder e o dever relacionados à ética ou à falta de ética, questões que devem fazer parte da vida e das aprendizagens de cada pessoa. Porém, parte da sociedade não tem certo ensinamento porque a ética está relacionada ao ensinamento da própria cultura e está presente nos atos, que se tornam hábitos. E estes se farão presentes no profissional, na existência e na vida.

Continuando a reflexão do/a Estudante 13 do 3º ano A 2023, o grupo, com base no pensamento de Aristóteles, disse que os valores universais como a solidariedade, a honestidade, a responsabilidade e o respeito também entram no contexto da ética, dos atos e dos hábitos. Para isso, citaram como exemplo de ética: assumir as consequências de seus atos ou erros que pode contribuir para melhorar o convívio em sociedade ou no lugar onde se vive. E com base no pensamento de Morin, afirmaram que há a necessidade de se assumir os atos e as consequências, ou melhor, fazer escolhas e assumir os riscos dos desvios, com base nessas escolhas.

Para concluir suas falas, um/uma dos/as integrantes do grupo lembrou um pensamento de Aristóteles sobre a virtude moral, que é adquirida como resultado do hábito, pois de acordo com a interpretação dos/as componentes do grupo, Aristóteles afirma que "nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza, visto que nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito humano"[17]. Então, exemplificaram isso com outro

[15] Frase online de Oscar Wilde. Disponível em: https://www.frasesonline.com.br/frase/44954-chamamos-de-etica-o-conjunto-de-coisas.html. Acesso: 19 Mai. 2023.
[16] Frase de Mário Sergio Cortella. **Pensador:** Dilemas éticos. Disponível em: https://www.pensador.com/frase/MjY1Njg5Mw/. Acesso: 19 Mai. 2023.
[17] Frase de Aristóteles. **Provalore**: Princípios, valores e virtudes. Disponível em: https://www.provalore.com.br/principios-valores-e-virtudes. Acesso: 19 Mai. 2023.

pensamento aristotélico, que afirma: “pensamentos viram ações, ações viram atos, atos viram hábitos e hábitos formam o caráter”[18].

O segundo grupo focou no mesmo subtema do primeiro. Iniciou questionando o que é a antropoética? Esperaram que os/as colegas respondessem e acrescentaram que, de acordo com Morin (2000), a antropoética é o mesmo que ética do gênero humano, e que o ser humano é produto de uma tríade indivisível, conforme o/a colega do primeiro grupo citou.

Esse conceito de antropoética lançado no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* por um antropólogo, sociólogo, filósofo, é atribuído como o sétimo saber para educação, citou uma das estudantes do grupo.

E o/a Estudante 20 do 3º ano A de 2023 lembrou que como antropólogo, Morin busca estudar e entender a sociedade, suas culturas, suas relações com outros seres humanos e, nesse sentido, tece a antropologia como humanidade da humanidade para descrever a filosofia do convívio social, ou seja, a habilidade de um ajudar o outro e de todos os indivíduos se relacionarem por igual.

Esse pensamento é complementado por outro/a estudante, Estudante 10 do 3º ano A de 2023, que afirmou que a prática da ética não é tão simples como pensamos e citou a frase do poeta gentileza que diz: “gentileza gera gentileza”. Associando este pensamento à física, em relação a afirmação de que “para toda ação há uma reação”. Concluiu afirmando que seria bom se todos pensassem e agissem assim, mas nada é perfeito, pois o próprio poeta gentileza era, por vezes, machista, racista, preconceituoso e um pouco maluco (discurso baseado no texto de Savian Filho, 2016, p. 262-264).

Nesse sentido, continuando com o exemplo do poeta gentileza, o/a estudante destaca que havia coisas controversas entre ação e reação, entre as palavras e as ações, assim como vemos em nossa sociedade porque a reação não depende apenas de quem age, mas do outro. Assim, é a prática da ética, espera-se do outro a mesma atitude ética, porém, nem sempre isso vai acontecer. A prática da ética está presente no meu fazer, na minha ação e na reação do outro e tem relação com a ética, a moral, a cidadania, a política a religião, ou melhor, com a cultura que estamos inseridos/as.

O/a Estudante 43 do 3º ano A de 2023 exemplificou a prática da ética e da moral partindo da vontade, dos atos e do hábito, comparando a necessidade fisiológica de repetir

[18] Tradução do pensamento filosófico de Aristotéles. Presente no livro de SAVIAN FIHO, Juvenal. **Filosofias e Filosofias**: existência e sentidos. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016. Página 265.

os mesmos atos por um tempo de mais de 60 (sessenta) dias para que estes se transformem em hábito e o corpo comece a executar facilmente por já estar na rotina.

Então o/a Estudante 43 do 3º ano A de 2023 disse que assistiu a um *podcast* sobre o assunto e fez a comparação da prática da ética ao treino de cárdio, que é mais fácil ser realizado por quem já tem o hábito do que por alguém que está iniciando. Para quem está iniciando é um sacrifício, mas para quem tem o hábito não fazer aquela atividade é que deixa mal. Ele/a concluiu dizendo que "com a ética não é tão diferente, pois o caráter da pessoa é construído por atos repetidos, que se tornam hábitos".

Na fala dos/das estudantes é possível perceber que recorrem a filósofos/as, como Aristóteles para entender a ética pensada por Morin que emerge propriamente do espírito humano e que se realiza na prática constante por cada indivíduo que é, ao mesmo tempo, indivíduo/sociedade/espécie.

O terceiro grupo teve certa dificuldade para falar espontaneamente e, por isso, iniciou suas colocações sobre o subtema "O circuito indivíduo/sociedade: ensinar a democracia" partindo do questionamento: O que é democracia? Na sequência, fazendo uma leitura responderam que: "a democracia é um regime político, uma forma de participação em que o indivíduo e a sociedade tomam suas decisões. As sociedades democráticas devem agir com liberdade, onde pessoas têm o poder ou direito político igualitário. Assim, o poder supremo do outro cidadão comporta as limitações impostas a si mesmas, sendo que necessita da concordância de todos" (Estudante 5, do 3º ano A de 2023). E trazendo o pensamento de Morin (2000, p. 108), o/a Estudante 27 do 3º ano A de 2023 continuou lendo a citação:

> Desse modo, exigindo ao mesmo tempo consenso, diversidade e conflituosidade, a democracia é um sistema complexo de organização e de civilização políticas que nutre e se nutre da autonomia de espirito dos indivíduos, da sua liberdade de opinião e de expressão, do seu civismo *(o que no caso, o civismo é o cidadão*) que nutre e se nutrem do ideal de liberdade, igualdade e fraternidade, o qual comporta uma conflituosidade criadora entre esses três termos inseparáveis.

O/a Estudante 27 do 3º ano A de 2023 acrescentou afirmando que: "esses três termos representam sobre o saber lidar com as incertezas e saber compreender a opinião da outra pessoa, também esses três termos consistem da união entre os homens, que estão fundados sobre a igualdade de direitos de todos os seres humanos".

O/a mesma/a continuou dizendo que: "a democracia é um regime político em que os cidadãos, no aspecto dos direitos políticos, participam igualmente". E leu a citação: "A democracia constitui, portanto, um sistema complexo, no sentido de que vive de

pluralidades, concorrências e antagonismos, permanecendo como comunidade" (Morin, 2000, p. 108). E continuou dizendo: "Antagonismo representa a rivalidade entre as pessoas ou sistemas, já a concorrência representa a competição com outra pessoa sobre alguma coisa".

Em seguida, o/a Estudante 6 do 3º ano A de 2023, afirmou que "a democracia está associada ao direito dos cidadãos e ao que se refere a soberania popular e direitos humanos, além da divisão dos três poderes que são: executivo, legislativo e judiciário.

Mesmo não tendo sido uma fala espontânea, o grupo buscou a compreensão do texto de Morin, os pontos relevantes de seu pensamento em relação a democracia, buscando também outras fontes para assim refletir, por meio da leitura, com as/os colegas de turma os seus entendimentos sobre a democracia e sua relação com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, unindo esses três termos à complexidade humana da vida em sociedade, em comunidade e em suas individualidades, onde reside os antagonismos e concorrências, bem como a necessidade do civismo.

O quarto grupo iniciou sua fala sobre a "dialógica democrática" dizendo que: "estamos vivenciando um novo contexto da redemocratização do Brasil, que se iniciou desde o movimento das "diretas Já" na década de 80. Por um lado, a sociedade civil organizada, através dos movimentos sociais, organizações não-governamentais, associação de bairros, movimentos populares que participaram de uma forma mais direta na gestão da coisa pública, seja ela municipal, estadual ou nacional e no âmbito do poder legislativo e do executivo. As alternativas de participação democrática dentro do modelo atual de representatividade foram lembradas pelo/a Estudante 42 do 3º ano A de 2023, partindo do exemplo das mobilizações ocorridas no mês de junho de 2013, conhecidas como "Jornadas de junho", ocorridas em nossa sociedade, de uma forma raramente vista no atual contexto da nossa democracia, levando às ruas todas as insatisfações e indignações contra a forma como as decisões políticas vêm sendo elaboradas ao longo de décadas.

Este grupo dividiu sua apresentação fazendo um paralelo entre a democracia antiga e contemporânea, questionando se ela evoluiu ou regrediu. Para isso, abordaram exemplos que dá para afirmar onde ela regrediu ou evoluiu. O/a Estudante 31 do 3º ano A de 2023 iniciou questionando: "A democracia regrediu ou evoluiu?". De acordo com as exemplificações do grupo, deu para entender que ela evoluiu em alguns aspectos e outros não. Com relação à democracia antiga, teve evolução à medida que o cidadão com 16 ou 18 anos têm direito ao voto, independente da raça, credo ou condição social. Um/uma estudante afirmou que: "Antigamente, como todos sabem, só homens poderiam votar, e

homens ricos (que tinham propriedades), não eram todos os homens. Então a gente evoluiu em relação a isso" (Estudante 31 do 3º ano A de 2023). E conclui sua fala dizendo que quando se fala em corrupção há uma regressão. Quando há corrupção política, mau investimento na saúde e na educação, há regressão democrática.

O/a Estudante 32 do 3º ano A de 2023 acrescentou dando exemplo de como ocorre a regressão democrática e onde isso interfere, citando, então, os benefícios e os prejuízos sofridos na educação e na saúde. Como exemplo, citou O Sistema Único de Saúde – SUS como sendo um grande investimento, evolução e conquista democrática. Porém, quando não há um bom investimento em hospitais e projetos que melhorem a assistência à saúde, demonstrando que quando isso não ocorre, a saúde é negligenciada. Com relação à educação, trouxeram o exemplo da educação de Pernambuco, com várias escolas integrais, formando uma grande estrutura; porém, se não houver um bom investimento para manter os/as alunos/as na escola, valorização dos/as professores/as, ou seja, se não houver um bom investimento, não há evolução. Afirmou ainda que não há evolução quando se leva em consideração os resultados das notas das avaliações externas como SAEPE (Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco) e SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica).

O grupo lembrou ainda que não basta investir na educação integral crescendo apenas o número de escolas e os resultados dessas avaliações mostrarem a regressão em relação as notas. Esses resultados negativos interferem nas várias áreas e setores da sociedade, onde o/a jovem vai atuar quando sair da escola e seguir para o mercado de trabalho ou se for abrir seu próprio negócio ou ir para a universidade.

O/a Estudante 4 do 3º ano A de 2023, fala sobre a ética política e a ética cidadã, fazendo uma ponte entre a Filosofia e a Sociologia. Segundo ele/a o conceito de cidadania e Direitos Humanos estão presentes na Filosofia e Sociologia e diz que: "Não tem como falar de Filosofia sem falar de Sociologia porque, querendo ou não, o homem é um ser sociável". Para sua reflexão, traz o filósofo Étiene Balibar e a filósofa Hannah Arendt.

Iniciando sua fala, o/a Estudante 4 do 3º ano A de 2023 diz que: "Étiene Balibar elaborou o conceito de cosmopolítica e cosmocidadania, ou seja, cosmo e ética fazem certa relação"[19]. Em sua interpretação, ela quis dizer que Balibar, na elaboração de seus conceitos afirma que: "a cidadania diz respeito a algo que vai além de uma entidade, dada

[19] Étienne Balibar, pensador que repensa o conceito de cidadania e ética no texto Ética Cidadania e Direitos Humanos, presente no livro de SAVIAN FIHO, Juvenal. **Filosofias e Filosofias**: existência e sentidos. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016. Página 274-276.

pela natureza, pelo território e costumes aparentemente ancestrais, passando a ser percebido como atividade participativa pelos quais os indivíduos em função com seus direitos dos novos desafios que a vida apresenta, ou seja, o ser humano se desenvolve com base naquilo que é exposto".

Considerando ainda a sua interpretação, o/a Estudante 4 do 3º ano A de 2023 explica que: "O que Balibar quer dizer é que nós não devemos estar presos ao que a natureza, o costume, o território por si só impõem. Devemos estar preparados para conseguir se desenvolver com base naquelas situações que aparecer, ou seja, ser capaz de observar, analisar e agir".

É aí que o/a estudante se lembra da questão do caráter e práticas éticas nos atos sociais já citados pelos/as colegas. E continua sua reflexão seguindo o pensamento de Balibar sobre a identidade que não se escolhe simplesmente. Assim, o/a Estudante 4 do 3º ano A de 2023 continua afirmando que o filósofo Balibar "chama a atenção para a inegável possibilidade de mesclar identidade e inserir, num processo continuo, novos sentidos a própria existência e a existência das instituições sociais. Querendo ou não, nossa sociedade é regida por instituições sociais que, por sua vez, é regida por um governo federal. Querendo ou não, nossa sociedade está regredindo por ações do governo e por ações e atitudes nossas".

O/a mesmo/a estudante continua seu discurso falando sobre a regressão da democracia e, nesse momento, citou a filósofa Hannah Arendt, que escreveu os livros *A condição humana* e *A lei do totatalitarismo*. A escolha se deu porque achou interessante a fala de Arendt relacionada ao que o grupo estava debatendo que é a questão da democracia. Assim, afirmou, se baseando na filósofa: "A ação cotidiana dos indivíduos, grupos e governos podem ser tão destrutivas quantos esses 'horrores'". E explicou: "O que seriam esses horrores? 'Guerras e desastres ambientais', aqueles que mais matam pessoas. As ações humanas conseguem ser mais desastrosas que os próprios desastres que acontecem... A humanidade chegou ao ponto que pode destruir a si mesma e a vida do planeta, mesmo sem guerra".

Este grupo buscou refletir sobre o pensamento de Morin (2000) que apresenta a noção de democracia inacabada, com lacunas, evolução e regressão, partindo de exemplos nacionais, filósofos/as e sociólogos/as que também tratam sobre o assunto. Foi um grupo que, de maneira espontânea, falou da democracia nacional como algo inacabado, como processo que depende da ação de indivíduos, grupos e governos, que podem levar a evolução ou regressão da democracia.

No entanto, esqueceu de enfatizar que a *cosmopolítica* e *cosmocidadania* de Étienne Balibar se articulam com o pensamento de Edgar Morin (2000) a respeito da necessidade da antropoética na era planetária. Quando Balibar se refere "À cosmopolítica, assim, ou a cosmocidadania, erguendo o olhar dos indivíduos para as dimensões planetárias da vida atual, permitiria observar e unir o que há de universal nos seres humanos [...] com o que cada indivíduo tem em particular" (Savian Filho, 2016, p. 274). E Morin (2000, p. 106) afirma que: "A antropo-ética supõe a decisão consciente e esclarecida de: assumir a condição humana indivíduo/sociedade/espécie na complexidade do nosso ser; alcançar a humanidade em nós mesmos em nossa consciência pessoal; assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude".

O quinto grupo iniciou falando sobre a visão de Morin em relação *À ética do gênero humano*. Nesse sentido, o/a Estudante 34 do 3º ano A de 2023 apresentou o pensamento de Edgar Morin (2000) dizendo: "Para ele "a ética não deve ser ensinada aos seres humanos como lição de moral", não deveria partir da outra pessoa, dizendo que tem que fazer isso ou aquilo. Mas tem que partir da própria consciência de que ele é indivíduo, parte da sociedade e parte da espécie, que parte de algo, e por isso não vai querer prejudicar a si ou o/a outro/a, não vou querer contrair ou fazer algo prejudicial. Mas de acordo com a Estudante 34 do 3º ano A de 2023, "isso não é o que vemos na nossa sociedade". E acrescenta: "que fazemos parte das coisas que prejudicam a própria espécie, a própria sociedade e o próprio convívio. Porém, para a democracia ter futuro, a gente precisa muito da ética. E cada pessoa deve pensar no outro. A gente como sociedade civil, os políticos e as entidades maiores".

Essa reflexão do/a estudante, se refere ao pensamento de Morin (2000) de que somos a única espécie que prejudica a própria espécie e sua casa comum, quando produzimos toneladas de lixo, por exemplo, fabricamos armas e promovemos as guerras. Ou seja, prejudicamos nosso planeta, o outro e a si mesmo.

Continuando, o grupo disse que a democracia está cada vez mais excludente. Então o/a Estudante 25 do 3º ano de A de 2023 perguntou: "O porquê dela se tornar cada vez mais excludente? Por falta de prática da antropo-ética. Se a sociedade praticasse a antropo-ética, a sua exclusão não seria um problema tão abrangente. Sendo que o termo se refere ao indivíduo ter consciência do que ele é e do que ele faz parte".

O/a Estudante 36 do 3º ano A de 2023 desse mesmo grupo relacionou o problema da exclusão ao problema da falta de conhecimento dos cidadãos e à hiperespecialização ligada à democracia. Em sua fala ele/a disse: "O cidadão não reconhece o poder que ele

tem de atuar na democracia. Mas além de não reconhecerem esse poder, não vão atrás de conhecimento dentro do meio político. Limitam o saber deles e, nessa limitação, é onde entra a hiperespecialização, que são pessoas superespecialista em certas áreas". O que esse/a estudante quis dizer é que enquanto a maioria dos cidadãos/ãs limitam seu poder por não possuírem ou não buscar o conhecimento, outro grupo de cidadão em número menor pode buscar o conhecimento a ponto de chegar a hiperespecialização.

Para explicar o contexto da hiperespecialização, o/a estudante ressalta a especialização em demasia no meio político que é inerente a poucos e os/as cidadãos, em sua maioria, com esse conhecimento político reduzido, acabam confiando os seus interesses a pessoas hiperespecializadas que deixam o cidadão comum cada vez mais de lado. O/a Estudante 36 do 3º ano A de 2023 acrescentou que: "Ao invés dessas pessoas hiperespecialistas atenderem as necessidades dos cidadãos, elas se tornam cada vez mais egoístas. E é aí onde entra a questão da falta de civismo. O civismo é quando pessoas que estão lá em cima atendem as necessidades dos cidadãos".

O/a Estudante 38 do 3º ano A de 2023 fez a leitura de dois trechinhos sobre o saber que se refere *A ética do gênero humano*, proposto por Morin (2000), para ressaltar a necessidade da regeneração da democracia, do civismo e da solidariedade, quando os cidadãos são expulsos do campo político, quando o político está reduzido ao técnico, ao econômico e a sociedade dividida em quem detém o conhecimento e os que não têm. Para Morin (2000, p. 112):

> Nessas condições, impõe-se as sociedades reputadas como democráticas com necessidade de regenerar a democracia, enquanto, grande parte do mundo, se apresenta o problema de gerar democracia ao mesmo tempo a necessidade planetária que reclama gerar nova possibilidade democrática nessa escala.
> A regeneração democrática supõe a regeneração do civismo, a regeneração do civismo supõe a regeneração da solidariedade e da responsabilidade, ou seja, o desenvolvimento da antropo-ética.

O que entendemos com a citação de Morin, abordada pelo grupo, é que não basta uma sociedade ser democrática apenas politicamente, de maneira formal; é preciso que seus cidadãos tenham voz, que nela esteja presente a antropoética, ou seja, a solidariedade, o respeito, a responsabilidade, o civismo, a igualdade, a solidariedade e a fraternidade.

Esse grupo também abordou a questão da exclusão por meio da fala do/a Estudante 34 do 3º ano A de 2023, quando disse que achou bem interessante o pensamento de Morin que relaciona a exclusão de parte da sociedade com a questão da superespecialização. Por ser um dos fatores que fazem com que os indivíduos e cidadãos sejam excluídos como parte da sociedade. Então, exemplificou: "Porque para você conseguir algo nessa sociedade, você

precisa ser muito especializado em determinada área e, quem não é, é excluído. Por exemplo: um político em época de eleição chega com pouco conhecimento e outro com muito conhecimento e com o dom de falar (domínio da linguagem política), propõe coisas boas. Quem vai vencer? Quem for mais especialista nessa questão. A gente tem o poder nas mãos, tem o direito de participar do meio político, porém, se a gente der a nossa opinião, pode ser que não vá adiantar muita coisa, porque quem vai decidir não somos nós, são as autoridades maiores, porque eles têm um conhecimento maior. Só que Edgar Morin fala que o conhecimento não deve ficar fechado em determinada área" (Estudante 34 do 3º ano A de 2023).

E continua sua fala dizendo que: "Seria errado dizer que a geografia não tem nada a ver com a história e não tem nada a ver com a biologia; que a medicina não tem nada a ver com a matemática; seria errado dizer que matemática não tem nada a ver com português. Porque a gente vê que precisa de Português sim para ajudar na interpretação. Então, se eu fecho meu conhecimento só para aquilo, eu não posso me relacionar com outra coisa ou desenvolver e solucionar outra coisa que não tem a ver com o meu conhecimento. Então, ele (Morin) diz que, nas escolas, não é para deixar de ensinar as disciplinas, porque elas não deixam de ser importantes. Mas abrangê-las mais" (Estudante 34 do 3º ano A de 2023).

Esse/a mesmo/a estudante do grupo acrescentou que os conhecimentos são resultados de atos e feitos históricos. Como exemplo, citou a biologia que uniu fatos observados e estudados que envolvem conhecimentos de outras áreas para chegar ao patamar que se encontra hoje. E, concordando com Morin, ele/a disse que o conhecimento não deve se limitar para esta ou aquela área porque entra na questão da hiperespecialização.

O/a Estudante 34 do 3º ano A de 2023 lembrou que: "A hiperespecialização leva a gente a se concentrar tanto em uma coisa que quando chega uma nova coisa, a gente até se distancia. A gente é limitada a certas coisas; a gente tem o direito ao conhecimento, mas às vezes, não damos importância ao conhecimento e às nossas opiniões. Então, isso gera a exclusão".

Para ele/a, essa exclusão pode ser provocada porque escolhemos um conhecimento em detrimento de outro e/ou por parte dos políticos que nos representam, porque estes não falam tudo que fazem, nem fazem tudo que falam.

Essa questão será retomada mais à frente por outro/a colega que também vai tratar da hiperespecialização que compromete o futuro da cidadania. Entretanto, os/as colegas do grupo continuaram falando do conhecimento como algo que nos aprisiona, se fechado em

si mesmo; mas que pode nos libertar à medida que ele pode ser comparado à felicidade, como afirma Aristóteles.

O/a Estudante 36 do 3º ano A de 2023 apresentou a visão de Aristóteles sobre ética, na qual: "A ética é igual à felicidade, pois o sentido da vida do ser humano, ao longo da vida, é buscar, encontrar a felicidade. Qualquer circunstância da vida dele é encontrar felicidade. Mas a felicidade na qual se refere não é aquela que, por exemplo, se realiza ao conseguir 'fazer a viagem dos meus sonhos', ou 'realizei um sonho meu' e encontrei a felicidade. Não é essa felicidade que ele se refere. A felicidade que ele se refere é o conhecimento que todas as pessoas deveriam buscar; com o conhecimento elas alcançam o verdadeiro sentido da felicidade".

Continuando, ele/a citou uma frase de Aristóteles que diz: "'Nenhum homem nasce ético ou justo, é preciso aprender a ser ético e virtuoso'. Ele falava também que via as crianças como seres que não têm felicidade, porque as crianças não têm entendimento e conhecimento sobre a vida. E sim que os idosos são pessoas que são mais felizes porque eles têm uma bagagem maior da vida, têm mais conhecimento"[20].

E concluiu dizendo: "Então, a visão de Aristóteles sobre a ética é que ética é igual a felicidade e, felicidade é igual a conhecimento. E quando a pessoa tem conhecimento ela encontra a felicidade".

Diante dessas falas, a coordenadora pedagógica da escola que estava participando da roda de conversas, lembrou um trecho bíblico: "'Meu povo perece por falta de conhecimento', para relembrar a importância do conhecimento e a questão da hiperespecialização em que as pessoas que detém do conhecimento dominam as que não têm e estas perecem. Quando na verdade, adquirir conhecimento é um direito de todos/as e que todos/as deveriam alcançar. Mas por uns adquirirem e outros não, aqueles que não adquiriram tornam-se escravos dos que adquiriram e aí entra a limitação, a divisão em classe dominante e classe dominada".

O/a Estudante 2 do 3º ano A de 2023 do sexto grupo, junto com seus/suas colegas, desenvolveu sua apresentação sobre o futuro da democracia apresentando o conceito de cidadania, dizendo que esta é fundamental para termos a democracia. Então, pergunta o que é cidadania? A esta questão, o/a Estudante 16 do 3º ano A de 2023 respondeu dizendo que: "Cidadania quer dizer qualidade de vida do cidadão, como o direito e o dever exercido por um indivíduo que vive na sociedade. Ser cidadão é ter direito à saúde, à vida, à liberdade e igualdade perante a lei e também incluindo deveres do cidadão que é votar, escolher os

[20] Pensamento filosófico de Aristóteles disponível em: https://filosofianaescola.com/moral/felicidade-e-virtude-segundo-aristoteles/ Acesso 19 Mai. 2023.

governantes, cumprir as leis, proteger a natureza, respeitar os direitos sociais de outras pessoas"[21].

Depois de socializada a definição de cidadania, o/a Estudante 37 do 3º ano A de 2023 acrescentou um breve lembrete de que a ideia de democracia representativa surgiu com a divisão dos poderes que são: o poder legislativo, o poder executivo e o poder judiciário. Já citado anteriormente por uma colega de outro grupo. Enquanto na democracia direta, se exerce o poder diretamente, não por meio de representantes. No caso da nossa nação estão presentes os três poderes e neles estão as pessoas que escolhemos por meio do voto.

Retomando a questão da hiperespecialização para reflexão do futuro da democracia na perspectiva de Morin, o/a Estudante 35 do 3º ano A de 2023 disse o seguinte: "A hiperespecialização: em ciência ou qualquer outro campo da educação, o resultado que a excessiva especialização no ensino e nas profissões produz é um ensino incapaz de produzir uma visão global da realidade, uma inteligência cega. Tudo está interligado a todas as áreas do conhecimento humano. Hoje, graças ao tecnicismo e à evolução das ciências, alcançamos conhecimentos disponíveis em todas as áreas do conhecimento".

Contudo, o/a Estudante 35 do 3º ano A de 2023 ressaltou que: "O generalismo, uma prática cada vez mais difícil e a especialização é cada vez mais específica e com muitos desafios. Nos dias atuais, não temos tempo, energia e nem capacidade intelectual suficientes para tentar acompanhar os novos avanços científicos em uma determinada área, quanto mais em diversas áreas ao mesmo tempo. O problema é que a superespecializacão acaba nossa visão de que podemos tornar um mundo melhor".

O/a Estudante 2 do 3º ano A de 2023 explicou como Morin traduz a hiperespecialização e como esta está relacionada ao futuro da democracia. Para isso, ele/a leu o seguinte trecho do texto de Morin (2000, p. 110-111):

> A democracia do século XXI será cada vez mais confrontadas ao gigantesco problema do desenvolvimento da enorme máquina em que a ciência técnica e burocracia então intimamente associada. Essa enorme máquina não produz somente conhecimento e elucidação, mas também ignorância e cegueira.

Com esse trecho do texto, o/a Estudante 2 do 3º ano A de 2023 afirmou que Morin não apoia a hiperespecialização, que ela faz esquecer outras áreas e exemplifica dizendo que: "A matemática precisa da biologia, a biologia precisa da química, que precisa da física. Tudo isso vem trazendo um ao outro".

[21] Conceito retirado do livro "A história da cidadania" presente na biblioteca da escola.

E continua explicando que: “Morin traz isso, o fato, mostrando que a hiperespecialização torna-se algo mais esotérico. O que é esotérico? É o acesso apenas para o especialista, também é anônima, é concentrado nos bancos de dados, por instâncias anônimas, a começar pelo Estado, ou seja, tudo isso começa no Estado, é aí que a gente entra com o futuro da democracia. O futuro da democracia tá muito ligado na hiperespecialização. Exemplo: um político que se especializou fora do país (Haward por exemplo)”.

O/a Estudante 2 do 3º ano A de 2023 trouxe o seguinte questionamento para a turma: “Você acha que uma pessoa que se especializou em Haward não é uma pessoa *top*? A gente vai pensar assim, quem está abaixo pensa assim. E é isso que traz essa especialização, tira a democracia. Morin fala que: ‘Quanto mais a política se torna técnica, mais a competência democrática regride’. Por que o que é democracia? A democracia é o direito de todo/as que têm a cidadania que é justamente isso, a democracia. Então, a gente tem direito para todos/as e todos/as têm direito de votar, todos/as têm direito e deveres na sociedade e isso de acordo com o artigo 5 da Constituição Brasileira, que traz a igualdade a todos/as. E na democracia, a gente tem isso”.

Continuou: “Agora, a hiperespecialização, ela traz uma diferença. Os cidadãos são expulsos do campo político, que é cada vez mais dominado pelos *‘experts’*. E o domínio da nova classe. Essa nova classe será a sociedade especializada que está lá em cima e os ignorantes são os cidadãos, a outra classe. A população, por não ter uma hiperespecialização, será chamada de ignorante pelos *‘experts’* e isso impede a democratização do conhecimento, ou seja, a vida democrática se enfraquece e o futuro é uma democracia enfraquecida”.

O que ficou bem discutido nos grupos a respeito do circuito indivíduo/sociedade é que o ensino da democracia passa pela antropoética, ou ainda, pela ética do homem e da mulher que precisam ser pensados no contexto da comunidade, da nação em que estamos inseridos. Nesse sentido, os/as estudantes procuraram discutir bem o conceito de democracia segundo Morin e de acordo com o próprio contexto da democracia brasileira, que necessita de regeneração.

Continuando o “Café com Filosofia”, tivemos a reflexão acerca do circuito indivíduo/espécie em que Morin propõe ensinar a cidadania terrestre. Nesse sentido, os/as estudantes do sétimo grupo realizaram a leitura de trechos do texto de Morin e buscaram apresentar suas interpretações.

O/a Estudante 26 3º ano A de 2023 fez a leitura de um trechinho do texto de Morin (2000, p. 113) que diz:

> A ligação ética do indivíduo a espécie humana foi afirmada desde as civilizações da antiguidade. Foi o autor latino Terêncio do século II antes da era cristã, dizia por intermédio de um dos personagens do O homem que a si mesmo castiga: 'Sou homem e nada do que é humano me é estranho'.
> Esta antro-poética foi recoberta e obscurecida, minimizada pelas éticas culturais diversas e fechadas, mas não deixou de ser mantida nas grandes religiões universalistas e de ressurgir nas éticas universalistas, no humanismo, nos direitos do homem, no Imperativo kantiano.

E explicou dizendo que: "Isso retrata como ensinar a conviver na sociedade de hoje em dia, porque as pessoas normalizam, naturalizam as coisas. As pessoas estão indiferentes, frias diante de questões humanas como a violência, homofobia, machismo, feminicídio, fome, guerra, política e educação. Em questão de tudo. A frase "Sou homem e nada do que é humano me é estranho" retrata que para muitas pessoas, nada mais é estranho".

Nesse discurso, o/a estudante pegou a frase destacada para dizer que precisamos resgatar a ética e estranhar ou desnaturalizar atitudes destrutivas do ser humano, resgatar o Imperativo kantiano. O/a Estudante 15 3º ano A de 2023 do grupo sétimo trouxe essa reflexão, quando leu que*:* "Kant já dizia que a finitude geográfica de nossa terra impõe a seus habitantes o princípio da hospitalidade universal" (Morin, 2000, p. 113).

O/a Estudante 15 3º ano A de 2023 destacou o pensamento de Morin, citando Kant acerca da finitude da Terra, demonstrando que, geograficamente, habitamos o mesmo planeta que é finito, ou melhor, seus recursos são finitos, exigindo de nós a máxima kantiana. O Imperativo kantiano que trata de querer que a própria máxima se torne universal, ou seja, aquilo que quero para mim, desejo também para o outro.

Já o/a Estudante 39 do 3º A de 2023 leu um trecho do texto de Morin (2000, p.114) que diz:

> A humanidade deixou de constituir uma noção apenas biológica e deve ser ao mesmo tempo, plenamente reconhecida em sua inclusão indissociável na biosfera (indissociável significa inseparável); a Humanidade deixa construir uma noção sem raízes está enraizada em uma 'Pátria', a Terra e a Terra é um Pátria em perigo. A Humanidade deixa de construir uma nação abstrata: é realidade vital, pois está, doravante, pela primeira vez ameaçada de morte; a Humanidade deixa de constituir uma nação somente ideal, tornou-se uma comunidade de destino, e somente a consciência dessa comunidade pode conduzi-la a uma comunidade de vida; a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção ética; é o que deve ser realizado por todos e em cada um.

E comentou que: "Neste texto, Morin critica que a humanidade está construindo pessoas desumanizadas, pessoas sem valores, sem ética, sem respeito. Por exemplo: hoje em dia, as pessoas normalizam todo tipo de coisa: normalizam a morte, o preconceito; normalizam a falta de empatia. Não existe mais aquele amor pelo outro. E assim quando ele fala "tornou-se uma comunidade de destino, somente a consciência dessa comunidade pode

tornar uma comunidade de vida", ele (Morin) quer dizer que se a gente não tiver a consciência de empatizar (empatia) o caráter na espécie humana, de compreender a necessidade de construir uma sociedade sensibilizada, de saber o que significa ser humano, que a nossa nação precisa de compreensão e empatia uns com os outros, a única coisa que vai nos restar é uma humanidade desalmada, cruel, ou seja, um planeta devastado".

O/a Estudante 14 do 3º ano A de 2023 acrescentou outro trecho do texto de Morin (2000, p. 114):

> Enquanto espécie humana continua sua aventura sob a ameaça de autodestruição, o Imperativo tornou-se salvar a Humanidade, realizando-a.
> Na verdade, a dominação, a opressão, a barbárie humanas permanecem no planeta e agravam-se. Trata-se de um problema antropo-histórico fundamental, para o qual não há solução a priori, apenas melhoras possíveis, e que somente poderia tratar de processos multidimensional que tenderia a civilizar cada um de nós, nossas sociedades, a Terra.

Esse/a mesmo/a estudante uniu o pensamento de Morin ao que o/a colega falou, concordando e afirmando: "Que a sociedade se tornou uma sociedade fria em relação às coisas que acontecem, como homofobia e racismo. Então, a sociedade parece fechar os olhos para esses problemas. Morin afirma que a espécie humana continua sua aventura na sua ameaça de autodestruição, ou seja, a sociedade está se autodestruindo". E nesse momento, lembrou sobre a reflexão do/a colega quando disse que a sociedade está devastada.

Para amenizar esse problema, é necessário humanizar o humano, desenvolver a consciência de que destruir o outro e a natureza é destruir a si mesmo. Por isso, o/a Estudante 39 do 3º ano A de 2023 concluiu a fala do grupo com um trecho do texto de Morin (2000, p. 114-115) que afirma:

> Sós e em conjunto com a política do homem, a política de civilização, a reforma do pensamento, a antropo-ética, o verdadeiro humanismo, a consciência da Terra-Pátria reduziriam a ignomínia no mundo.
> Por muito tempo ainda [...], a expansão e a livre expressão dos indevidos constituem nosso proposito ético e político para o planeta. Isso supõe ao mesmo tempo o desenvolvimento da relação indivíduo-sociedade, no sentido democrático, e o aprimoramento da relação indivíduo/espécie no sentido da relação da Humanidade, ou seja, a permanência integrada dos indivíduos no desenvolvimento mútuo dos termos da tríade indivíduo/sociedade/espécie. Não possuímos as chaves que abririam as portas de um futuro melhor. Não reconhecemos o caminho traçado. [...] Podemos, porém, explicitar nossas finalidades: a busca hominização na humanização pelo acesso a cidadania Terena. Por uma comunidade planetária organizada: não seria esta a missão da verdadeira Organização das Nações Unidas?

Para conduzir a humanidade, humanizando o homem e a mulher, Morin aponta o caminho em que todos/as e cada um/a assuma a sua condição humana, tome consciência da Terra-Pátria, da necessidade da ética, dos valores como respeito e solidariedade para, assim, cuidar de si e do outro, restaurando o civismo e a democracia (Morin, 2000).

Seguindo a reflexão anterior, o oitavo grupo desenvolveu sua apresentação partindo da frase por eles/as organizada, com base no pensamento de Morin. O/a Estudante 33 do 3º ano A de 2023 iniciou afirmando: "A humanidade como destino planetário e a consciência humana no meio social para a formação da humanidade".

Nesse sentido, o/a Estudante 19 do 3º ano A de 2023 apresentou a questão do propósito humano, dizendo que: "Os humanos são mutáveis e determinados como meio de alcançar algo e esse algo é basicamente o propósito e as escolhas que tomamos para direcionar as nossas decisões futuras porque sabemos que nossas escolhas irão ser responsáveis por determinar nosso destino. Sabemos também que não há nada mais difícil ou perigoso do que tomar uma grande decisão que proporcionará mudança, pois sabemos que nossos atos podem gerar uma reação que pode tender a ser boa ou ruim".

Esse pensamento do/a estudante reportou ao debate sobre as incertezas provenientes das ações e escolhas humanas, resgatando a necessidade de continuar a navegar ou fazer escolhas porque o caminho se faz ao caminhar, como foi lembrado no texto de Morin já apresentado por um/uma colega durante a socialização.

Já o/a Estudante 40 do 3º ano A de 2023 comentou acerca das ações humanas e suas escolhas, dizendo: "Acho que todos sabem que os seres humanos são livres para realizar suas escolhas no âmbito social, em posições éticas e morais; e são essas ações e escolhas que, muitos humanos tendem a normalizar muitas coisas erradas como: a violência contra a mulher, o uso de drogas, a discriminação, exposição de crianças no mundo tecnológico, onde muitas crianças vão parar em *sites* pornográficos. Então, a humanidade está muito suja e as pessoas vêm normalizando muitas coisas erradas, não que essas coisas sejam normatizadas, mas pessoas vêm normalizando durante esse período e para finalizar meu pensamento sobre as ações humanas e suas escolhas: é que as ações e decisões que a gente toma durante a nossa vida, acho que é consequência da própria sociedade que vivemos".

De acordo com o pensamento desse/a estudante, nossas ações e escolhas são fruto da sociedade em que estamos inseridos, pois, estamos vivendo em uma sociedade planetária, com influências culturais de todos os cantos do planeta, ideologias perigosas, desigualdades sociais, destruição da natureza, naturalização de todas as formas de violência, corrupção dentro da política, mesmo em sociedades democráticas como a nossa.

A apresentação do nono grupo iniciou com a fala do/a Estudante 29 do 3º ano A de 2023: "O poder como domínio das relações entre a espécie humana no mundo, pois o poder é foco da humanidade. Michel Foucault afirma que é o poder a face da relação humana e todos

são responsáveis para a formação do destino planetário, ou seja, é inevitável a permanência do poder nas relações em nossa civilização".

Para finalizar, o/a mesmo/a estudante que iniciou apresentando afirmou que: "O sistema é essencial para mudar o mundo, uma civilização, porém, o sistema que vivemos hoje limita essa formação humana porque nós só construímos aquilo que o sistema nos permite. Então, o mesmo não colabora para a devida humanização porque favorece a uns e outros não. Isso não é uma ação eticamente correta. A nossa humanização de agora em adiante não está agindo com questões éticas e morais".

Continuando a apresentação, foi a vez de outro/a estudante afirmar que: "Analisando como nosso sistema nos comanda, é importante citar o pensamento de Immanuel Kant sobre ideologia quando este aponta "'O dever como a única motivação para praticar a ação moralmente correta, sem buscar nenhum benefício ou recompensa'. Então, o sistema age contrariamente à essa ideologia defendida por Kant. A nossa formação humana não é construída conjuntamente porque a nossa sociedade tomou posse das práticas intolerantes, egoístas e iniquidades, formando o sistema que nos comanda" (Estudante 33 do 3º ano A de 2023).

Dessa maneira, o grupo atribuiu as nossas ações, as nossas escolhas e a nossa formação humana às influências culturais, políticas e sociais porque fazemos parte de uma comunidade que está sistematicamente organizada e as relações de poder se fazem presente. Então, nos questionamos: Como humanizar a humanidade? É possível despertar a antropoética no ser humano?

O último grupo tentou trazer alguma resposta nesse sentido, quando o/a Estudante 47 do 3º ano A de 2023 disse que: "Na filosofia, a ética é a tentativa de oferecer uma resposta racional à questão como os humanos devem viver melhor". Conforme foi dito por outros grupos, ela pode ser ensinada, uma vez que Aristóteles defende que ninguém nasce virtuoso ou justo, mas pode aprender essas questões. Então, o/a mesmo/a estudante acrescentou dizendo que: "Aristóteles considerava a ética e a política como dois campos de estudo relacionados, mas separados, uma vez que a ética examina o indivíduo, enquanto a política examina o bem da cidade-estado que considerava o melhor tipo de comunidade".

Esse pensamento de Aristóteles que envolve a ética e a política demonstra o quanto o nosso agir está entrelaçado na vivência em comunidade, pensamento semelhante ao de Morin quando trata de ensinar a ética do gênero humano, da condição humana na qual os três termos são inseparáveis, não sendo possível falar do homem fora da sociedade, nem distante da sua individualidade.

Para finalizar a roda de conversa o/a Estudante 44 do 3º ano A de 2023 fez um paralelo entre o pensamento de Morin e de Aristóteles a respeito da ética e disse que: "Morin explica a ética como consciência humana, ou seja, como autoridade, dever, consciência moral proveniente de três coisas ligadas entre si: uma constituída pelo dever, outra pela cultura e outra originária da organização viva e transmitida geneticamente. Para Morin, a ética se dá entre valores, usos e costumes. Já para Aristóteles, a ética serve como condução do ser humano à felicidade; para ele a ética é um saber prático que pressupõe três elementos, que são: uso correto da razão, a boa conduta e a felicidade".

Concluímos a roda de conversa a respeito da ética do gênero humano, no "Café com Filosofia", compartilhando um lanche coletivo, previamente preparado, enquanto oralmente alguns/algumas avaliavam o desfecho da conversação.

Alguns/algumas demostraram alívio por terem concluído tal trabalho; outros/as com alegria por ter sido melhor do que pensavam; outros/as reclamaram do tempo e do espaço que foi pequeno para o assunto e que deveria ser ampliado para ser aproveitado melhor. Outra coisa negativa abordada foi a questão dos ruídos ou interferências vindas de fora ou mesmo presente na sala, implicando na aprendizagem e compreensão do que estávamos falando.

Após esse momento, no dia seguinte, foi enviado, por meio do *WhatsApp*, o *link* do formulário de avaliação dessa metodologia e das aprendizagens realizadas a respeito do tema "A ética do gênero humano". Esse terceiro e último formulário realizado exclusivamente *online* pelo *Google forms,* contendo três seções, sendo: a primeira para identificação do estudante; a segunda para avaliação do processo; e a terceira para avaliação das aprendizagens a respeito do que se aprendeu com o tema.

Esse terceiro formulário foi construído por questões fechadas, contendo duas ou mais possibilidades de escolha. Nele, será analisado apenas a segunda seção que trata da avaliação do processo ou vivência do tema "A ética do gênero humano", pelos/as estudantes do 3º ano A de 2023.

De forma geral, destacamos o número e percentual de estudantes por turma no 3º ano de 2023 matriculados na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, como foi a participação no geral e de cada turma, quantos responderam ao terceiro formulário. Depois, analisamos como o 3º ano A (2023) respondeu as questões propostas para avaliação do Ensino de Filosofia a partir da metodologia do "Café com Filosofia" sobre o tema "A ética do gênero humano".

O Quadro 29 mostra a quantidade de estudantes do 3º ano em 2023 por turmas com total e percentual bem como a participação total e por turma na avaliação do "Café com Filosofia" por meio do terceiro formulário do *Google forms*.

Quadro 29 – Total e percentual de estudantes por turma no 3º ano de 2023 da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira e a participação no "Café com Filosofia"

Turmas	Estudantes por turma (2023)	Percentual por turma	Respostas ao 3º formulário	Percentual de participação por turma	Não responderam
3º A	50	49,5%	48	55%	2
3º B	51	50,5%	40	45%	11
Total	**101**	**100%**	**88**	**100%**	**13**

Fonte: Quadro construído pela autora

Quadro 30 – Percentual de respondentes **ao 3º formulário** por turma no 3º ano de 2023 da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira no ""Café com Filosofia" "

Situação	Geral	Percentual geral das duas turmas (2023)	Total 3º A	Percentual 3ºA	Total 3º B	Percentual 3ºB
Responderam	88	87%	48	96%	40	78%
Não responderam	13	13%	2	4%	11	22%
Total	**101**	**100%**	**50**	**100%**	**51**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Na prática, devido às transferências e abandono escolar por alguns/as dos/as estudantes do 2º ano do Ensino Médio em 2022, a Escola decidiu unificar as três turmas, formando apenas duas turmas de 3º ano em 2023. Essa reorganização de distribuição dos/as estudantes proporcionou que os/as estudantes do 2º ano C de 2022 fossem colocados nas turmas do 3º ano A e 3º ano B de 2023. Dessa forma, temos no 1º bimestre de 2023 um percentual de estudantes em cada sala semelhante, como é possível constatar no quadro 29. Entretanto, quanto à participação, na avaliação do ""Café com Filosofia"" que refletiu a respeito do tema "A ética do gênero humano", proposta por meio do 3º formulário semiestruturado, temos uma maior participação da turma do 3º ano A de 2023, chegando a 10% de diferença de uma turma para outra.

De acordo com o que pudemos observar no quadro 30, de modo geral, obtivemos uma participação de 87% contra 13% que não responderam ao formulário, sendo que a turma observada, a do 3º ano A, chegou a quase 100% de participação na avaliação do ""Café com Filosofia"" através do terceiro formulário enviado através de *link* via *WhatsApp,* pois somente 4%, ou seja, dois estudantes da referida turma não responderam a este último formulário.

Como abordado anteriormente, analisaremos a seção 2 do terceiro formulário que avalia como foi o estudo e a socialização do tema "A ética do gênero humano", além de observar a ótica do/a estudante sobre a avaliação da metodologia/procedimento da roda de conversa no ""Café com Filosofia"" por meio de tema e da aula e aprendizagem invertidas.

Nesse sentido, as questões de 1 a 3 se referem à relação do/a estudante com o texto "A ética do gênero humano", na qual ele/a avalia se atingiram ou não os objetivos da roda de conversa por meio das ações: leitura, estudo e a socialização. É importante lembrar que a

leitura e o estudo ficaram a critério de cada estudante; a socialização também era responsabilidade deles/as com o grupo e a turma de modo geral.

As questões 4 a 7 tratam da avaliação que o/a estudante faz da metodologia da roda de conversa no ““Café com Filosofia””, analisando, como um todo, seu comportamento e o dos/as colegas diante da mesma. Dessa maneira, por meio dos resultados obtidos, será possível melhorar essa metodologia para o Ensino de Filosofia em que atribuímos o protagonismo de sua aprendizagem ao próprio estudante.

Com relação à leitura do texto “A ética do gênero humano”, de Edgar Morin (2000), questionamos como foi a relação do/a estudante com ele (o texto). Os/as estudantes tiveram quatro alternativas de respostas, conforme podemos constatar no quadro 31 a seguir:

Quadro 31 – Leitura – Total e percentual de respostas do 3º ano A (2023) à questão 01 do 3º formulário

Questão 1 – A respeito do texto "A ética do gênero humano" de Edgar Morin, 2000 você:	**Número de Respostas**	**Percentual de Respostas**
a. Leu todo o texto da página 105 a 115.	10	21%
b. Leu parte do tema de acordo com o subtema sorteado para seu o grupo.	32	67%
c. Leu um pequeno trecho que o grupo destacou para você.	6	12%
d. Não leu nada	0	0%
Total	**48**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Constatamos, com os dados apresentado no quadro 31, que poucos foram os que leram o texto na íntegra, ou seja, realizaram a leitura de todas as páginas, somente 21% atingiu um dos objetivos da aula e aprendizagem invertidas. Entretanto, a maioria (67%) leu somente o subtema, o que significa que realizou a leitura apenas após o sorteio dos tópicos relacionados ao tema “A ética do gênero humano”. Isso aponta para o fato que o/a estudante ainda não despertou para o protagonismo da própria aprendizagem.

Apesar de nenhum/a estudante ter ficado sem realizar a leitura de ao menos uma pequena parte do texto com o tema proposto, ainda houve 12% que leram apenas um trecho de um tópico atribuído por seu/sua colega de grupo. Isso aponta para as dificuldades de aprendizagem relacionada às práticas da leitura e não somente ao Ensino de Filosofia, porque dificilmente podemos compreender um texto se não o lermos por completo. Não era o desejado, porém não podemos afirmar que não era o esperado diante de uma clientela que não tem o hábito da leitura.

Mas não podemos afirmar que o fato de não ler o texto signifique que não tenha obtido contato com o texto em estudo com os colegas. Vejamos o quadro 32.

Quadro 32 – Estudo – Total e percentual de respostas do 3º ano A (2023) à questão 02 do 3º formulário

Questão 2 – Você estudou o tema "A ética do Gênero humano" durante o processo de estudo individual e/ou em grupo para socialização no "Café com Filosofia"?	**Número de Respostas**	**Percentual de Respostas**
a. Sim	32	67%
b. Não	2	4%
c. Em partes	14	29%
Total	**48**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Verificamos que o número de estudantes que de fato estudaram o texto é semelhante aos que realizaram a leitura, senão de todo, mas de parte do texto. Esse estudo se refere à leitura, destaque de dúvidas, pontos importantes, pesquisa do significado das palavras desconhecidas bem como pesquisa ou consulta de textos relacionados ao tema "A ética do gênero humano". A soma dos/as estudantes que não estudaram de nenhuma maneira ou como deveriam, chegou a mais de 30% (4% + 29% respectivamente). Isso entristece tanto o/a professor/a quanto os/as colegas, especialmente, aqueles/as que faziam parte do mesmo grupo.

No quadro 33 a seguir, podemos confirmar a participação do/a estudante, no momento da reflexão sobre o texto de Morin (2000), através da roda de conversa do "Café com Filosofia", em que o/a estudante expõe sua compreensão e ouve a interpretação e opinião dos/as demais colegas.

Quadro 33 – Participação – Total e percentual de respostas do 3º ano A (2023) à questão 03 do 3º formulário

Questão 3 – Você participou da roda de conversa no "Café com Filosofia" sobre o tema "A ética do gênero humano" em 19/05/2023?	**Número de Respostas**	**Percentual de Respostas**
a. Sim	40	83%
b. Não	8	17%
Total	**48**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Como podemos observar neste quadro 33, faltaram 17% dos/as estudantes no dia da roda de conversa do "Café com Filosofia". Havia duas estudantes com atestado médico, uma outra estudante estava na escola, porém se recursou a participar e não entrou em sala. Os/as demais que não estiveram presentes na sala de aula não se justificaram. Contudo, estiveram presentes na roda de conversa pouco mais de 80% da turma. Não é frustrante porque essa é a realidade com relação à frequência diária dos/as estudantes em sala de aula, especialmente, após a pandemia da Covid-19, em que o/a estudante falta por estar resfriado/a ou para trabalhar ou simplesmente por decisão própria. Contudo, todos/as têm acesso à boa parte das atividades que se propõe em sala por meio das redes sociais.

Será se a metodologia agradou os/as estudantes? Para saber, perguntamos se eles/as gostaram de participar do "Café com Filosofia", iniciando pelo momento final que foi a roda de conversas acerca do tema "A ética do gênero humano". Para essa questão, o/a estudante dispunha de quatro possibilidades de respostas, pois o *sim* e o *não* eram alternativas insuficientes para nosso objetivo, uma vez que os/as estudantes que não participaram da roda de conversa não responderiam ao questionário. A opção *em partes* foi utilizada como um meio termo para qualificar aqueles/as que não gostaram da atividade, porém, algo no momento agradou, como podemos conferir no quadro 34, a seguir:

Quadro 34 – Aprovação – Total e percentual de respostas do 3º ano A (2023) à questão 04 do 3º formulário

Questão 4 – Você gostou de participar da roda de conversa no "Café com Filosofia" a respeito do tema "A ética do gênero humano" em 19/05/2023?	**Número de Respostas**	**Percentual de Respostas**
a. Sim	38	79%
b. Não	0	0%
c. Em partes	2	4%
d. Não participei	8	17%
Total	**48**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Dos 83% que participaram da roda de conversa no "Café com Filosofia", apenas 4% não responderam *sim*. Contudo, também não responderam *não*. Isso é algo positivo porque revela que o momento de maior interação, fala e escuta foi bom para professor/a e estudantes.

Após responder se gostaram ou não do momento da roda de conversa, chegou a vez da autoavaliação com relação a esse momento. Das oito possibilidades de respostas, os/as estudantes escolheram quatro delas para atribuir seu comportamento atitudinal com relação ao momento da roda de conversa que tinha entre seus objetivos falar e ouvir, compreender o pensamento de Morin (2000), relacionar o texto "A ética do gênero humano" ao contexto e a outros textos. Conforme podemos ver no quadro 35.

Quadro 35 – Autoavaliação – total e percentual de respostas do 3º ano A (2023) à questão 05 do 3º formulário

Questão 5 – Durante a roda de conversas como você se comportou durante a socialização da temática?	**Número de Respostas**	**Percentual de Respostas**
a. ouvi os colegas e falei quando oportuno	17	35%
b. não ouvi os colegas, mas falei quando oportuno	0	0%
c. ouvi os colegas, mas não falei	5	10%
d. ouvi os colegas e li meu resumo escrito	20	42%
e. não ouvi os colegas, mas li meu resumo escrito	0	0%
f. não ouvi os colegas e nem li nenhum resumo.	0	0%
g. não sei responder	6	13%
Total	**48**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

Entre as opções escolhidas, a mais desejada era a resposta “ouvi os colegas e falei quando oportuno”, todavia, somente 35% dos/as que participaram da roda de conversa responderam dessa forma. A outra resposta mais pontuada, atingindo 42% foi “ouvi os colegas e li meu resumo”. Essa resposta indica a dificuldade da fala espontânea, da relação da fala do outro com a sua fala, além de demonstrar insegurança na hora de falar sem o papel. Outros 10 % apenas ouviram os/as colegas, mas não falaram nem leram nada relacionado. Os 13% correspondem aos que não estavam presentes no momento da roda de conversa, por isso, não souberam responder.

Nas questões 6 e 7 analisaremos a avaliação realizada pelos/as estudantes. Assim como no primeiro “Café com Filosofia” vivenciado no 2º ano em 2022, esse de 2023 também foram avaliados os pontos positivos e negativos, não somente com relação ao momento da roda de conversa, mas também à metodologia do “Café com Filosofia” para o Ensino de Filosofia como um todo, ou seja, todo processo. Vamos detalhar primeiramente a questão 6 que se refere aos pontos positivos no quadro 36.

Quadro 36 – Pontos positivos – total e percentual de respostas do 3º ano A (2023) à questão 06 do 3º formulário

Questão 6 – O que foi positivo no “Café com Filosofia”?	**Número de Respostas**	**Percentual de Respostas**
a. o momento de leitura e estudo em grupo	10	21%
b. o momento de tirar as dúvidas com a professora	1	2%
c. a interação pelo grupo de *WhatsApp*	0	0%
d. a interação pelo grupo de *Instagram*	1	2%
e. o momento da socialização na roda de conversa	15	31%
f. a maneira como os grupos participaram durante a socialização	5	11%
g. o tema "A ética do gênero humano"	0	0%
h. o momento do café	0	0%
i. todas as etapas do “Café com Filosofia”	13	27%
j. nenhuma das etapas do “Café com Filosofia”	0	0%
k. não sei responder	3	6%
Total	**48**	**100%**

Fonte: Quadro construído pela autora

O que mais nos chamou a atenção, quanto aos pontos positivos, foi que, praticamente um terço das respostas corresponde “ao momento da roda de conversa” com 31%, seguida da resposta “todas as etapas do “Café com Filosofia” e da opção “o momento da leitura e estudo em grupo”. Essas opções de respostas são agradáveis ao Ensino de Filosofia por satisfazer a função do ensino que é contribuir para integração dos/as estudantes entre si e com o conhecimento proposto em sala de aula. Quando os/as estudantes optam por todas as etapas, ele/a está dizendo que além de positivo, ele gostou de todo o processo, de ser protagonista de sua aprendizagem, de sair do tradicional em que o professor pesquisa o texto, interpreta o

texto e passa sua interpretação para eles/as responderem questionamentos, não mais satisfazem seus anseios.

Outro ponto importante que precisamos destacar foi "a maneira como os grupos participaram da socialização na roda de conversa" e os que não souberam responder. Isso revela quão positivo é oportunizar a todos/as a participação, utilizando-se de uma dinâmica em que um se apoia no outro (grupo), não precisando se deslocar para uma posição de destaque (em relação à sala), que os/as deixem nervosos/as, mas que um/a pode ajudar o/a outro/a e todos/as mutuamente. Sendo que os que não souberam responder representa os que não participaram de todo processo ou de nenhuma das etapas.

É gratificante saber que existem mais de um ponto positivo em uma sala cheia com 50 (cinquenta) estudantes, dos quais, 48 (quarenta e oito) responderam ao questionário disponível no *Google forms* e apenas 2 (dois) que se encontravam em processo de transferência para outras escolas não responderam, ou melhor, não se envolveram com o processo em nenhuma de suas etapas.

Mas, assim como tem o lado positivo, há também o lado negativo, que precisamos conhecer para melhorar numa próxima vez. Após destacar os pontos positivos, vamos, com a nossa última questão, analisar os pontos negativos conforme as respostas do/a estudante dentre as possibilidades apresentadas para a avaliação de todo o processo de realização do "Café com Filosofia". No quadro 37, a seguir, temos a percepção do/a estudante do 3º ano A (2023) para avaliar o comportamento deles/as, assim como da professora e a metodologia em questão.

Quadro 37 – Pontos negativos: total e percentual de respostas do 3º ano A (2023) à questão 07 do 3º formulário

Questão 7 – O que você percebe como negativo no "Café com Filosofia" acerca do tema "A ética do gênero humano"?	**Número de Respostas**	**Percentual de Respostas**
a. a falta de empenho de alguns/algumas estudantes durante o estudo	17	35%
b. a indisciplina (conversas paralelas) durante a socialização do tema no "Café com Filosofia"	9	19%
c. a ausência do/a estudante no dia da socialização.	7	15%
d. a falta de compromisso da professora durante o processo de estudo e do momento de tirar dúvida	0	0%
e. a metodologia como um todo.	2	4%
f. não sei responder	13	27%
Total	**48**	**100**%

Fonte: Quadro construído pela autora

Entre os pontos negativos apontados na sétima questão do formulário, a opção não pontuada pelo/as estudantes nos revelaram que não houve falta de compromisso da professora durante o processo. Contudo, as outras cinco das seis opções foram pontuadas pelos/as

estudantes. Um dos pontos negativos que está por trás da resposta “não sei responder”, pode estar relacionado à condição de não haver entendido a pergunta e/ou por não se envolver com toda ou nenhuma das etapas do processo de desenvolvimento da metodologia “Café com Filosofia” que envolvia a aula por tema, aula e aprendizagem invertidas e a roda de conversa.

Um ponto negativo que vale lembrar, que foi apontado por dois/duas estudantes, equivalente a 4% das respostas, é o fato de considerar negativa “toda a metodologia do café”. Consideramos válidas as respostas, pois poderiam responder livremente, porém, acreditamos que são respostas dadas por aquele/a que pode ter se adaptado à maneira tradicional de ensino em que o professor é detentor do conhecimento, mastiga os conteúdos e deposita na cabeça deles/delas; faz uma atividade que, por vezes, é respondida de forma automática ou superficialmente, sem levar o/a estudante à leitura, reflexão, interpretação, pesquisa e consulta de textos complementares. Contudo, essa resposta pode representar o incômodo que algo novo provoca, assim como a própria Filosofia com sua perguntação (termo emprestado de Matos, 2021).

As outras três opções avaliam o comportamento deles/as durante o processo e no final na roda de conversas. Nesse sentido, as respostas apontam para a “falta de empenho no grupo durante o processo” e a “falta de compromisso com a turma na culminância” (socialização e diálogo na roda de conversa). Esses dois pontos somaram 59% das respostas. A última dessas três opções foi “a indisciplina do/a estudante” (conversas paralelas), que gerou ruídos que comprometeram a compreensão de algumas falas, inibindo o diálogo entre os interlocutores.

Em suma, esse terceiro formulário, juntamente com as observações realizadas em sala durante o processo e no último momento de vivência da metodologia do “Café com Filosofia” com a roda de conversa, possibilitou a constatação de que as dificuldades de aprendizagens não são de exclusividade da disciplina Filosofia, pelo contrário, elas se configuram como uma dificuldade na prática de leitura (habilidade de ler e interpretar), resistência ao novo ou às novas metodologias, aspectos que podem ser compartilhados em outras disciplinas.

Quanto à compreensão da ética do gênero humano ou antropoética, só será possível se ela continuar fazendo parte do debate e das práticas cotidianas. Entretanto, para aqueles/as meninos/as que iniciaram essa reflexão ainda na educação básica, no 3º ano do Ensino Médio, uma sementinha foi plantada, com o auxílio do pensamento de Edgar Morin, de Aristóteles, de Hannah Arent e outros/as filósofos/as por eles/as consultados que levaram a pensar na relação da ética com os valores humanos, a cidadania, a democracia e o próprio contexto.

Quanto ao Ensino de Filosofia, podemos dizer que, assim como Morin, precisamos continuar navegando no oceano de incertezas da educação brasileira, especialmente agora

com NEM, em que a Filosofia foi reduzida a estudos e práticas filosóficas. Contudo, ao navegar nesse mar de incertezas, vamos por meio da ecologia da ação traçando estratégias que exigem de nós a prudência e a ousadia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo refletido a respeito do Ensino de Filosofia, passamos pelo filosofar e sobre a própria Filosofia. Percebemos que a Filosofia levanta questionamentos acerca de qualquer problema humano, desde questões existenciais mais profundas, como o que somos ou o quem somos? De onde viemos e para onde vamos? O que estamos fazendo e como devemos agir? Questões essas que envolvem um pensar sobre o ser enquanto espécie, sociedade e indivíduo, como Morin (2000) tem tratado bem como refletir sobre questões como as incertezas, a antropoética, as nossas relações consigo mesmo, com a natureza e com o outro.

Sabendo que a Filosofia suscita questões existenciais fundamentais, além de problemas locais e globais, discutimos o Ensino da Filosofia no Ensino Médio à luz do pensamento moriniano, fundamentando nossa reflexão juntamente com o/a estudante pelo viés do enfrentamento das incertezas e na compreensão da antropoética como temas desenvolvidos no chão da sala de aula, partindo de uma metodologia dialógica e ativa.

Na busca pela compreensão acerca das incertezas e das dificuldades de aprendizagem com o intuito de enfrentá-las e superá-las, apreendemos à luz do pensamento moriniano e da reflexão sobre o Ensino da Filosofia que as incertezas são históricas, os problemas ou as dificuldades de aprendizagens não são exclusivos da Filosofia e são decorrentes de diversos fatores e que ambas podem ser enfrentadas partindo de estratégias e da ecologia da ação que ora exige de nós prudência, ora ousadia, ora as duas coisas ao mesmo tempo.

A Filosofia e o Ensino de Filosofia no Ensino Médio enfrentam a incerteza de sua continuidade por causa do que está posto na BNCC, que apresenta a disciplina como estudos e práticas diluídas juntamente a outros três saberes da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Esta área, de modo geral, também foi reduzida em um terço de sua carga horária no decorrer dos três anos do Ensino Médio.

Dada a constatação da importância da Filosofia e da reflexão filosófica, compreendemos que nós, professores de Filosofia, devemos continuar resistindo e lutando por sua presença na escola, na educação básica, nutrindo a reflexão, a ação, o pensar crítico frente aos problemas e às questões filosóficas inerentes aos contextos em que nos encontramos inseridos.

Ao investigar os principais problemas de aprendizagem dos/as estudantes em relação ao componente curricular Filosofia, especificamente na turma do 2º ano A (2022)/3º ano A (2023) do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira por meio da aplicação de formulários semiestruturados com questões objetivas fechadas e outras abertas acerca de

suas dificuldades e referentes aos temas “incertezas e ética” no século XXI, identificamos que estes são de ordem: epistemológica, metodológica, filosófica, física, psíquica, emocional, local e global, além de serem também de caráter histórico, sociocultural e econômico.

Tanto as incertezas como as dificuldades de aprendizagem em Filosofia não são somente desta disciplina ou algo do momento, nem próprios da escola campo de estudo, desses/as ou daqueles/as estudantes. As incertezas são históricas, estando presentes na vida humana desde o processo de hominização do humano, nas tomadas de decisões e ações humanas que são realizadas visando uma determinada finalidade, tendo a incerteza de não alcançá-las muitas vezes.

Nesse sentido, as dificuldades de aprendizagem também correspondem às finalidades não alcançadas. Ambas as situações sofrem interferências externas e internas, presentes nas ações e estratégias utilizadas devido aos desvios e por envolverem a noção de aposta.

O homem e a mulher do século XXI não esperam as mesmas coisas dos que viveram nos séculos anteriores devido às evoluções e revoluções, aos conhecimentos acumulados com seus erros e ilusões advindos das certezas científicas que sabemos serem temporárias ou refutáveis, das filosofias, do senso comum ou das religiões que também são relativos por estarem ligadas às subjetividades humanas.

Não temos as certezas dos tempos cíclicos ou do progresso esperado, mas as incertezas das ações humanas dos homens e das mulheres do século XXI que não sabem aonde irão nos levar, principalmente ao observar a violência local e global, as guerras internacionais e locais, a miséria e a fome provocadas pelas desigualdades sociais e econômicas; a destruição da natureza em proporções globais que geram incertezas referentes ao enfrentamento desses problemas ou ainda até quando o ser humano irá continuar se autodestruindo ao escravizar a própria espécie e destruir sua casa comum.

Nesse sentido, o ensino de Filosofia pode contribuir para o enfrentamento das incertezas, partindo da reflexão de problemas e temas filosóficos que perpassam o contexto do/a estudante para reconhecimento das problemáticas que o/a envolve e para a tomada de consciência de que é preciso agir, enfrentar e buscar soluções, começando por si mesmo e pela comunidade em que está inserido, com estratégia e ações éticas que contribuam para o processo de humanização do humano.

Devido às interferências internas e externas, acreditamos que a vida humana no século XXI necessita ser refletida e pensada no sentido de enfrentar as incertezas com ações éticas que auxiliem cada um a pensar refletidamente, cuidar das próprias emoções com ações solidárias, democráticas, comunitárias, ambientais, começando no espaço familiar e escolar.

Dialogar com os conhecimentos apresentados no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* de Edgar Morin (2000), especificamente, os saberes de *Enfrentar as incertezas* e *A ética do gênero humano* foi uma das propostas que nos levou à reflexão acerca das causas das incertezas juntamente com os/as estudantes do Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, visando compreender a perspectiva de Morin e a do estudante no contexto que estão inseridos.

Distinguir saberes de conhecimentos, proporcionando o contato com o pensamento de Edgar Morin sobre o enfrentamento das incertezas e a ética do gênero humano nas aulas de Filosofia no Ensino Médio com os/as estudantes da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira proporcionou a reflexão sobre o fato de que os saberes estão relacionados; que os conhecimentos, mesmos os científicos, contém erros e ilusões; e que o pensamento pertinente de Morin se aproxima mais da realidade complexa e da complexidade humana.

Nesse processo de reflexão sobre o texto de Morin, foi possível o/a estudante perceber que os saberes estão todos interligados e que só o Ensino de Filosofia não dará conta de discutir sobre os problemas fundamentais, muito menos de resolvê-los. Por isso, a ética ou qualquer outro conhecimento não deve ser imposto ao outro, mas vivenciado, instigado, refletido em situações dialógicas em que possamos falar e ouvir, ter ideias, mudar de ideia, questionar, problematizar, encontrar respostas mesmo que temporárias para os problemas mais urgentes que tem destruído as democracias, a natureza, as humanidades.

Todavia, tendo aprendido com Paulo Freire que ensinar e aprender é uma via de mão dupla e com Morin que o caminho se constrói ao caminhar, apostamos numa reflexão filosófica no Ensino de Filosofia enquanto intervenção pedagógica, utilizando uma metodologia mais dialógica, envolvendo as aprendizagens ativas em que o/a estudante é o protagonista na construção da aprendizagem, sem desfazer-se do que ele já sabe e dos meios que ele utiliza em seu contexto, como por exemplo, as redes sociais: *WhatsApp* e *Instagram*.

Após a aplicação de nossa intervenção pedagógica, ficamos com a experiência de que o tema *incertezas* envolveu o/a estudante, porque tocou mais profundamente em seu contexto, além de abordar outros temas como o conhecimento com suas diferentes formas, como a incerteza está relacionada ao conhecimento, à maneira como apreendemos a realidade e às perspectivas de futuro do/a estudante.

Esse tema se relacionou às incertezas da pandemia da Covid-19, à questão da vida e da morte, à guerra entre a Rússia e a Ucrânia, à destruição do planeta bem como às próprias inquietações, medos e incertezas enquanto jovens com seus projetos de vida. E quanto ao tema “A ética do gênero humano” ou antropoética, compreendemos que só será possível se

realizar no cotidiano se ela continuar fazendo parte dos debates e das práticas cotidianas dos/as jovens e adultos, dentro e fora da escola, seja nas sociedades democráticas ou que aspiram a democracia.

Outra observação que vale destacar diz respeito à maneira como os/as estudantes interagiram entre si e em grupo, durante o processo e no dia da socialização do tema "Enfrentar as incertezas": como organizaram o lanche, como elaboraram e responderam questões, como se envolveram com o tema e ouviram um ao outro mesmo demostrando ansiedade, medo e pequenas incertezas, enfrentaram e desenvolveram muito bem, ultrapassando o tempo dedicado ao momento. Portando, consideramos positiva essa metodologia como um todo, por ser uma dinâmica diferente e não se restringir-se a um texto, perguntas ou respostas conclusivas.

Já a parte negativa observada pelos/as estudantes foi a questão do compromisso de alguns/algumas estudantes do grupo e a indisciplina (conversas paralelas) no dia da socialização.

Por fim, constamos que, assim como a Filosofia e o Ensino de Filosofia, não temos respostas prontas, completas e únicas para os problemas apresentados, mas respostas inacabadas, próprias do inacabamento humano e respostas variadas para um mesmo problema, devido à nossa condição humana que envolve a tríade indivíduo/sociedade/espécie e sua complexidade.

Ao buscarmos alternativas metodológicas e filosóficas para o ensino de Filosofia, o caminho percorrido nos levou a compreender a necessidade primeira de que o/a professor/a e o/a estudante têm de ensinar e aprender um com o outro, com o texto e o contexto, de uma forma dialógica, de modo que consigamos perceber a nossa incompletude e a necessidade do outro no nosso viver.

Para que o Ensino de Filosofia não seja uma simples transmissão de conhecimento, pensamos que um ensino que faça sentido para o/a estudante pode ser aquele que inclui, no processo, o exercício do pensamento conceitual, conforme sugere Silvio Gallo (2012a, p. 85) e seja dialógico, ensine e aprenda a perguntar e expressar seu pensamento, como instiga Junot Matos (2021) em *Filosofia (da)Perguntação,* ou seja, um ensino/aprendizagem que envolva o contexto e desperte no/a professor/a e o/a estudante o pensamento conceitual, crítico, reflexivo e questionador.

Não queremos dizer que o Ensino de Filosofia é o único problema ou a única solução para os problemas da educação no Ensino Médio, nem tão pouco que o pensamento moriniano resolve os problemas da educação do século XXI. Porém, pensamos que, ao refletir sobre as

incertezas e a ética do gênero humano, partindo da reflexão filosófica dentro do Ensino da Filosofia no Ensino Médio, são atividades relevantes para reconhecer a importância da disciplina Filosofia e suas possibilidades de reflexão sobre questões fundamentais que perpassam o contexto em que estamos inseridos.

Não que o Ensino de Filosofia seja o único espaço para a reflexão sobre questões fundamentais e existenciais. Entretanto, a partir dela enquanto disciplina escolar e da união com outros saberes, essas questões inerentes ao humano são próprias da filosofia, pois ela se atenta a tudo que diz respeito ao humano. Nesse sentido, podemos fazer da Filosofia a porta de acesso ao pensar direcionado, crítico, questionador e problematizador.

Tendo em vista ainda as incertezas que sempre existiram, mas que o neoliberalismo proporcionou o aumento delas com as revoluções tecnológicas e científicas, colocando os/as jovens diante de inúmeras possibilidades, tanto quanto suscetíveis às mazelas das desigualdades sociais, próprias do capitalismo e outras advindas da Covid-19 que provocou transtornos emocionais, doenças psicossomáticas e desesperanças.

Mais uma vez recorremos ao pensamento moriniano (2000; 2021) que instiga-nos ao enfrentamento das incertezas, do aprender a viver em meio às incertezas e às complexidades própria da condição humana; e do pensamento de Matos (2021) que incentiva a ação de perguntar ou a perguntação para desnaturalização de problemas inseridos em nossa realidade, incutidos em nós como naturais.

E, consequentemente, a necessidade de lutar pelo Ensino de Filosofia com direito de aprendizagens assegurados, não somente por seus componentes curriculares, mas como disciplina do currículo escolar para os/as estudantes da Educação Básica, mais especificamente, defendemos a sua presença nas três séries do Ensino Médio.

Contudo, não pretendemos chegar, com esta dissertação, a repostas metodológicas ou filosóficas únicas, que possam ser rigorosamente seguidas, mas apenas apresentar como alternativas que podem apontar caminhos no sentido de auxiliar o Ensino de Filosofia que faça sentido para o/a estudante como um caminho que se constrói ao caminhar, que não se constrói sozinho e, sim, na relação com outros saberes, no diálogo entre professor/a e estudantes, texto/contexto/texto, ordem/desordem/organização, conflitos/consenso, opinião/argumento, pergunta/ação/perguntação como a dialógica da própria vida.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL – ANEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais Ensino Médio – DCNEM**: Nota Técnica ANEC 004 /2018. Disponível em: https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/004_2018_DCNEM.pdf Acesso em: 06 Abr. 2022.

BARCAT, George. **Dilemas Éticos das Sociedades contemporâneas**. Publicado em 10 de abril de 2012, Equipe Inclusive. Disponível em: https:www.inclusive.org.br/arquivos/22336. Acesso em: 23 Fev. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 19 Fev. 2019.

BRASIL. **Lei 13 415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis n º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 24 Fev. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB N. 9394/1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 26 Jun. 23.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em**:** https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 14 Ago, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação**. Parecer homologado parcialmente cf. Despacho do ministro**, publicado no D.O.U. de 1º/6/2020, Seção 1, Pág. 32. Disponível em: portal.mec.gov.br/docman/marco-2020-pdf/145011-pcp005-20/file. Acesso em: 07 Mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Segunda versão revista. Brasília, 2016. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/bncc-2versao.revista.pdf. Acesso em: 30 Set. 2023.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio:** Ciências humanas e suas tecnologias (vol. 3). Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. **Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm. Acesso em: 13 Set. 2023.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia**: ensinar e aprender. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CARRARA, Alberto; FRUTOS, Manuel J. **LA HUMANIDAD DE LA HUMANIDAD:** Visión Antropológica del Pensamiento complejo de Edgar Morin, a la luz de su obra El Método**.** Facultad de Filosofía ATENEO PONTIFICIO REGINA APOSTOLORUM. Roma, a 27 de abril de 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/32717960/_LA_HUMANIDAD_DE_LA_HUMANIDAD_Visi%C3%B3n_antropol%C3%B3gica_del_Pensamiento_Complejo_de_Edgar_Morin_a_la_luz_de_su_obra_El_M%C3%A9todo.
Acesso em: 21 Dez. 2022.

COELHO, Paulo. **Das expressões.** G1 - O portal de Notícias da Globo. Publicado 14/02/2009. Disponível em: https://g1.globo.com/platb/paulocoelho/2009/02/14/das-expressoes/. Acesso em: 01 Out. 2023.

COÊLHO, Raimunda de Fátima Neves; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira (Org.). **Ética, Bioética e Controle Social da Ciência**. Fortaleza, CE: Imprece, 2019.

COLAR NA PROVA. Seja a exceção: Calvin e Hobbes. Publicado em 13/11/2013. Disponível em: https://sejaaexcecao.blogspot.com/2013/11/calvin-e-hobbes-colar-na-prova.html Acesso em: 23 Fev. 2023.

DUTRA, Paulo Fernando Vasconcelos. **Módulo Educação Integral e Profissional**: PROGEPE. Rev. Maria de Araújo Medeiros de Sousa. 2. ed. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, 2019.

FABRI, Janaina; PEREIRA, Eliane Ramos; SILVA, Rose Mary Costa Rosa Andrade. **Vídeo: Merleau-Ponty:** A Filosofia é um despertar para ver e mudar o mundo. Publicado em 29/09/2020. Disponível em: http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/581076. Acesso em: 24 Fev. 2023.

FÁVERO, Altair Alberto; CEPPAS, Filipe; GONTIJO, Pedro Ergnaldo; GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. **O ensino da filosofia no Brasil:** Um Mapa Das Condições Atuais. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/cjCfPXS6th5jS3Gcgqb3m3j/?format=pdf. Acesso em: 25 Set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Carla Pinheiro; GIDON, Philippe Hubert. **O pensamento complexo como caminho para a construção de um novo imaginário na sociedade de risco.** Artigo. 2016, p. 12. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38464-30032016-110613.pdf Acesso: 15 Mai. 2023

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar e aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação cidadã, 2).

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de Filosofia**: Uma didática para o ensino médio. Capinas, SP: Papirus, 2012a.

GALLO, Sílvio. Governamentalidade democrática e ensino de Filosofia no Brasil contemporâneo. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.42 n.145 p.48-65 jan./abr. 2012b. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/FYVwfRDc45K4z54Pjy38TGK/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 05 Ago. 2022.

GUIMARÃES, Carlos Antonio Fragoso. **Paulo Freire e Edgar Morin sobre saberes, paradigmas e educação:** um diálogo epistemológico. 1.ed. Curitiba: Appris, 2020.

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 03/2008 (DOE/PE 04/03/2008) – p. 15-16. Ementa: Dispõe sobre a **implantação/operacionalização das Matrizes Curriculares** nas Escolas da Rede Estadual de Educação a partir do ano letivo de 2008. Disponível em: http://200.238.105.211/cadernos/2008/20080304/1-PoderExecutivo/PoderExecutivo(20080304).pdf Acesso 31/10/2023.

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 02/2011(DOE/ PE 29/01/2011) – p. 23-27. Ementa: **Matriz Curricular de Pernambuco** Disponível em: http://200.238.105.211/cadernos/2011/20110129/1-PoderExecutivo/PoderExecutivo(20110129).pdf Acesso: 30 Out. 2023.
LUCENA, Ari Alves de. **Progepe**: Módulo de Responsabilidade Social e Educacional. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2018.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso:** instrução para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATOS, Junot Cornélio. **Filosofia (da) Perguntação.** Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021. (Coleção Filosofia no Chão da escola).

MELLO, Cleyson de Moraes; NETO, José Rogério Moura de Almeida; PETRILLO, Regina Pentagna. **Educação 5.0**: educação para o futuro. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2021.

MELO, Elizabete Amorin de Almeida. Características do conhecimento pertinente em Edgar Morin: contribuições para educação. In: MATOS, Junot Cornélio; LIMA, José Aparecido (Orgs.). **Filosofia e Educação no espaço/tempo que chamamos hoje.** Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020. p. 89-110.

MICHAELIS. **Dicionário escolar francês**. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/escolar-frances/busca/frances-portugues/genre/. Acesso em: 12 Set. 2023.

MINISTÉRIO SAÚDE. **O que é a Covid-19?** Publicado em 08/04/2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/coronavirus. Acesso: 10 Out. 2022.

MORIN, Edgar. Enfrentar as incertezas. In**: Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2 ed. rev. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. p. 79-92.

MORIN, Edgar. Ética do gênero Humano. In**: Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2 ed. rev. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. p. 105-115.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 26 ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MORIN, Edgar. A ética do sujeito responsável. In: CARVALHO, Egard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição; COELHO, Nelly Novaes; FIEDLER-FERRARA, Nelson; MORIN, Edgar. **Ética, solidariedade e complexidade.** São Paulo: Palas Athena, 1998.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Viver**: manifesto para mudar a educação. Tradução: Edgard de Assis Carvalho e Maria Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

MORIN, Edgar. **O Método**: Natureza da natureza. Trad. Maria Gabriela Bragança. 2. ed. Publicações Europa-América, Lda. 1977.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

NASCIMENTO, Christian Lindberg Lopes do. **A presença da Filosofia no Ensino Médio**. 1.ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2023.

NUBANK. **O mundo pós-pandemia:** 5 mudanças sociais que prometem ser duradouras. Publicado em: 08 fev. 21. Disponível em: https://backend.blog.nubank.com.br/o-mundo-pos-pandemia-5-mudancas-sociais-que-prometem-ser-duradouras/ Acesso em: 03 Nov. 2022.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. E**dgar Morin**: A educação e a complexidade do ser e do saber.Petrópolis, RJ: Vozes,1995.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Complexidade e auto-ética. In: **EccoS Revista. Científica**, UNINOVE, São Paulo: (v.2 n.1): 9-17. 2000. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/715/71520103.pdf. Acesso em: 21 Dez. 2022.
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola de Referência em Ensino Médio Jacob Antonio de Oliveira**. Gerencia Regional do Sertão do Médio São Francisco-Petrolina-PE: Orocó-PE, 2019.

RIBEIRO, Flávia Nascimento. **Edgar Morin, o pensamento complexo e a educação** Pró-Discente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Progr. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 17, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: https://inclusaoecognicao.files.wordpress.com/2017/04/texto-5_pensamento-complexo-e-a-educac3a7c3a3o.pdf. Acesso 18/05/202

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

SANTOS, Nivaldo R. **Ética cristã.** Aula 01**.** Publicado: 08/06/2015. Disponível em: https://pt.slideshare.net/NRSAO/tica-crist-aula-01#7. Acesso em: 23 Fev. 2023.

SANTOS, Rogério Sérgio dos; SOUSA, José Renato de Araújo**. Ensino de Filosofia:** desafios e possibilidades para o Ensino Médio. Edufpi. Cadernos do Nefi, Volume. 03. N. 01. 2021. p.67-83. PDF. Disponível em: https://comunicata.ufpi.br/index.php/cadernosNefi/article/view/12878/7911 16 Set. 2023.

SAVIAN FIHO, Juvenal. **Filosofias e Filosofias**: existência e sentidos. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco**: ensino médio / Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação; coordenação Ana Coelho Vieira Selva, Sônia Regina Diógenes Tenório; apresentação Marcelo Andrade Bezerra Barros, Natanael José da Silva. – Recife: A Secretaria, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio/pdfs/RCSEEPE.pdf Acesso em: 06 Set. 2022.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. As incertezas da Existência Humana na Atualidade. In: **Ciências Humanas e suas Tecnologias. Filosofia. 2ª série do Ensino Médio**. 2012 [slides]. Disponível em: https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww1.educacao.pe.gov.br%2Fcpar%2FProfessorAutor%2FFilosofia%2FFilosofia%2520%2520I%2520%25202%25C2%25BA%2520ano%2520%2520I%2520%2520M%25C3%25A9dio%2FAs%2520incertezas%2520da%2520Exist%25C3%25AAncia%2520Humana%2520na%2520Atualidade.pptx&wdOrigin=BROWSELINK. Acesso em: 04 Nov. 2022.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTE DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco:** Ensino Médio. UNDIME/PE, Recife 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio/pdfs/RCSEEPE.pdf. Acesso em: 31 Jul. 2022.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTE DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Reorganização Curricular de Pernambuco:** Ensino Fundamental anos iniciais, Ensino Fundamental, Ensino Médio. UNDIME/PE, Recife 2020. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/469438498/REORGANIZAC-A-O-CURRICULAR-ARQUIVO-COMPLETO-pdf. Acesso em: 31 Jul. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

APÊNDICE A

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, [redacted], matrícula [redacted], autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada **O Ensino de Filosofia no Ensino Médio da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira:** contribuições de Edgar Morin, na turma do 2º ano A da Escola Estadual de Referência em Ensino Médio Jacob Antonio de Oliveira, localizada na Avenida Prefeito Ulisses de Novaes Bione, nº 517, Centro, Orocó-PE, tendo como pesquisadora responsável **Ana Maria Alves Santos da Luz**, matrícula 266219-1.

Orocó/PE, 10 de Nov. de 2022.

_____

[redacted]
Gestora da EREM Jacob Antônio de Oliveira
Matrícula [redacted]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MENORES DE 18 ANOS)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 7 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você _____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: **O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA EREM JACOB ANTÔNIO DE OLIVEIRA: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN**.

Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Ana Maria Alves da Luz, residente na Rua Francisco Gorgonha, nº 498, Centro, Orocó-PE, CEP: 56170-000/Telefone (87) 998171955/e-mail ana.luz@ufpe.br.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, um responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Núcleo UFPE.

Pesquisadora: Ana Maria Alves Santos da Luz. Matrícula 266219-1.

Título da pesquisa: O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA EREM JACOB ANTÔNIO DE OLIVEIRA: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN.

Objetivos:

Constatar como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir com o enfrentamento das incertezas e das dificuldades de aprendizagem do jovem estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE.

Proporcionar o contato com o pensamento de Edgar Morin sobre o enfrentamento das incertezas e a ética do gênero humano nas aulas de Filosofia no Ensino, visando contribuir com a formação dos estudantes da Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira.

Público: A pesquisa a ser realizada com a participação dos estudantes do 2º ano (2022)/3º ano (2023) da **Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, da cidade de Orocó/PE, na disciplina Filosofia.**

Período:

1ª etapa: de 10/11/2022 a 29/11/2022;

2ª etapa: primeiro semestre de 2023.

Atividades: leitura e debates sobre textos filosóficos e didáticos; atividades individuais e em grupo. Aplicação de formulário *Google* via *WhatsApp;* leitura de apostilas impressas e o livro "Os sete saberes necessários à educação do futuro" disponibilizado virtualmente nos grupos da turma.

Informações adicionais para esclarecimento:

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisados. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de gravações, entrevistas, fotos, filmagens, etc, ficarão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Maria Alves Santos da Luz, no endereço Rua Francisco Gorgonha, nº 498, Centro, Orocó-PE, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pela pesquisadora.

_____

Assinatura da pesquisadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

APÊNDICE C

ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo acerca do ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA EREM JACOB ANTÔNIO DE OLIVEIRA: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN, como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Orocó-PE, _____/_____/2022.

Assinatura do (da) menor: _____

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) _____ (ou menor que está sob sua responsabilidade) para participar, como voluntário (a), da pesquisa: **O ENSINO DE FILOSOFIA NO SÉCULO XXI NO ENSINO MÉDIO DA EREM JACOB ANTÔNIO DE OLIVEIRA: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN**.

Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Ana Maria Alves Santos da Luz, residente na Rua Francisco Gorgonha, nº 498, Centro, Orocó-PE, CEP: 56170-000/Telefone (87) 998171955/e-mail ana.luz@ufpe.br.

O/a Senhor/a será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele/a na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias.

Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele/a participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Tento em vista que estamos inseridos na sociedade da incerteza e da transformação, e que deparamos com o fato de ter que escolher entre dois caminhos: parar e desistir, deixando a vida passar por você; ou ergue-se e agir, encarando seus desafios, questionando, investigando, buscando as melhores soluções para conviver e sobressair às dificuldades advindas de tais mudanças a qual teremos que adaptarmos cada vez mais rápido.

Nesse sentido, como filósofo escolhido para fundamentar essa pesquisa, Edgar Morin (2011) aponta para a necessidade da tomada de consciência da incerteza e que não devemos paralisar diante das interferências históricas, sociológicas e econômicas, pois "[...] a história humana foi e continua sendo uma aventura desconhecida" (MORIN, 2011, p. 69).

A pesquisa a ser realizada com a participação de sua filha ou seu filho, partindo do título: **O Ensino de Filosofia no século XXI no Ensino Médio da EREM Jacob Antônio de Oliveira:** contribuições de Edgar Morin. Tem por objetivo: Constatar como o Ensino da Filosofia no século XXI pode contribuir com o

enfrentamento das incertezas e das dificuldades de aprendizagem do jovem Estudante do Ensino Médio na Escola EREM Jacob Antônio de Oliveira, Orocó-PE.

A pesquisa será realizada com os estudantes do 2º A (2022), da Escola EREM Jacob Antonio de Oliveira, por meio de questionário, participação na aula de Filosofia no período de 10/11/2022 a 29/11/2022, posteriormente, no primeiro semestre de 2023, individualmente e em grupo, estudo e apresentação do tema: "Enfrentar as incertezas" de Edgar Morin (2000), por um período de 4 aulas em sala e no modo online com link do formulário *Google* via *WhatsApp* , apostilas impressas e livro "Os sete saberes necessários a Educação do futuro" disponibilizado virtualmente nos grupos da turma.

Para essa pesquisa informamos que os riscos são mínimos, pois trata de um processo similar ao que ocorre no cotidiano da sala de aula, logo o risco que o participante corre é de não concluir a participação até o final da pesquisa, não responder aos questionários. Porém, o estudante é livre para participar de todo o processo ou parte dele, assim como para abandoná-la durante o processo. Esse pensamento confirma-se em Coelho e Batista (2019, p. 127), no livro "Ética, bioética e controle social da ciência":

> Diz-se sustentável todo modelo de desenvolvimento que, para além de atender os interesses imediatos da geração presente contempla, igualmente, os interesses das gerações futuras. Por essa razão, embasa-se em princípios e objetivos que delineiam uma forma prudente de desenvolvimento, na qual os riscos de todas as ações são avaliados, antes das tomadas de decisões.

Mesmo sendo baixos os riscos o pesquisador se responsabilizará pela participação e sigilo de informações, imagens, gravações, filmagens que inclui o participante, cuidando para que a única finalidade seja acadêmica. De modo que seu resultado contribua para melhoria do Ensino de Filosofia na Escola campo de estudo e comunidade científica da área de Educação.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa por meio de gravações, entrevistas, fotos, filmagens, ficarão armazenados em pastas de arquivo no computador pessoal, sob a responsabilidade de Ana Maria Alves Santos da Luz pesquisadora, residente no endereço: Rua Francisco Gorgonha, nº 498, Centro, Orocó-PE, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

_____

Assinatura do pesquisador (a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

APÊNDICE E

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF_____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo das dificuldades de aprendizagem no Ensino de Filosofia da Escola EREM Jacob Antonio de Oliveira, com a contribuição do pensamento de Edgar Morin (2000), como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

Orocó-PE, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do (da) responsável: _____

Impressão Digital

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO A

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

São instrumentos da prática pedagógica do/a professor/a que contem mais de um plano de aula e serve para direcionar e acompanhar o processo de ensino por duas ou mais aulas. Nela estão contidos: informações a respeito do locus, área de conhecimento, componente curricular como espaço inicial ou principal para vivência do que foi planejado; o público a que se dirige as aulas; o período de duração das aulas; os conteúdos e/ou temas a serem trabalhas com os objetivos e/ou expectativas de aprendizagens; os procedimento metodológicos utilizados; os recursos e os referenciais teóricos utilizados.
A primeira sequência didática corresponde ao tema "Enfrentar as incertezas", de Edgar Morin trabalhado com os estudantes do 2º ano A em 2022. Com o tema foram trabalhadas algumas das expectativas de aprendizagem propostas para essa série no VI bimestre, no período de 10 a 29 de Novembro de 2022, de acordo com a Reoganização Curricular de Pernambuco.
A segunda sequência didática corresponde ao tema "A ética do gênero humano", de Edgar Morin trabalhado com os estudantes do 3º ano A em 2023. Com o tema foram trabalhadas algumas das expectativas de aprendizagem propostas para essa série no II bimestre, no período de 17 de abril a 19 de Maio de 2023, de acordo com a Reoganização Curricular de Pernambuco.

<table>
<tr><th colspan="2">1. Sequência didática do Plano de intervenção do Mestrado 2022-2024</th></tr>
<tr><td>Escola:</td><td>EREM Jacob Antônio de Oliveira</td></tr>
<tr><td>Área do conhecimento:</td><td>Ciências Humanos e Sociais Aplicadas</td></tr>
<tr><td>Disciplina:</td><td>Filosofia</td></tr>
<tr><td>Série/ano:</td><td>2º ano A 2022</td></tr>
<tr><td>Professor/a:</td><td>Ana Maria Alves Santos da Luz</td></tr>
<tr><td>Duração</td><td>4h/a – Período de 10/11 a 29/11/2022</td></tr>
<tr><td colspan="2">Conteúdo</td></tr>
<tr><td colspan="2">Projeto: O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN
Tema: Enfrentar as incertezas
Pergunta norteadora: "O que incerteza e como enfrentá-las?"
Subtemas: 1. A incerteza histórica; 2. A história criadora e destruidora; 3. Um mundo incerto; 4. Enfrentar as incertezas do real, do conhecimento, as incertezas e a ecologia da ação; 5. A imprevisibilidade a longo prazo.

Conteúdos do quarto bimestre que serão contemplados:
Filosofia, Ciência e Senso Comum; Filosofia, Tecnologia e Natureza;
Filosofia, ciências, tecnologia: suas implicações no mundo contemporâneo;
Ideologia, comunicação e poder: suas implicações no mundo contemporâneo;
Os filósofos cujo pensamento trata do tema abordado - Edgar Morin.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Objetivos / Expectativa de Aprendizagens</td></tr>
<tr><td colspan="2">EA1 - Identificar as transformações na sociedade sob a lógica da ciência e da tecnologia.
EA2 - Analisar a situação do indivíduo nas sociedades em redes: modelos, atores e lugares no mundo globalizado.
EA3 - Compreender as mudanças dialógicas nas relações interpessoais em função das tecnologias.
EA4 - Reconhecer a relação entre informação, ideologia e poder na sociedade mediatizada.
EA5 - Distinguir informação de conhecimento.
EA6 - Diferenciar Filosofia e Ciência.
EA7 - Compreender a organização política e social em função das tecnologias.
EA8 - Perceber a inter-relação do ser humano com os demais elementos que compõem a natureza.
EA8 – Fazer aproximações com autores da história da Filosofia e seus contextos históricos e sociais.</td></tr>
<tr><td>Recursos didáticos</td><td>Outros recursos:</td></tr>
<tr><td>Caderno, papel ofício, lápis, caneta, pincéis, computador, celular, Data show, cola, fita adesiva, tnt, tesoura, EVA com glíter e sem glíter.</td><td>Café, achocolatado, bolos, salgados, sucos, refrigerantes,...
Copos, pratos e colheres descartáveis, guardanapos.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Metodologia procedimental</td></tr>
</table>

Antes de iniciar o Estudante recebeu um link acerca do ensino de Filosofia e das incertezas. 1ª etapa – Apresentação do tema incerteza e conhecimento por meio da exposição dialogada (utilizando de uma situação problema relacionada à Covid 19; três imagens e dois questionamentos). 2ª etapa – Organização dos grupos de estudo do texto (já enviado pelo *WhatsApp)* e dos elementos para o café do dia da culminância; 3ª etapa – Organização e distribuição via sorteio dos subtemas relacionado às incertezas e como enfrenta-las na perspectiva de Edgar Morin; 4ª etapa – Leitura e estudo em grupo apresentando as produções e/ou dúvidas que foram surgindo com a leitura; 5ª etapa – Culminância com a roda de conversa e o café coletivo organizado pela turma.
Avaliação
Processual: o estudante será observado durante o processo e a partir de relatório após sua explicação/ exposição ou colocação acerca das incertezas na roda de conversa ("Café com Filosofia") na culminância do estudo. Formativa: a partir dos formulários e de questões elaboradas com base no tema "Enfrentar as incertezas" na perspectiva Filosófica de Edgar Morin. Formulário acerca do Ensino de Filosofia e as incertezas: https://docs.google.com/forms/u/2/d/e/1FAIpQLSdSMm9FJ2_RAOvb9nWMoz57ynUuHhdSE9CgD_2eU_DONAe28A/viewform (Aberto de 10/11/2022 a 05/12/2022). Formulário de avaliação: Filosofia no "Café com Filosofia" (google.com). (Aberto de 20/03/2023 a 27/03/2023)
Referências
Formulário acerca do Ensino de Filosofia e as incertezas: https://docs.google.com/forms/u/2/d/e/1FAIpQLSdSMm9FJ2_RAOvb9nWMoz57ynUuHhdSE9CgD_2eU_DONAe28A/viewform (Aberto de 10/11/2022 a 05/12/2022). Formulário de avaliação: Filosofia no "Café com Filosofia" (google.com). (Aberto de 20/03/2023 a 27/03/2023) MORIN, Edgar. Enfrentar as incertezas. In: Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 2 ed. rev. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Páginas 78-92. NUBANK. **O mundo pós-pandemia**: 5 mudanças sociais que prometem ser duradouras. Blog: 08 fev 21. Disponível: https://backend.blog.nubank.com.br/o-mundo-pos-pandemia-5-mudancas-sociais-que-prometem-ser-duradouras/. Acesso: 03 nov. 2022. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. As incertezas da Existência Humana na Atualidade. In: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Filosofia. 2ª série do Ensino Médio. 2012 [slides]. Disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww1.educacao.pe.gov.br%2Fcpar%2FProfessorAutor%2FFilosofia%2FFilosofia%2520%2520I%2520%25202%25C2%25BA%2520ano%2520%2520I%2520%2520M%25C3%25A9dio%2FAs%2520incertezas%2520da%2520Exist%25C3%25AAncia%2520Humana%2520na%2520Atualidade.pptx&wdOrigin=BROWSELINK>. Acesso: 04 Nov. 2022.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora em outubro/novembro de 2022.

2. Sequência didática do Plano de intervenção do Mestrado 2022-2024	
Escola:	EREM Jacob Antônio de Oliveira
Área do conhecimento:	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Disciplina:	Filosofia
Série/ano:	3º ano A 2023
Professor/a:	Ana Maria Alves Santos da Luz
Duração	3 semanas ou 4h/a – Período de 17/04 a 09/05/2023

Conteúdo

Projeto de Mestrado: O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN
Tema: **Ética do gênero humano**
Pergunta norteadora: "O que ética?"
Subtemas: dilemas éticos, ética humana, valores, democracia, cidadania;
O circuito indivíduo/sociedade: ensinar a democracia; O circuito indivíduo/espécie: ensinar a cidadania terrena; A humanidade como destino planetário.
Conteúdos do segundo bimestre que serão contemplados:
Ética: a criação dos valores; Ética e Moral: teoria dos valores; Ética e Direitos Humanos; Os filósofos cujo pensamento trata dos temas abordados nesse bimestre - Edgar Morin, Aristóteles (*grifos nossos*).

Objetivos / Expectativa de Aprendizagens (Reorganização Curricular, 2020).

EA1 - Compreender o papel dos valores na formação da identidade.
EA2 - Reconhecer a relação da cultura com a formação dos valores.
EA3 - Distinguir e relacionar ética e moral
EA4 - Analisar e discutir atitudes éticas em situações cotidianas.
EA8 – Fazer aproximações com autores da história da Filosofia e seus contextos históricos e sociais.

Recursos didáticos	Outros recursos:
Caderno, papel ofício, lápis, caneta, pincéis, computador, celular, Data show, cola, fita adesiva, tnt, tesoura, EVA com glíter e sem glíter.	Café, achocolatado, bolos, salgados, sucos, refrigerantes,... Copos, pratos e colheres descartáveis, guardanapos.

Metodologia procedimental

Antes de iniciar o Estudante recebeu um link acerca do Ensino de Filosofia e dos dilemas éticos.
1ª etapa – Apresentação do tema "Ética do gênero humano" por meio da exposição dialogada (utilizando de uma situação problema relacionada aos dilemas éticos; quadrinhos de Calvin & Hobbes; e dois questionamentos).
2ª etapa – Organização dos grupos de estudo do texto (já enviado pelo *WhatsApp)* e dos elementos para o café do dia da culminância;
3ª etapa – Organização e distribuição via sorteio dos subtemas relacionado à Ética na perspectiva filosófica de Edgar Morin;
4ª etapa – Leitura e estudo em grupo apresentando as produções e/ou dúvidas que foram surgindo com a leitura;
5ª etapa – Culminância com a roda de conversa e o café coletivo organizado pela turma.

Avaliação

Processual: o estudante será observado durante o processo e a partir de relatório após sua explicação/ exposição ou colocação acerca da ética na roda de conversa ("Café com Filosofia") na culminância do estudo.
Formativa: a partir dos formulários e de questões elaboradas com base no tema "Ética do gênero humano" na perspectiva Filosófica de Edgar Morin.
Formulário acerca do Ensino de Filosofia e a ética: Filosofia no "Café com Filosofia" (google.com). (Aberto de 08/05/2023 a 15/05/2023).

Referências

BARCAT, George. Dilemas Éticos das Sociedades contemporâneas. 10 de abril de 2012, Equipe Inclusive. Disponível em:https:www.inclusive.org.br/arquivos/22336. Acesso em: 23 fev. 2023.

COLAR NA PROVA. Seja a exceção: Calvin e Hobbes. Publicado em 13/11/2013. Disponível em: https://sejaaexcecao.blogspot.com/2013/11/calvin-e-hobbes-colar-na-prova.html Acesso em: 23 Fev. 2023.

Formulário de avaliação: Filosofia no “Café com Filosofia” (google.com). (Aberto de 08/05/2023 a 15/05/2023).

MORIN, Edgar. Ética do gênero humano. In: Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 2 ed. rev. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Páginas 105-115.

SANTOS, Nivaldo R. **Ética cristã.** Aula 01**.** Publicado: 08/06/2015. Disponível em: https://pt.slideshare.net/NRSAO/tica-crist-aula-01#7. Acesso em: 23 Fev. 2023.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora em abril/maio de 2023.

ANEXO B

RUBRICA

Roda de Conversa no "Café com Filosofia" – Rubrica do ____ Ano. Turma ____ de 202___.

Critérios de avaliação para o "Café com Filosofia" – Tema: _____									
Subtema e palavras Chaves	Pensador /filósofo	Equipe	Estudo	Pesquisa	Apresentação			Participação	Atividade
	Edgar Morin	1.	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não	( ) Ótima	( ) Boa	( ) Regular	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não
		2.	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não	( ) Ótima	( ) Boa	( ) Regular	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não
		3	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não	( ) Ótima	( ) Boa	( ) Regular	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não
		4	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não	( ) Ótima	( ) Boa	( ) Regular	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não
		5	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não	( ) Ótima	( ) Boa	( ) Regular	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não
		6	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não	( ) Ótima	( ) Boa	( ) Regular	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não
		7	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não	( ) Ótima	( ) Boa	( ) Regular	( )Sim ( )Não	( )Sim ( )Não
Rubricas de avaliação coletiva	A equipe destacou os **pontos principais** ou **relevantes** (conceitos, características e ideias centrais) durante apresentação?							( ) Sim ( ) Não ( )Em partes	
	As outras equipes se manifestaram **positivamente** durante a apresentação desta equipe?							( )Sim ( )Não ( )Em partes	
	As outras equipes se manifestaram **negativamente** durante a apresentação desta equipe?							( )Sim ( )Não ( )Em partes	
Ideias centrais do texto.									
Outras observações com relação à preparação e as colocações do estudante durante o processo e a roda de conversa no "Café com Filosofia".									

Fonte: Elaborada pela pesquisadora em outubro/novembro de 2022.

ANEXO C

IMAGENS 2º ANO A (2022)

Estudo em grupo realizado por estudantes do 2º ano A (2022) dentro e fora de sala de aula se preparando para a roda de conversa sobre o tema "Enfrentar as Incertezas" do Filosofo Edgar Morin (2000). Imagens registradas e editadas pela autora em 11 de novembro de 2022.

Turma do 2º ano A na Roda de conversa no "Café com Filosofia" sobre o tema "Enfrentar as Incertezas" do Filosofo Edgar Morin (2000). Imagem registrada e editada pela autora em 29 de novembro de 2022.

Imagem panorâmica do 2º ano A (2022) na Roda de conversa do "Café com Filosofia" sobre o tema "Enfrentar as Incertezas" do Filosofo Edgar Morin (2000). Imagem registrada e editada pela autora em 29 de novembro de 2022.

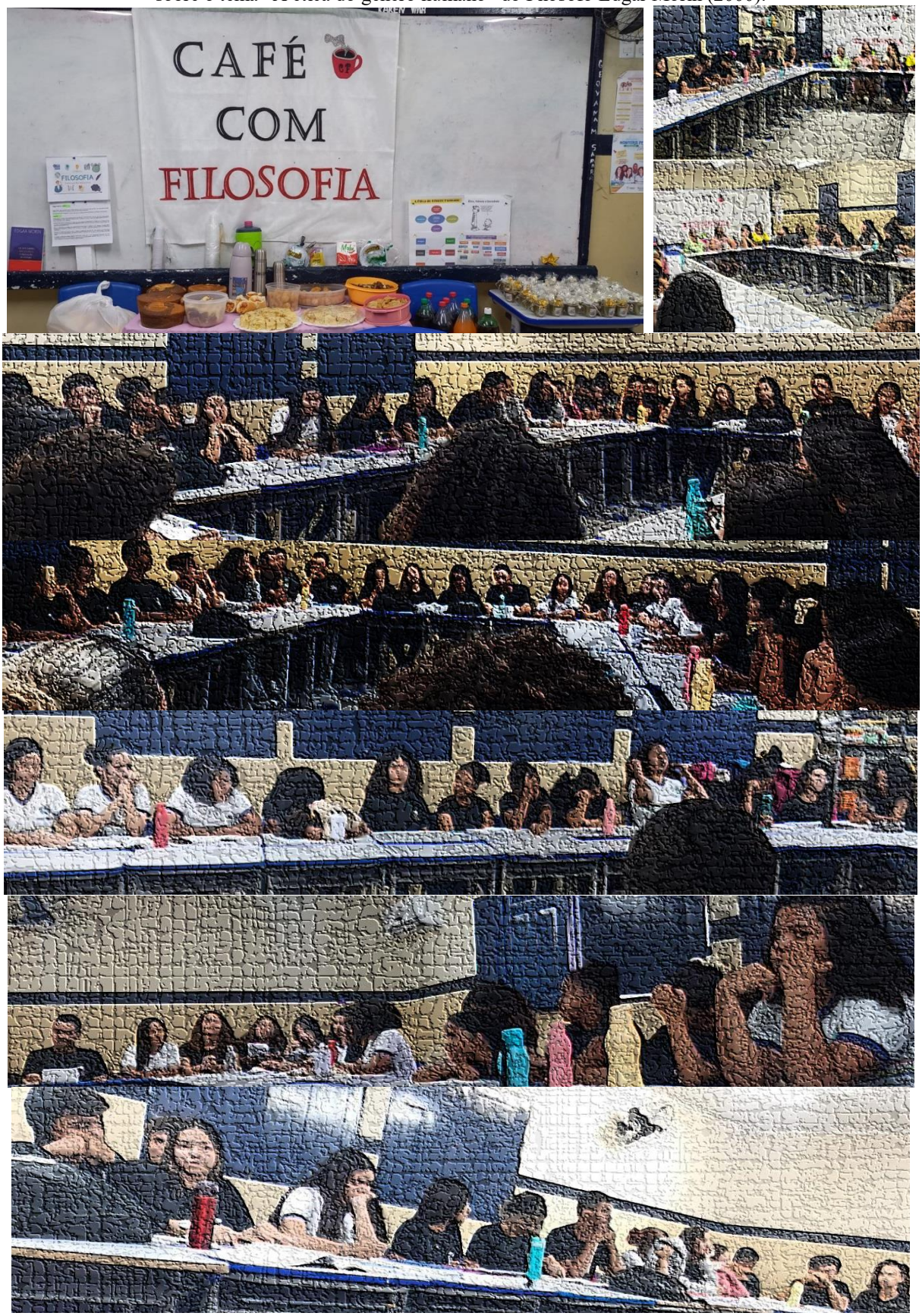
ANEXO D

IMAGENS 3º ANO A (2023)

A) Imagens dos estudantes do 3º ano A (2023) ocupando diferentes ambientes nos momentos de leitura e estudo em grupo – 2ª a 4ª etapa do ““Café com Filosofia”” sobre o tema “A ética do gênero humano” do Filósofo Edgar Morin (2000).

Imagens registradas e editadas pela autora em 11 de maio de 2023.

B) Imagens do ambiente e dos estudantes 3º ano A (2023) durante a roda de conversa do “Café com Filosofia” sobre o tema “A ética do gênero humano” do Filósofo Edgar Morin (2000).



Imagens registradas e editadas pela autora em 19 de maio de 2023.